

Patricia Guerrero

"CANOA NÃO É FORÇA, É OPINIÃO"

O Vale do Jequitinhonha contado e cantado por canoeiros

Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas sob a orientação da Prof^ª. Dr^ª. Emília Pietrafesa de Godoi.

Este exemplar corresponde à redação final da tese defendida e aprovada pela Comissão Julgadora em 22/08/2000

BANCA

Prof.^ª Dr.^ª. Emília Pietrafesa de Godoi

Prof.^ª Dr.^ª. Neusa Maria Mendes de Gusmão

Prof.^ª Dr.^ª. Maria Suelly Kofes

Agosto/2000

Patricia Guerrero

"CANOA NÃO É FORÇA, É OPINIÃO"

O Vale do Jequitinhonha contado e cantado por canoeiros

Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Emília Pietrafesa de Godoi.

Este exemplar corresponde à redação final da tese defendida e aprovada pela Comissão Julgadora em 22/08/2000

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

BANCA



Prof.^a Dr.^a. Emília Pietrafesa de Godoi


Prof.^a. Dr.^a. Neusa Maria Mendes de Gusmão


Prof.^a. Dr.^a. Maria Suelly Kofes

Agosto/2000

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

UNIDADE BC
 CHAMADA:
UNICAMP
937c
 Ex.
 COMBO BC/ 43467
 ROC. 16-392101
 C D
 REC# R\$ 11,00
 DATA 26/04/01
 I.º OPD



CM-00153347-7

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DO IFCH - UNICAMP

937
 G967c

Guerrero, Patricia
 Canoa não é força, é opinião: o Vale do Jequitinhonha
 contado e cantado por canoeiros. - - Campinas, SP: [s.n.], 2000.

Orientador: Emília Pietrafesa de Godoi.
 Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campi-
 nas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Memória - Aspectos Sociais. 2. Pesquisa Antropoló-
 gica - Brasil. 3. Sertanejo - Usos e Costumes. I. Godoi, Emília
 Pietrafesa de . II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de
 Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

Resumo

O Vale do Jequitinhonha, região situada no nordeste de Minas Gerais, há anos vem carregando os problemas da seca e o estigma de miserável que têm marcado, profundamente, as narrativas e os discursos produzidos sobre o Vale.

Dentre os inúmeros sujeitos presentes neste universo, pretende-se, com essa pesquisa, compreender o Vale através do olhar dos canoeiros do rio Jequitinhonha e, mais especificamente, da memória social e dos discursos e narrativas por eles produzidos, de modo a conhecermos um pouco a história do Vale contada por pessoas que dele fazem parte.

É importante salientar que, nesse trabalho sobre memória de canoeiros, o rio aparece como um dos elementos principais, senão o principal, para pensarmos o processo de rememoração pois, além de permear, é ele quem conduz, na maioria das vezes, a narrativa.

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SECÃO CIRCULANTE

*Aos meus pais, Antônio Carlos e Ana Maria, por todo amor, carinho e cumplicidade que
nos unem e por toda a força e fé que os sustentam...*

*A Maria de Fátima Marques, Fatinha, por lutar, cantando, para que a beleza das gentes e
das terras do Vale do Jequitinhonha sejam conhecidas por esse país afora...*

SUMÁRIO

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SECÃO CIRCULANTE

Agradecimentos.....1

Introdução 4

Roteiro de Viagem 11

I – Embarque: Vale, Rio, Sertão

Vale do Jequitinhonha: Cenários e Personagens.....17

II – Descendo o Rio Com os Canoeiros

1. Nascente 39

2. "A Canoa rompe, rompe, rompe..." 47

3. "Precisa da pessoa sê forçoso" 56

4. "O rio, naquela época, era muito fundo..." 59

III – Lá Vem o Caldeirão!!! 65

1. Primeira Parada: 1996 66

2. Segunda Parada: 1999 70

3. Araçuaí: Terra de Canoeiros e de Luciana Teixeira 86

IV- Paisagens: A Canoa e o Sertão

1. O Encontro de Dois Rios 95

2. O Encontro de Duas Histórias 99

V – Foz: À Guisa de Conclusão 121

VI - Bibliografia..... 131

ANEXOS

1. Reflexos de Um Encontro.....	10
2. Mapas	
2.1 Macrorregião VII - Jequitinhonha: Minha Área de Pesquisa.....	16
2.2 O Vale do Jequitinhonha no Estado de Minas Gerais.....	127
2.3 Cidades do Vale do Jequitinhonha.....	128
3. Índice das Fotos.....	129

Agradecimentos

*"Quem irá me valer, são pessoas é a caminhada
Quem irá me valer, são meus sonhos no pó da estrada
Quem irá me valer, é o sorriso que guardo comigo
Quem irá me valer, é o segredo de fazer amigos."*

Milton Nascimento

Agradecer a todas as pessoas que me acompanharam, me inspiraram e se envolveram neste trabalho não é uma tarefa das mais fáceis, mas, com certeza, uma das mais importantes.

Tive a felicidade de encontrar em vários lugares e em vários momentos dessa pesquisa, pessoas especiais com as quais muito aprendi e muito compartilhei. O apoio de todas foi de fundamental e essencial importância para a realização deste trabalho e, principalmente, para a sua finalização.

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer aos canoieiros Gisério, Odilo Paulo, Osvaldo, Mané Preto e Dema, por me contarem suas histórias e me ensinarem que a *opinião* não é apenas uma palavra, mas uma forma de vida e um caminho a seguir...

Gostaria de agradecer, também, ao professor Carlos Rodrigues Brandão por suas palavras, carregadas de encantamento, despertarem em mim o desejo de conhecer o Vale do Jequitinhonha. Foi assim que tudo começou.

A Gabi e Ivan pelas deliciosas e instigantes conversas que transformaram este desejo numa viagem rumo ao Vale. A Izinho e Guilardo, de Belo Horizonte, por me fornecerem os primeiros contatos nesta terra.

À pessoas queridas da cidade de Araçuaí: dona Odete, Zefa, Tião, dona Zina, dona Cléa, Nilton Curió, seu João Batista, Geralda Soares, dona Jovi, Nenê Torera, seu Serafim, dona Vidi, Cacá, Sá Luíza, pelas conversas, cafezinhos, pouso, causos e rezas. Aos queridos amigos do Coral Trovadores do Vale. É sempre uma alegria vê-los e ouvi-los cantar.

Um agradecimento muito especial à família Marques, minha família no Vale: dona Mariinha, Fatinha, "Liana", Míriam, Paulinho, João, Nenga, Fernando, Joice e Juninho. Obrigada por todo carinho, todo cuidado e pela amizade que segue além desta pesquisa.

Aos amigos de Santo Antônio do Jacinto, especialmente Nízia e Edna. Lindon Célio, dona Maria e Fati, de Minas Novas. Dona Esmeralda, seu Bruno, Aninha, Kelly, dona Maria e dona Isabel, de Santana do Araçuaí. Ulisses, dona Estela e doutor Joaquim, de Itinga. Sander e dona

Aninha, de Berilo. Seu Manel, dona Nair e Nilton, de Chapada do Norte. Obrigada por me receberem em suas casas e cidades e por compartilharem comigo suas histórias.

Elaine e César, de Belo Horizonte, pela atenção e pela prontidão com que me enviaram textos referentes ao Vale.

A Andréa Borghi, querida amiga, com quem pude compartilhar histórias e leituras do Jequitinhonha com as do sertão de Guimarães Rosa.

A Carol que, mesmo distante, está sempre presente. Obrigada pelo livro e pelo Buriti.

Aos amigos Sadao e Ana Paula, pelas poesias e conversas que muito inspiraram a tecedura da trama deste texto.

Ao CNPQ, que através da bolsa concedida, me auxiliou financeiramente durante o curso.

À professora Suely Kofes, pela orientação cuidadosa no início deste trabalho, por ter apontado o rio como um caminho para esta pesquisa, e por sua compreensão quando do meu afastamento.

À professora Emília Pietrafesa de Godoi, pela dedicação, carinho e cuidado com que conduziu a orientação desta pesquisa. E, principalmente, por reacender, em mim, a paixão necessária para que eu voltasse a escrever.

A Cristina, secretária da Pós-Graduação, pela atenção e gentileza com que me orientou a resolver as questões burocráticas.

Vanda, querida amiga e companheira das terras do Jequitinhonha, seu entusiasmo e sua força foram preciosos nos momentos finais da elaboração deste texto.

A Alci, cuja presença e cuidado foram fundamentais em todo esse processo. A você, meu carinho e minha eterna gratidão.

Ao Daniel, querido companheiro, que navegou comigo pelas águas do Jequitinhonha e que acredita, tanto quanto eu, que a beleza, a *opinião*, a simplicidade são caminhos; caminhos a serem seguidos pela vida afora. Minha mais terna gratidão pela paciência, disposição e pelo carinho com que cuidou da parte gráfica deste trabalho.

Aos queridos amigos do Warã, por me fazerem acreditar que a realidade do sonho começa numa grande roda, numa linda ciranda, onde os olhos e os corações se encontram.

A todos do Vale, a todos os amigos e familiares, o meu eterno carinho e a minha gratidão.

"O sertão, ele: cenário, útero, mundo, cosmo, tudo, lugar que vive a sua vida em nós, através de nós, mas também sem nós, se quiser, ele gera, cria e mata. Ele é a lição sem a precisão de ensino algum, dado que a vida que se vive nele, perigosa, provisória e imprevisível, já é a lição que se aprende nem antes nem depois, como véspera ou como memória, mas no viver mesmo, em si, a cada passo, em cada página.

Por isso, um grande rio é bom - São Francisco, Paracatu, Urucuia [Jequitinhonha] - porque estando todo no sertão como os homens, ele o atravessa, definitivo: chega a um lugar: outro rio, um mar, um rio que vai ao mar. Ele interrompe o sertão, divide-o ao meio. Tudo se passa de um lado e do outro do São Francisco. O sertão pode com tudo, menos com seus rios."

(Brandão, 1998)

Introdução

"Minha mãe achava estudo a coisa mais fina do mundo. Não é. A coisa mais fina do mundo, é o sentimento."

Adélia Prado

Antes de iniciar este trabalho, gostaria de fazer algumas considerações sobre a minha passagem pelo Vale do Jequitinhonha.

O início dessa pesquisa se deu de forma itinerante e fragmentada. Percorri várias cidades procurando encontrar um possível “fator” ou “elemento” que conferisse ao Vale uma unidade e uma identidade própria que fosse mais marcante, embora menos aparente, do que sua condição de pobreza.¹

A minha primeira busca, que julguei ser um possível caminho, foi pelas diversas manifestações artísticas presentes no Vale, que incluía desde o artesanato, tecelagem, literatura, dança, até grupos de música e teatro. Tencionava observar e encontrar no Vale manifestações que se afirmassem culturalmente, não apenas com palavras, mas com outros signos e símbolos culturais.

Um olhar mais interpretativo da “cultura” do Jequitinhonha era, para mim, uma primeira pista para conhecê-lo sob outros signos, sem os estigmas, nomes e qualificativos (ou desqualificativos) pelos quais é comumente conhecido.

E assim, inspirada nas leituras de trabalhos de C. Geertz² (1989), parti em busca de textos significativos: artefatos, canções, gestos, comportamentos, acontecimentos sociais, símbolos sócio-culturais.

Confesso que foi uma tentativa um tanto ambiciosa: queria conhecer “todo” o Vale a fim de desvendar e compreender suas diferenças, ao mesmo tempo em que tencionava encontrar “algo” que o unificasse.

Por um momento, me esqueci que era possível fazer recortes e preferi essa idéia de que, para conhecer o Vale, eu precisaria conhecê-lo todo ou, pelo menos, um pouco de cada uma de

¹ A primeira foi Araçuaí, depois seguiram-se Jequitinhonha, Santana do Araçuaí, Itinga, Berilo, Chapada do Norte, Santo Antônio do Jacinto, Minas Novas, Jacinto e Jordânia.

² Para Geertz, todos os aspectos de uma cultura, da realidade vivida por uma coletividade, bem como os gestos e as atitudes das pessoas são “textos” a serem lidos e interpretados pelo pesquisador.

suas subregiões, as quais se convencionou chamar: Alto, Médio e Baixo Jequitinhonha. Por isso viajei tanto.

Eu precisava de dados para comprovar a existência de um Vale diverso e complementar e, para isso, precisava juntar as peças do quebra-cabeça, sem perceber que, esse quebra-cabeça, de infinitas peças, jamais me permitiria formar um único quadro, nem me possibilitaria apenas uma única versão das muitas imagens formadas por ele.

Parei, então, de querer achar respostas e novos lugares que as tivessem. Acabei parando em Araçuaí, cidade que, por sinal, havia se tornado o meu ponto de referência no Vale do Jequitinhonha desde a primeira vez em que lá estive, além de me parecer, a um só tempo, a mais reveladora e a mais “familiar”. Até que dois acontecimentos me mostraram que a distância permanecia, denunciando e afirmando a minha condição de estrangeira que os olhares das pessoas denunciavam e eu não percebia.

Aliás, nas minhas andanças pelo Vale fui surpreendida, várias vezes, pelos seus olhares: fui *estrangeira*, fui *de casa*, *ispiculadora*, *Antropóloga da Unicamp*, *jornalista*, *amiga*, *a menina*, *pesquisadora de São Paulo...*

Quando eu achava que já fazia parte do “sistema do lugar” e da vida da cidade de Araçuaí, me senti a mais estrangeira de todas as criaturas, tamanho foi o grau de estranhamento quando um garoto da cidade, de 13 anos, aproximadamente, me perguntou: “Você é americana?”

Confesso que levei um choque, eu tinha consciência de que era diferente, eu não era de lá e isto estava estampado no meu rosto, nas minhas roupas, minha fala, meu jeito. Era estrangeira naquela terra, mas não esperava que fosse tanto, ainda mais naquele momento, quando tudo me parecia tão familiar. Mas não era.

Fiquei imaginando que seria por causa dos meus complementos e “adendos” antropológicos: caderno de campo, máquina fotográfica, gravador, que já se apresentavam como uma espécie de extensão do meu corpo, levados a tiracolo num “embornal” para todo lugar que eu ia. O fato é que, quando ele me fez essa pergunta, desconstruiu a posição relativamente familiar e estável que eu julgava ter “conquistado” em Araçuaí.

Nesse momento, nada me pareceu tão frágil quanto a “familiaridade” que eu imaginava ter adquirido no campo. Eu continuava a ser estrangeira, eu não pertencia àquele lugar, e nem poderia ser o contrário.

Mas, como isso tinha sido apenas só uma vez, me recompus e voltei ao trabalho, me deliciando novamente com as palavras e com a descoberta e o registro da linguagem sertaneja, com os gestos, a maneira de falar, a composição dos cômodos, das paredes das casas, dos objetos expostos, da luz oblíqua da sala onde as conversas se travavam. Tudo, pensava eu, sob o olhar atento da antropóloga de segunda viagem, sem perceber que, quem eu observava, também me refletia e descrever-me-ia quando eu já não estivesse mais lá.

O encontro entre a pesquisadora e uma moradora de Araçuaí virou texto³, um caso, no “informativo caipira” do jornal da cidade e expôs a antropóloga aos olhares dos observados. Percebi que nesse encontro, nós nos interpretamos. E, pelo visto, meu ofício de etnógrafa, não teve muito significado para dona Zina, minha interlocutora, mas só fui descobrir isso na hora da despedida quando ela me disse: “não vai agora não, eu não tô fazendo nada, você também não tá”. Mais uma vez o estranhamento...

Essas situações refletem um pouco a metodologia empregada nesta pesquisa. Apesar do estranhamento presente em algumas situações, a interação, o encontro, a relação dialógica entre pesquisador e sujeitos pesquisados foi de fundamental importância para a realização deste trabalho.

Fatos como estes demonstram que, a partir do momento em que se transforma *informante* em *interlocutor*, surge uma nova modalidade de relacionamento e, com isso, a possibilidade de ocorrer o “encontro etnográfico” (Cardoso de Oliveira, 1998).

Este encontro permite que o pesquisador e as pessoas envolvidas na pesquisa vivenciem, no decorrer do trabalho de campo, “uma experiência interativa de negociação de interesses, onde informações são trocadas como também afetividades, angústias, tensões, frustrações, etc”, porque o que ocorre, de fato, é um encontro de subjetividades (Eckert, 1994).

Neste sentido, o trabalho com história oral vem contribuir como uma forma de aproximar o estrangeiro e as gentes do lugar, já que não opera apenas como “técnica qualitativa de coleta de material”, como bem sublinha M. I. P. Queiroz (1988).

Esta autora, na sua definição de história oral, aponta para o sentido que pretendo dar a este termo nesta investigação: “*História oral*” é termo amplo que recobre uma quantidade de relatos a respeito de fatos não registrados por outro tipo de documentação, ou cuja documentação se quer completar. Colhida por meio de entrevistas de variada forma, ela registra a experiência de

³ Dona Zina, Virgínia Chaves, uma contadora e escritora de casos da cidade de Araçuaí, contou como foi o nosso “encontro” no jornal da cidade: “A Folha”. Este texto segue em anexo no final desta introdução.

um só indivíduo ou de diversos indivíduos de uma mesma coletividade. Neste último caso, busca-se uma convergência de relatos sobre um mesmo acontecimento ou sobre um período do tempo. (...) Na verdade, tudo quanto se narra oralmente é história, seja a história de alguém, seja a história de um grupo, seja história real, seja ela mítica” (Queiroz, 1988:19).

No decorrer do texto, os termos *relato* e *narrativa* são empregados com base no uso que C. Cardoso (1997) faz deles. Para o autor, relatar e narrar, “nos termos mais simples da expressão”, sugere “contar uma história”. Sendo assim, os termos relato e narrativa referem-se às histórias contadas pelos canoeiros, especialmente àquelas vividas em suas trajetórias pelos rios Jequitinhonha e Araçuai.

De fato, procurou-se tratar os sujeitos investigados como *atores sociais* (Feldman-Bianco, 1987) e não apenas como informantes. Essa preocupação esteve presente nas entrevistas realizadas nas casas dos moradores – com o uso do gravador, quando consentido –, nas conversas informais travadas nas ruas da cidade, em eventos culturais, na rodoviária, na beira do rio, e na observação do contexto de seus gestos e comportamentos, registrados posteriormente no diário de campo.

Foram realizadas onze entrevistas com canoeiros das cidades de Jequitinhonha, Itinga, Araçuai, Jacinto e Santo Antônio do Jacinto. Destas onze, cinco foram mais densas e substanciais por contarem com um tempo maior de conversa, às vezes com mais de uma visita, sem a interferência de fatores externos, e por se centrarem na trajetória desses homens pelo rio Jequitinhonha. No entanto, todos os outros relatos estarão sendo incorporados no texto, na medida em que possam enriquecer e complementar os demais relatos.⁴

Também foram feitas várias visitas a casas de outras pessoas, que não os canoeiros, a maioria regada a cafezinhos, outras a pinga com ou sem ervas mas, de qualquer forma, irrecusáveis pois seria falta de consideração com o dono da casa.

Em alguns momentos, a conversa estendia-se até a hora da refeição e, mais uma vez, a recusa seria imperdoável, já que um vínculo de amizade e reciprocidade havia sido estabelecido. Um fato que ocorreu em Minas Novas ilustra bem o que quero dizer.

⁴Os trechos de entrevistas e depoimentos estarão em itálico de forma a diferenciá-los do corpo do texto, o mesmo ocorrerá com as citações, sendo que nestas a fonte será mantida em tamanho normal. Nas transcrições de extratos das entrevistas, as intervenções da pesquisadora virão em negrito.

Numa tarde, fui ao Córrego da Roda (por sinal, sem uma gota d'água), com mais dois amigos. Fomos visitar dona Maria, uma artesã que mora nesse povoado de poucas casas e muita terra seca. De lá saímos para visitar outra artesã e, na volta, quando começava a escurecer, passamos para nos despedir de dona Maria. A comida – arroz, feijão e linguiça -, feita no fogão à lenha, estava praticamente pronta e ela nos convidou para comer em sua casa. Pelo avançado da hora, agradeci e já ia me despedindo quando ela me disse: “nóis semo amiga ou não semo?” E eu respondi: “semo”. E ela completou: “então cê vai comê em minha casa”. Pegamos um prato, uma colher, sentamos no chão da cozinha de terra batida e jantamos na casa de dona Maria.

No entanto, tal interação não tira do pesquisador o seu olhar crítico e atento, o seu “olhar etnográfico”, aquele “devidamente sensibilizado pela teoria disponível” (Cardoso de Oliveira, 1998). Dessa forma, até o material fotográfico, incorporado e distribuído ao longo desse texto, converte-se num documento etnográfico, e não mera ilustração, apresentando situações e momentos vividos, cenários e personagens, pessoas e paisagens do Vale do Jequitinhonha.

O trabalho de campo foi realizado em dois tempos. Num primeiro momento, foram feitas diversas viagens ao Vale, de aproximadamente quinze dias cada, nas quais eu visitava várias cidades, como exposto no início desta introdução. Este primeiro tempo se estendeu de maio de 1996 a junho de 1998. O segundo momento da pesquisa se deu no mês de julho de 1999, tendo centrado-se, desta vez, na cidade de Araçuaí.

Como já disse anteriormente, desisti do caminho inicial, mas sem me desviar ou afastar das narrativas e do desejo de “ouvir” do Vale o que ele tem a falar sobre si mesmo. Gostaria de deixar claro que em nenhum momento, neste trabalho, pretendi excluir do Vale do Jequitinhonha a sua realidade mais aparente e transparente, que é a de uma região empobrecida e com sérios problemas de ordem infra-estrutural, mas também quero salientar que não é essa realidade na qual vou centrar meu olhar.

Ela é apenas o cenário ou um dos cenários desse trabalho, e não o personagem principal que, na verdade, também não é único, são vários: os canoeiros, o rio, o sertão, o Vale e suas histórias.

Lendo alguns trabalhos acadêmicos sobre o Vale do Jequitinhonha, pude perceber que muitos deles costumam salientar e ressaltar um “apesar de”, remetendo a outro ideário e imaginário que procura desviar o olhar e o sentido do leitor daquele discurso comum e recorrente

de miséria e pobreza, para um outro discurso que é o de uma beleza acentuada presente nas entrelinhas, nos meandros, nas dobras, nas linhas, nas veias do Vale. Beleza, esta, presente na arte e na vida do povo, presente no modo das pessoas se relacionarem umas com as outras e na *opinião* que as mantém inteiras, sem esmorecer, “apesar de”.

O que me levou ao Vale não foi a pobreza, nem a miséria, nem a fome. Foi a terra, as pessoas e suas histórias de vida. O que me levou ao Vale, foi a beleza de sua terra e de sua gente.

INFORMATIVO CAIPIRA

VIRGÍNIA CHAVES

Em setembro estive em minha casa uma pesquisadora de São Paulo para saber dos nossos usos e costumes, de nossa linguagem popular.

Como mineira caipira do Vale do Jequitinhonha que sou, coleciono um Mundo Vêio de nossas caipiradas - assunta só.

Por inzempo - por exemplo - levêm eu com:

Formar da estrada, pisear a mula, queimar o chão - viajar.

Limpar o beco, tomar o cabelo - desocupar, sair do lugar.

Vai que é mole - coisa fácil de se conseguir.

Pega prá-capá, sururu, fedeu-biba, cheiro de faca, quebra-pau - briga feia, discussão acalorada.

Horne agreste - homem agressivo.

Crendospade - creio em Deus padre.

Leva-e-trás - fuxiqueiro, futricando fuxicando.

Azangado do estômbo - com má digestão.

Deu no pé, cascou fora - correu, fugiu.

Intesou, rebitou o cabo - sumiu - sair e desaparecer.

Istradia memo - outro dia mesmo.

Supapo - murro, soco no queixo.

Caôio - vesgo, Zói - olho, Dordói - dor de olhos.

Curruscuba - inteligente, vivo.

Pintankió veaco - mau pagador, veihaco.

Amarrou no cabo do veado - dívida que não se recebe mais.

Pindafba - falta de dinheiro.

Tá na pió - fracassado.

Caíu do cacho - perdeu o prestígio.

Tá no papo - vitória certa na política.

Óia só - veja só. Tô retado da vida - furioso, com raiva.

Coxar de pau, muê ele - dar uma pauladas, uma surra.

Uêra, uêra - vaia. Cala-boca - como - revólver.

Protelar - enrolar - pobrema - problema. Cabeça - puba - grisalho. Tinindo de rochedo - bem de saúde, ótimo.

Encostar o babo na cerca, bater as botas, esticar as canelas, pifar, alugar os 7 palmos - mor-

rer, verter água - urinar. Pagar o véi - ir ao banheiro. panhá - fulô - fazer as necessidades no mato.

Cabiceiro - trabesseiro. Enxergão - coleção.

Inxurri - diarreia. Esparrachado - achatado.

Carne de pescoço - pessoa ruim. É lasqueira! admiração.

Nome da pelada - desgraça, desgraçada. Benzadeus, benzatedeus - Deus te abençoe. Cortando cabo de bode - dar jeito para não cumprir qualquer obrigação.

Locé - almofadinha, bem vestido. Futlota - traje domingueiro.

Quetou o facho - acomodou. Sapecar o tapa pra cara abaixo - bater no rosto de alguém. Comer de concha, nadar de bracaada - arranjear as coisas com facilidade. Tochau! - se deu mal.

Doutor de meia - tigeja - incompetente. Zutado - chateado.

João-goíó - gongolô. Trupicou - tropeçou. Virou uma taca - sumiu.

- É costume por aqui, em casamento, aniversário e nascimento principalmente, de "minino - home", o dono da casa descarregar o "cala-boca-corno" pra ar, em sinal de alegria. Isto só nas roças, porque na cidade, "Vixe-Maria, a poifeia "breca" (toma) a arma, uai.

Outro costume - quando a mulher está demorando no parto, ter a criança, faz uma rodilha da **camisa** do **marido** e senta em cima. Num instante despacha.

Eu e a pesquisadora conversamos o tempo todo na linguagem que ela queria. E ainda fiquei muito "trem" sem falar. Já com a goela garganta) seca, pedi minha secretária para nos servir um livão (refresco de limão), madrucido no pé (amadurecido no pé), bom para quem tá "acalorado" (sentindo calor).

Terminada a prosa, "quandefé de si" (quando dei fé de mim sapequei meu "jamegão" (assinatura) no assento dela (no caderno de anotações dela).

"Adispois" (depois), cum bijim pra cá, bijim prá lá (beijinho pra cá, beijinho pra lá), a ispiculadora (pesquisadora) "tombou o cabelo" (se despediu) - Ti a a u!... Brigada! (obrigada)! Inté lá em Sun Paulo!

Roteiro de Viagem

O Vale do Jequitinhonha, região situada no noroeste do estado de Minas Gerais, há anos vem carregando os problemas decorrentes da seca e o estigma de miserável que têm marcado profundamente os discursos produzidos a seu respeito.

Dentre os inúmeros sujeitos presentes nesse universo, pretendo, com essa pesquisa, compreender o Vale através dos canoeiros do rio Jequitinhonha e, mais especificamente, da memória social e dos discursos e narrativas produzidos por eles, de modo a trazer ao conhecimento um pouco da história do Vale contada por pessoas que dele fazem parte.

Através de depoimentos dos canoeiros, procurarei aliar e entrelaçar sua história pessoal com a história do lugar. É importante salientar que, nesse trabalho sobre memória de canoeiros, o rio aparece como um dos elementos principais, senão o principal, para se pensar o processo de rememoração, pois, além de permear, é ele quem conduz, na maioria das vezes, a narrativa.

Dessa forma, ao reconstruir a sua história, o canoeiro reconstrói também uma história do rio e uma história do Vale do Jequitinhonha, bem como deixa transparecer, através de seu discurso, o contraste, tanto histórico quanto geográfico, presente nessa região. A proposta desse trabalho é, portanto, contar o Vale do Jequitinhonha através do olhar do canoeiro e procurar entender como se dá esse seu processo de rememoração e de reconstrução do passado.

Embora os canoeiros sejam os condutores das narrativas sobre o Vale do Jequitinhonha, o seu olhar não é o único olhar, nem a sua voz a única voz dessa pesquisa, mesmo porque, no decurso dessa investigação, e também durante os relatos dos canoeiros, outros sujeitos vão surgindo, outras falas – e vozes – vão se entrecruzando, ao mesmo tempo em que outras histórias vão se entrececendo às por eles contadas.

A frase do canoeiro enunciada no título deste trabalho: “Canoa não é força, é opinião”, resume não só o sentido e o significado que este ofício ocupou e ocupa na vida e na memória dos sujeitos dessa pesquisa, mas o sentido e o significado que o próprio cenário da pesquisa, o sertão mineiro, imprime nas pessoas que compõem este universo.

Por outro lado, esta frase, ou mais precisamente o termo *opinião*, reconfigura os estereótipos e os estigmas que têm marcado os discursos produzidos sobre o Vale. Ele possibilita uma nova maneira de olhá-lo e percebê-lo.

Este termo possui, ao mesmo tempo, um significado específico e múltiplo à medida em que congrega e se desdobra em outras forças, como a força moral e, em outros valores como: honra, orgulho, vergonha, determinação, convicção, dignidade e perseverança.

Sendo assim, o processo de rememoração e de reconstrução do passado dos canoeiros, além de estar profundamente marcado pelo fluxo das águas do Jequitinhonha, onde o fio da memória vai se desenrolando ao longo da narrativa num movimento similar ao da canoa deslizando no rio, está, também, profundamente marcado pela força sobre-humana necessária para a realização deste movimento.

A *opinião* é algo que se estende além do ofício do canoeiro, ela não se esgota na sua trajetória pelo rio, mas percorre toda a sua vida bem como a vida das pessoas do Vale. É preciso, então, desafiar o rio, é preciso desafiar o Vale e o Sertão; é preciso superar os limites do corpo físico e até os limites que a própria natureza impõe ao homem para viver e sobreviver em regiões como a do Vale do Jequitinhonha. E, para isso, é preciso Ter muita *opinião*.

Para a divisão dos capítulos deste trabalho, imaginamos um roteiro de viagem pelo Vale do Jequitinhonha, ora guiados pelas narrativas dos canoeiros ora pelo próprio espaço que ocupam. Assim, esse trabalho foi dividido em quatro capítulos.

No primeiro capítulo, “*Vale, Rio, Sertão*”, o cenário desta pesquisa é privilegiado como uma forma de permitir um primeiro contato com a região estudada.

A intenção foi, então, a de apresentar o Vale do Jequitinhonha partindo do cenário ou melhor, de um cenário específico – no caso, a comunidade de Itira, da cidade de Araçuaí – e de um evento particular – a Romaria das Águas e da Terra – para, a partir daí, percorrer, nos capítulos seguintes, memórias, lembranças, cantigas e histórias de canoeiros e de outros personagens do Vale do Jequitinhonha.

Esta escolha não é aleatória. Ela pretende ser, de fato, uma porta de entrada para o Vale do Jequitinhonha. Também pretende descrever situações em que o rio assume o papel de personagem principal, deixando de ser apenas pano de fundo para as cenas que vão se desenrolando e se desdobrando no grande cenário que é o Vale do Jequitinhonha.

Volto a repetir que o enfoque dado neste primeiro capítulo é ao **cenário** que foi montado para o evento Romaria das Águas e da Terra e que foi se formando ao longo dele. E, por se tratar, especialmente, da descrição desse cenário e/ou dos cenários que compuseram esta Romaria, um dos recursos usados foi o de intercalar, e alternar, os discursos pronunciados no palco, pelos

organizadores e participantes oficiais do evento, com as observações de campo realizadas no seu decorrer; reservei a interpretação do evento para o final do capítulo.

O segundo capítulo, “*Descendo o rio com os canoeiros*”, vai procurar descrever e relatar, inicialmente, as experiências vividas no rio pelos canoeiros, procurando seguir o fluxo de suas lembranças que nos darão uma versão da história do Vale. Pretende-se, com isso, falar da travessia e do movimento que ela sugere. Movimento, este, que muito se assemelha ao processo de rememoração dos canoeiros desencadeado em suas narrativas.

Além de falar sobre a trajetória de vida dos canoeiros nos rios Jequitinhonha e Araçuaí, descrevendo o cotidiano no rio através de seus próprios relatos, neste capítulo, procurar-se-á, também, associar homem e natureza ao estabelecer uma correspondência entre canoa, rio e canoeiro.

Levando em consideração o exposto acima, optei, na medida do possível, por não fragmentar a fala dos canoeiros, não fazer recortes que pudessem quebrar a seqüência e a lógica interna presente no desenrolar do seu processo de rememoração. Mesmo porque, a intenção não é ilustrar com suas narrativas o que queremos dizer sobre eles (nossas idéias e inferências) mas, perceber, através de suas falas, como os elementos enunciados acima, aparecem em suas narrativas e qual a percepção histórica que revelam em seus relatos.

O terceiro capítulo, “*Lá vem o Caldeirão!*”, tratará, mais especificamente, do relato do canoeiro Mané Preto. Quanto à forma, ela muito se assemelha ao capítulo anterior, no entanto essa divisão fez-se necessária à medida em que sua narrativa apresentou momentos diferenciados, além de mostrar-se muito “colada” à história da cidade de Araçuaí. Fato que levou a incorporá-la a esta parte do trabalho.

Localizada no Médio Jequitinhonha, no coração do Vale, Araçuaí representa a instabilidade e a descontinuidade sócio-econômica presentes na região do Vale do Jequitinhonha. Como importante entreposto comercial no auge da navegação do rio Jequitinhonha, esta cidade foi símbolo do “progresso da região” e, hoje, carrega a fama do “já teve”, “já foi”, deixando nas ruas, nos becos, no antigo porto, marcas de seu passado.

Falar sobre os canoeiros do rio Jequitinhonha implica, necessariamente, em falar sobre a fundação da cidade de Araçuaí. E falar sobre a fundação desta cidade, implica em falar sobre Luciana Teixeira, antiga proprietária de terras na região.

Os relatos dos canoieiros sempre se reportam à história de Araçuaí. Conhecê-la ajuda a compreender, um pouco que seja, o processo sócio-histórico de ocupação e de desenvolvimento da região do Vale do Jequitinhonha. Além disso, é uma forma de perceber o imaginário das pessoas em relação aos personagens que fizeram história no Vale, como é o caso de Luciana Teixeira, interpretada e configurada de diferentes maneiras: de santa a meretriz.

O último capítulo, "*Paisagens: A Canoa e o Sertão*", está relacionado à história da navegação no rio Jequitinhonha e ao papel desempenhado pelos canoieiros no processo de ocupação e de desenvolvimento sócio-econômico e cultural da região. Neste percurso, será realizada uma comparação com o Vale do São Francisco por este apresentar características muito próximas às do Vale do Jequitinhonha. São dois sertões mineiros, dois vales, dois rios e dois personagens análogos: remeiros e canoieiros, os "navegantes da integração". Para isto, a pesquisa realizada por Zanoni Neves (1998), no Médio São Francisco, será de extrema importância.

Através de um levantamento histórico sobre a navegação no Rio São Francisco e sobre o trabalho dos remeiros ao longo de pelo menos dois séculos (meados do século XVIII até os anos 50 do século XX), Neves procura explicitar a contribuição desta categoria social para a integração econômica do Médio São Francisco.

O autor correlaciona o desenvolvimento econômico da região do Médio São Francisco – em sua fase embrionária – com a história da navegação e com o trabalho dos remeiros. Ao promoverem a integração campo/centros urbanos, as *barcas* possibilitaram a integração da região e desta à sociedade brasileira como um todo, o que coloca em questionamento as teses acerca do "isolamento" do Médio São Francisco, fato discutido por ele no livro.

Da mesma forma, os canoieiros do Vale do Jequitinhonha também desempenharam um papel importante no desenvolvimento econômico da região, além de possibilitarem a integração dos estados de Minas Gerais e Bahia, através do intercâmbio comercial efetuado, durante o século XIX, ao longo do rio Jequitinhonha.

No entanto, a história da navegação desse rio e o trabalho dos canoieiros, não nos induz ao questionamento de um possível "isolamento" da região, mas ao questionamento de discursos que ressaltam a condição de miséria e pobreza absoluta do Vale, bem como o parecer que lhe confere a propriedade de "área de estagnação secular" (Moura, 1988).

Gostaria de salientar que as discussões sobre memória e narrativa não serão, necessariamente, abordadas de forma isolada e separada do restante do trabalho. A proposta é que elas permeiem todos os capítulos e estabeleçam um diálogo com os dados empíricos.

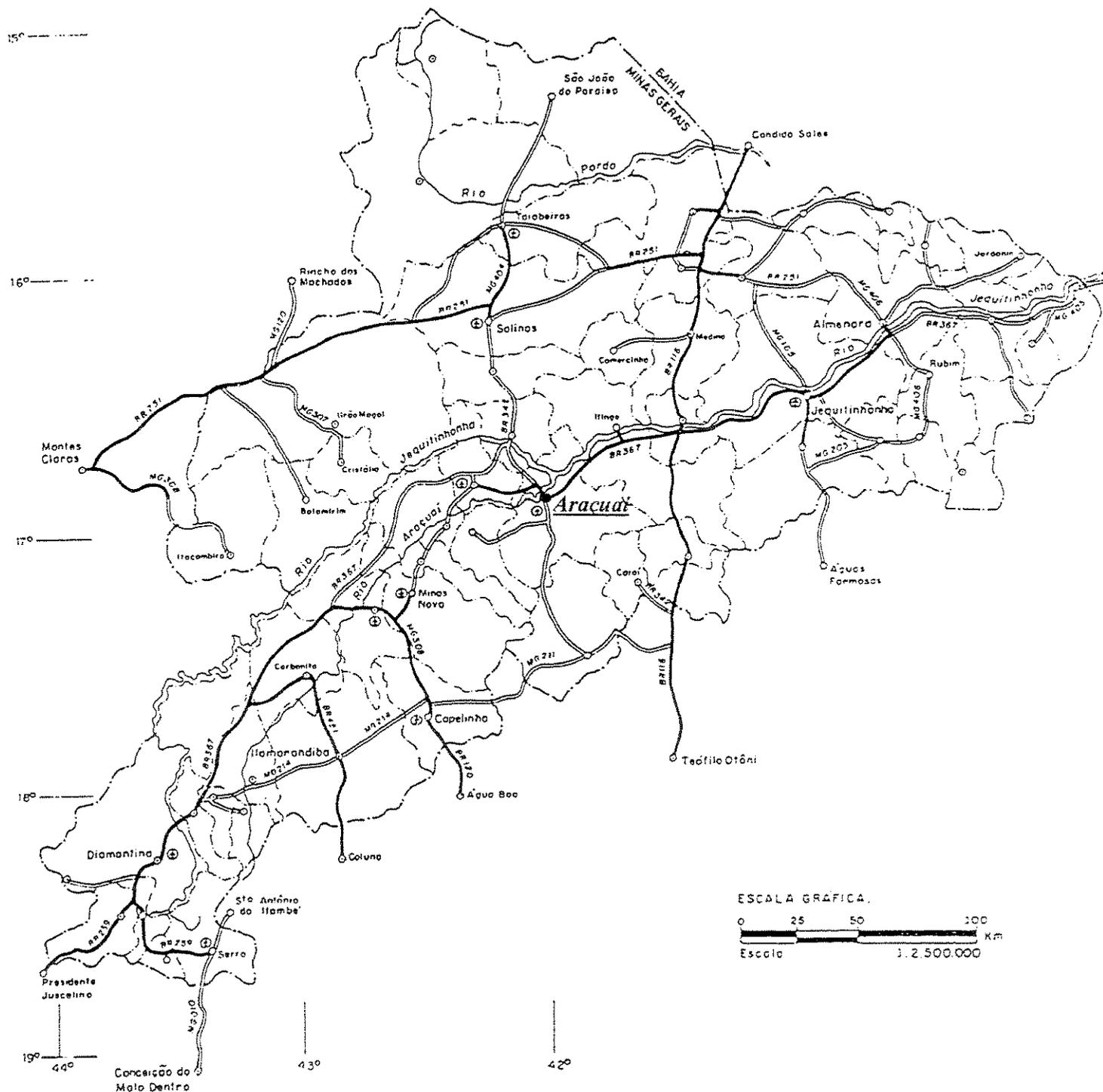
Na conclusão, pretendo retomar algumas discussões suscitadas ao longo do trabalho, de forma a estabelecer um diálogo entre a descrição etnográfica e o tratado teórico presente neste texto.

Passo, agora, ao primeiro capítulo, apresentando o cenário do Vale do Jequitinhonha. Lembro que, por escolha, começo por apresentar a situação e as falas locais por ocasião da Romaria, para, em seguida, passar as minhas análises.

Anexo 2.1

Macrorregião VII - Jequitinhonha: Área da Pesquisa

(Divisão Municipal e Vias de Acesso)



Fontes: Mapa Rodoviário Minas Gerais - DER-MG/1992
Mapa Divisão Municipal - CETEC - IGA/1992

I – Embarque: Vale, Rio, Sertão

Vale do Jequitinhonha: Cenários e Personagens



... no começo da povoação aqui era um porto onde paravam as canoas que vinham da Bahia e de outros lugares. O rio Jequitinhonha era nossa estrada, as canoas subiam e desciam o rio com suas velas e seu toldo de pano azul. Os canoeiros cantavam os beira-mar, traziam mantimentos, notícias à gente. Era assim a Barra.

Chegaram aqui canoeiros, garimpeiros e muita gente prá morar. Chegaram também algumas mulheres.

Nesse tempo, a igreja mandava muito e o padre expulsou-as daqui. Elas foram para Araçuaí. O padre Antônio Pereira Freire de Moura⁵ fez aqui essa igreja com Nosso Padroeiro Senhor da Boa Vida, com a mão-de-obra de negros, escravos e índios, segundo contam os mais velhos.

⁵ De acordo com outras fontes e relatos, o nome do padre é Carlos Pereira Freire de Moura e não Antônio Pereira Freire de Moura.

Nossa igreja tem mais de 200 anos. Nosso desgosto é ver essa igreja caindo aos pedaços. Um padre construiu, mas outro derrubou as torres...

Dezenove de julho de 1998. Romaria das Águas e da Terra em Barra do Pontal, distrito de Itira, comunidade de Araçuaí.

Os ônibus “especiais” – aqueles que, nesse dia faziam linha especialmente para Itira -, começaram a sair logo de manhã em frente à rodoviária de Araçuaí. Saíam lotados, e era longa nossa espera. Mal chegava o ônibus da prefeitura e juntava aquela multidão em frente à porta querendo entrar de uma só vez. Tivemos, então, que esperar um bom tempo para que alguma outra condução nos levasse até Itira⁶.

Mês de julho e o calor era demais. O inverno aqui só começa em outubro, novembro, e chove muito. Quando chove. Julho é quente, muito quente, e muito seco, ainda mais neste ano de 1998, quando o Vale, assim como todo o sertão brasileiro, sofreu uma das piores secas dos últimos anos.

Era Domingo. Os romeiros iam chegando de várias localidades, de algumas comunidades vizinhas e da cidade de Araçuaí. Iam chegando e se acomodando nos poucos lugares onde havia sombra. Abrigados no antigo casarão, transformado em bar, esperávamos a chegada do povo e a hora de descermos a ladeira em direção ao rio para o início da celebração.

O acesso a Itira é difícil, a estrada é de chão e quase não há condução que faça esse trajeto, a não ser em ocasiões especiais, como esta.

Um lugarejo com casas antigas, feitas de adobe, e ruas de terra batida. No casarão, de portas e janelas largas, algumas poucas bandeirinhas coloridas enfeitavam a fachada amarelada pelo tem-po. Hoje mais um cenário do que uma habitação, a fachada esconde



Foto 2

⁶ Este “nós” refere-se a dois amigos que foram comigo à Romaria (Paulo e Míriam Marques). Geralmente, quando vou para Araçuaí, fico hospedada na casa dessa família que, por sinal, considero como sendo a minha família no Vale.

as ruínas nos fundos da casa e o abandono denunciado pelo mato que cresce e impede a visão das águas do Jequitinhonha.

Em Itira, a igreja e o casarão, mesmo em ruínas, são os únicos símbolos da memória de um tempo de fartura e desenvolvimento outrora impulsionadas pela navegação do rio.

Difícil pensar em Itira como tendo sido um dos locais mais importantes dessa região. Observando as ruínas e as construções antigas do lugar, fico tentando imaginar a vida que lá existia, que lá circulava; o movimento da cidade há quase dois séculos atrás.

O ar de cidade que poderia ter sido, e não foi, paira em Itira e adquire corpo nas palavras que vem do palco montado na praia...

... nós queremos nossa igreja como era antes, queremos que o povo da comunidade do campo possa ouvir o sino tocando do alto da torre, como era antes. Queremos que coloque nosso povoado como patrimônio cultural do município para não vê-lo mais tão estragado.

Já foram derrubadas várias construções que eram de grande valor como o sobrado, local do tronco dos escravos. Restou, ainda, do tempo antigo, o casarão. Queremos também seu tombamento para não vê-lo estragado como aconteceu recentemente.



Foto 3

Barra do Pontal é um lugar de passagem por causa dos rios. É um lugar central para sete comunidades da roça e fazendas. Aqui já teve correios e creches, cartório, tudo acabou.

Pelo menos correio e creche vão resolver muitos problemas nossos. Não temos ônibus até o povoado. Se alguém vem das roças ou de outras comunidades, tem que andar a pé até a estrada de Araçuaí prá pegar o ônibus ou então, fretar carro prá levar se estiver doente...

Descemos a ladeira de terra seca e batida. A celebração era do outro lado do rio e ficamos aguardando alguma canoa ou a balsa para chegarmos à outra margem. O sol estava muito forte e algumas mulheres usavam guarda-chuvas pretos e sombrinhas estampadas para se protegerem enquanto aguardavam a vez de atravessar o rio.

Os senhores com chapéu de couro, camisa de tecido leve e calça comprida, pareciam tranquilos não demonstrando qualquer incômodo que pudesse ser provocado pelo calor intenso que fazia em Itira.

Algumas crianças banhavam-se nas águas rasas do rio que, se não fosse por alguns pontos mais fundos, poderia ser atravessado a pé. As mães, despreocupadas, observavam mais o “movimento” que seus filhos.

Pessoas de todas as idades, cada uma com uma motivação diferente para estar ali: a missa, o rito, a festa, o banho no rio, o encontro com parentes e amigos.

Aos poucos, as pessoas iam deslocando-se para a outra margem. Alguns atravessavam na balsa que, conduzida apenas por dois homens e seus remos, levava mais de sessenta pessoas em cada percurso.

Cruzando o Jequitinhonha, uma corda que ligava uma margem à outra, auxiliava os canoeiros em sua travessia. O movimento das canoas era intenso. Eram meninos, jovens, senhores canoeiros levando de cinco a dez pessoas em suas canoas.

Num banco de areia, no meio das águas, alguns rapazes jogavam bola, enquanto à margem direita do Araçuaí, algumas pessoas aguardavam a chegada do canoeiro que, puxando sua canoa, caminhava sobre o rio.

Várias cenas entrecruzavam-se na Barra do Pontal ao som dos discursos no palco, das músicas religiosas e das conversas entre as pessoas.

O calor era tão intenso, tudo tão seco, ar e terra tão quente e céu tão claro que chegava a embaçar e a confundir nossa visão. Mas, em meio a tanta aridez, dois rios se encontram, cruzam esta cena, e seguem pelo Vale.

Em Barra do Pontal, as águas claras do Araçuaí vêm juntar-se às águas barrentas do Jequitinhonha, herança que o garimpo foi e vai deixando ao longo do rio. No encontro das águas, uma curva sinuosa os divide.

Na linha que separa o Araçuaí do Jequitinhonha, a água banha os pés do menino.

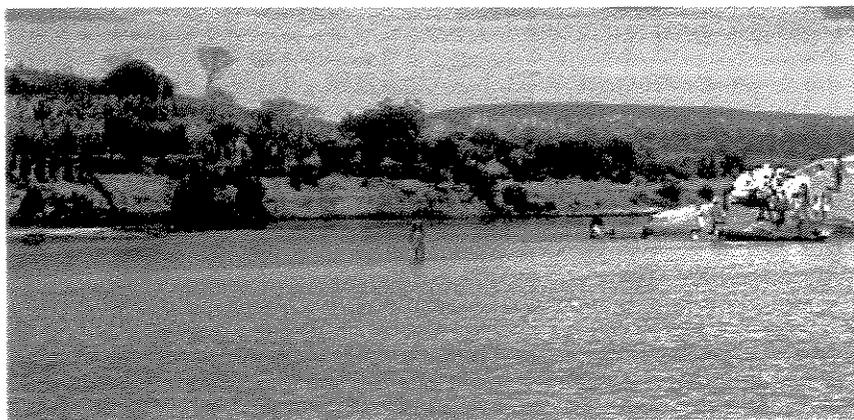


Foto 4

Agora é ele quem separa os rios.

(...) Vemos com tristeza nossos dois rios secando. Do Araçuaí já não dá para descer de barco. O Jequitinhonha, a água é um caldo avermelhado, os que sujam em cima esquecem de nós que vivemos embaixo. Hoje, tanto o Araçuaí como o Jequitinhonha, estamos atravessando a pé.

Com preocupação, vemos falar que vão construir hidrelétricas na Barra de Salinas, também vão barrar o rio Jequitinhonha por dez meses.

Será que pensaram o que vai ser de nós que moramos por baixo e vivemos do rio? O que será dos animais que bebem da água? O que será dos moradores da cidade que vivem na beira do rio? Maioria das cidades joga seu esgoto no rio, diminui a água e aumenta a contaminação. Será que vão provar que não tem problema?

Para onde vão o povo que vai ter suas terras inundadas? Vemos que todos nós temos um pouco de culpa na situação da região, pois nós também ajudamos a cortar as matas e os matos da beira do rio.

Se não cortamos, ficamos calados, de braços cruzados sem fazer nada. Assim, secaram lagos onde havia matas de araquá que nós nos divertíamos colhendo e nos alimentando.

Queremos o apoio de todos prá proteger a beira dos nossos rios. Queremos um projeto com a participação de todos os órgãos do nosso município prá começar a proteger as nascentes, os lagos e a beira dos rios.

Podemos nos dar as mãos, lavradores, fazendeiros, vaqueiros, associações, órgãos do município, escolas, sindicatos, movimentos. Que cada um adote um lugar e que ele se torne sagrado prá nós...

Cantando, as pessoas atravessavam o rio. Do palco, ouviam-se as vozes puxando o coro em procissão: “*Ô mamãe, recebe eu, mamãe, embala eu, mamãe, tem dó de mim...*” E assim, as pessoas iam chegando, aproximando-se, para dar início à celebração.

Os que já haviam atravessado, iam se posicionando em frente ao palco montado na areia da praia, ou abrigando-se à sombra de algumas das poucas árvores que havia ali por perto.

O palco, não muito grande, de madeira e cobertura de lona amarela, chamava atenção ao longe. No seu interior, um painel pintado com cenas que procuravam refletir, conforme a fala de uma das organizadoras da romaria: “*tudo de bom e bonito que tem no Jequitinhonha.*”

Neste painel, bem colorido, o rio aparece como pano de fundo, cortando transversalmente o tecido. No espaço lateral superior ao rio, o sol a pino em meio a um céu azul anil e algumas nuvens brancas, coqueiros bem verdes, a arara vermelha, símbolo de Araçuaí, e mulheres em vestes de cores bem vivas.

Na lateral inferior, em desenhos menores, os canoeiros, as lavadeiras, os peixes, o gado, a cultura popular retratada nas danças do boi, as plantações de milho e mandioca, o artesanato, a antiga igreja de Itira com as duas torres, garimpeiros, um retrato de Luciana Teixeira⁷, e a

⁷ Luciana Teixeira foi e é uma mulher marcante na história e na memória de Araçuaí e de Itira. Filha de um alferes do quartel de Badaró, era dona da Fazenda Boa Vista que se situava na foz do Córrego Calhauzinho, onde, hoje, fica a cidade de Araçuaí. Quando o padre de Itira expulsou as meretrizes do povoado, Luciana as acolheu em sua fazenda. A partir de então, o movimento de canoas e o intenso comércio que se estabelecia na confluência dos rios Jequitinhonha e Araçuaí foi transferido para essa região dando início à cidade de Araçuaí. Esta personagem será tema de estudo no capítulo III.

imagem de Nosso Senhor da Boa Vida, em destaque, numa das laterais. No canto inferior direito, algumas palavras: “Jequitinhonha: Terra e Água, Herança de Deus.”

Saudações e vivas aos romeiros, à romaria, aos santos padroeiros eram incitados, do palco, pelos organizadores do evento. Estes, geralmente pessoas ligadas às comunidades Eclesiais de Base de Araçuaí, à Pastoral da Terra, ao sindicato dos trabalhadores rurais e às lideranças comunitárias.



Foto 5



Foto 6



Foto 7



Foto 8

Quase meio-dia e, na areia da praia, todos aguardam o início da celebração. Antes de se dirigirem ao palco, todos esperam na beira do rio a chegada das canoas trazendo as imagens de Nossa Senhora Aparecida, Nosso Senhor da Boa Vida, que é o padroeiro de Itira, e São Francisco de Assis.

Da curva do rio Jequitinhonha, descem três canoas enfeitadas com arcos e papéis coloridos, levando Nossa Senhora Aparecida e São Francisco de Assis pelas mãos de índios Maxacali e Pankararu.

Nosso Senhor da Boa Vida é acompanhado por duas canoas que sobem o Araçuaí. Na confluência dos rios, as cinco canoas se encontram e, juntas, dirigem-se para a praia.

Na beira do rio, os romeiros aguardam a chegada dos santos que é saudada com fogos e cantos de louvação. Cantando, erguendo e balançando os braços, os romeiros vão se aproximando das canoas.

Na areia, de frente para o rio, o estandarte com a figura de Nosso Senhor da Boa Vida recebe os santos, os índios e os canoairos. Um instante de espera para que todos saiam das canoas e encaminhem-se, finalmente, para o palco.

O estandarte vai na frente, puxando a procissão. Seguindo o estandarte, alguns senhores carregam o andor com Nosso Senhor da Boa Vida crucificado. Logo atrás, em outro andor, os

índios trazem uma pequena imagem de Nossa Senhora Aparecida, acompanhada da de São Francisco de Assis.

O padre e todos os romeiros seguem a procissão, num pequeno trecho, até o palco. Uma menina, de vestido branco e descalça, benze-se na imagem de Nossa Senhora, imitando o gesto da mulher que a acompanhava.

O padre Joel da cidade de Joáima, em suas vestes dominicais, prepara a mesa, o altar e o espírito dos romeiros. Uma toalha branca cobre a mesa e, uma rede, com pequenos pedaços de papel colorido representando peixes, cobre a toalha.



Foto 9

Pedro, índio Pankararu, defuma o altar. Enquanto isso, entoam-se cantos de perdão como uma forma de preparar corpo e espírito para a leitura dos textos da missa.

Aos poucos, elementos significativos e simbólicos do Vale vão sendo incorporados ao altar. São as ofertas: o remo, a bateia, o cristal, o jequi, o arco, a flecha, o artesanato, as plantas medicinais, os alimentos.

Uma leitura, um discurso, precedia a entrada desses elementos que, trazidos por alguns dos romeiros, representavam, pessoas e objetos, um pouco do espírito do povo do Vale e do próprio Vale do Jequitinhonha.

O remo. Durante muitos anos, o remo era tudo. Ele, a canoa e o canoeiro. O remo fazia calo no peito do canoeiro. Ele trazia mantimentos, passageiros, alunos para o colégio Nazareth, trazia cantorias e notícias. Os remos, as canoas, os canoeiros com os beira-mar, onde estão? Como navegar com o rio seco? Oferecemos o remo como símbolo da luta e do canoeiro.

A bateia. Símbolo do trabalho do pequeno garimpeiro. O garimpeiro nunca desanima, é o homem da esperança, sempre sonhando no futuro com as pedras preciosas. Às vezes passa a vida assim. Que o irmão garimpeiro respeite o rio e a natureza.

Alguns trabalhadores rurais entram com cristais e, na frente do palco, elevam as mãos mostrando-os para o público.

...o cristal. Oferecemos o cristal representando a enorme riqueza do Vale. O Vale está empobrecido porque tiram tudo daqui e levam prá fora, deixando prá nós só os buracos. Que os empregos da mineração sejam para o povo do Vale.

Pelas mãos do índio maxacali, o jequi vem incorporar-se ao altar. Palavra indígena, jequi significa armadilha de peixe, termo que deu origem ao nome do rio e ao nome do Vale.

...o jequi. Nosso irmão índio maxacali está trazendo o jequi. O Jequitinhonha era considerado pelos índios como um grande jequi cheio de peixes. Hoje está difícil pescar, os peixes estão desaparecendo, principalmente o curumatã. Não foram mais vistos. Oferecemos o

jequi para que Deus e nossa luta façam com que os peixes voltem. E que o rio seja símbolo de fartura para todos. Oferecemos os peixes que matam a fome de tanta gente até hoje.

Na areia, em frente ao palco, pessoas mantêm-se atentas à entrada dos elementos, outras distraem-se com o rio ou com conversas paralelas.

Novamente, elementos que traduzem técnicas e conhecimentos indígenas são trazidos e incorporados aos demais já depositados no altar...

...os instrumentos de pesca dos maxacalis: arco, flecha, para oferecer diante do altar do senhor. Existem muitos que não degradam a natureza. Sejam oferecidos também na nossa vida, como símbolo de verdadeira luta na preservação de nosso meio ambiente.

A maraca, símbolo sagrado dos índios.

O artesanato. Oferecemos essa panelinha de barro. Nela as mulheres cozinham para seus filhos. Mas, ao mesmo tempo, do barro é feito o artesanato que enfeita as casas, que faz a fama do Vale. Oferecemos com o artesanato, o trabalho duro do artesão e da artesã.

Mudas de plantas e sementes trazidas pelos Pankararu e por algumas pessoas da comunidade...

...queremos mudar o Vale, queremos trazer as plantas para as margens do rio, para as nascentes e lagoas. Queremos de novo uma mata bonita. Uma mata onde o povo possa se alegrar. Vamos dar um basta à esses 500 anos de destruição.

Plantas medicinais. Plantas que nossos antepassados ensinaram a cuidar da saúde. Nossos avós, mães herdaram esses conhecimento e passaram para nós. Vamos de novo dar valor ao nosso conhecimento...

Uma senhora, de macacão cor-de-rosa e uma sacolinha de plástico pendurada no pulso, trazia, no rosto, um sorriso largo e orgulhoso e, nas mãos, milho e mandioca representando alguns dos frutos da terra do Vale...

...o milho e a mandioca. Fruto da terra e do trabalho do homem. Que na mesa de nossos irmãos e irmãs nunca falte o alimento.

Depois do ofertório, o padre consagrou e abençoou o pão que foi oferecido e repartido entre todos. Enquanto o dividíamos, o índio Pedro nos ungiu e nos benzeu com as águas do Jequitinhonha.

No final da celebração, índios Maxacali e Pankararu trocaram presentes e cantaram pedindo a Tupã que ajudasse as terras do Vale.

Nessa hora, já não havia mais muita gente em frente ao palco. A celebração religiosa havia terminado, mas a programação do evento, não.

O altar e todos os objetos foram retirados do palco. Desconstruiu-se o cenário do sagrado para, no mesmo palco, reconstruir-se outro. O painel continuou ao fundo, compondo, agora, o cenário para a peça de teatro sobre a história de Itira e, conseqüentemente, sobre a história de Araçuaí. Inspirados pelo livro de Augusta Figueiredo (1982)⁸, que fez dessa história uma ficção, algumas pessoas dessa comunidade transformaram-se em canoieiros, meretrizes, no padre Carlos Pereira Freire de Moura e na mulata Luciana Teixeira.

Da história dita oficial, destacaram-se os personagens do padre Carlos Pereira Freire de Moura e de Luciana Teixeira (nomes que são, geralmente, citados quando da narração desta história). Augusta Figueiredo deu nome a alguns canoieiros e a algumas mulheres, atribuindo uma história pessoal para eles, como é o caso do canoeiro “Viramundo”, cuja origem veio da união de uma índia Botocudo com um branco, explorador de terras indígenas, e as prostitutas, Mirtes e Glorinha, mulheres enganadas e abandonadas pelos homens que amavam.

Na apresentação teatral – que alternava trechos narrados com encenações –, depois que o padre Carlos expulsa as mulheres de Itira, o canoeiro Viramundo, preocupado com essa situação, vai para Barra do Calhau pedir ajuda e abrigo à fazendeira Luciana Teixeira. A peça termina com Luciana acolhendo a todos em suas terras, mulheres e canoieiros, e com as seguintes palavras da narradora: “assim termina esse começo da nossa história.”

⁸ Figueiredo, Augusta. “A mulata Luciana no Vale do Jequitinhonha.” 1995. Patrocinado pelo governo de Minas Gerais e prefaciado pelo ex-governador Newton Cardoso, este livro intercala falas dos personagens com alguns acontecimentos e dados históricos do Vale do Jequitinhonha.

Na ficção como na história oficial da fundação da cidade de Araçuaí estes personagens são muito importantes: canoieiros e prostitutas. Daí iniciar este trabalho a partir deles.

No livro, a autora chega a comparar Luciana Teixeira com a figura de uma santa.⁹ Na peça, isso não chega a acontecer, apesar de ter sido retratada, e enfatizada, a generosidade de Luciana Teixeira.¹⁰

Terminada a encenação, o palco foi desocupado e o microfone aberto ao público para quem quisesse falar, cantar, deixar o seu recado. Alguns, poucos, se atreveram a dar seu depoimento.

Tio Zé, do Campo-Vale – órgão que trata de ribeirinhos atingidos por barragens no Vale do Jequitinhonha -, aproveitou para falar sobre a barragem de Irapé que vai atingir, diretamente, sete municípios do Vale. Mas, nessa hora, o movimento já tinha se dispersado e havia pessoas espalhadas por todos os cantos de Itira. No entanto, as palavras de Tio Zé retrataram a situação delicada e perigosa pela qual atravessa o Vale do Jequitinhonha, principalmente no que se refere às implicações e aos problemas que a construção de hidrelétricas, com o represamento das águas do Jequitinhonha, pode trazer à população do Vale. Suas palavras foram as seguintes:

Eu tô trazendo aqui a luta dos atingidos pela barragem de Irapé, no rio Jequitinhonha (...). São 7 municípios diretamente atingidos, e o porque que eu tô falando aqui em Itira, aqui na região de Araçuaí, sobre a barragem de Irapé? Primeiro, a barragem de Irapé é a primeira de uma série de barragens (...). Segundo, o rio Jequitinhonha, ainda é o único rio que não foi construído nenhuma barragem em seu leito, e hoje em dia a gente percebe que construir barragens tem significado um negócio lucrativo, mas lucrativo para o povo de maneira geral? Não.

(...) E o questionamento que a gente quer fazer aqui com vocês, é o seguinte, o pessoal tá se perguntando: o que é que eu tenho a ver com isso? Primeiro, são pessoas como vocês que tão sofrendo a possibilidade de sair de suas terras e muitas vezes prá uma situação pior (...). Segundo, vocês também são diretamente atingidos porque a barragem de Irapé, se for construída, vai ter praticamente 200 metros de altura, vai levar pelo menos dez meses prá encher

⁹ Augusta Figueiredo termina seu livro narrando uma procissão feita pelos canoieiros para Luciana Teixeira. Ela escreve os seguintes versos: “Vamos todos pro Outeiro/ Levar flor prá nossa Santa!/ A Santa das Prostitutas!/ A Santa dos Canoieiros!/ A Mulata Luciana!/ Luciana Teixeira!!!” (p.160)

¹⁰ Em algumas conversas informais com moradores de Araçuaí, Luciana Teixeira é classificada também como prostituta. Na verdade, ela é uma figura muito marcante nessa região e está muito presente no imaginário do povo, na história da fundação de Araçuaí e na cidade que Itira poderia ter sido e não foi.

e, nesse período, o rio Jequitinhonha prá baixo praticamente não vai correr, conforme foi colocado aqui durante a celebração e aí, é problema que atinge diretamente vocês sim.

(...)Então, gente, é isso que a gente gostaria de tá lembrando aqui e eu vou deixar como lembrança aqui, um cordel que foi feito a partir de uma pesquisa em 1992, em toda área, os atingidos através da sua comissão e o Campo-Vale e outras entidades fizeram essa pesquisa prá perceber a série de outros problemas que tem com relação à construção dessa barragem e aí com o resultado fizeram esse cordel. É a história do povo da beira dos rios, é contada em conto e eu vou terminar falando a última estrofe, que diz o seguinte: Quem fica sozinho na vida, afastado do seu povo, perde companheiro e rumo, nunca encontra ele de novo...

Depois de Tio Zé, Josino Medina¹¹ subiu ao palco, e o som de sua viola passou a acompanhar o movimento das canoas de volta à outra margem do rio.

Conforme as pessoas iam deixando a margem esquerda, o espaço antes ocupado pelos romeiros, ia, aos poucos, sendo ocupado pelo gado que vinha beber a água do Jequitinhonha.

Depois da travessia, alguns romeiros ainda seguiram em procissão pela ladeira de terra. Já era bem reduzido o número de pessoas que acompanhava o cortejo. Muitos se dispersaram entre bar, rio, suas casas e algumas barraquinhas de “comes e bebes” espalhadas pelo caminho de volta. Apenas vinte ou trinta pessoas seguiam levando à frente a imagem de Nosso Senhor da Boa Vida num breve percurso rumo à Igrejinha de Itira, agora sem suas duas torres e já bem desgastada e destruída pelo tempo e pelo abandono. Neste pequeno trecho, o fim da procissão atravessa o início da festa.

Entramos na igreja. As tábuas de madeira soltas e corroídas denunciam a falta de cuidado e reforçam os discursos pedindo o tombamento da cidade, da igreja e do casarão. Símbolo das primeiras ocupações na região, do poder da igreja, da importância da navegação para a ocupação e desenvolvimento do Vale do Jequitinhonha, o abandono de Itira, hoje, denuncia, em certo ponto, o abandono do Vale.

¹¹ Josino Medina é um violeiro que, atualmente, mora na cidade de Araçuaí. Com sua viola, caminha pelo norte e nordeste de Minas encantando a todos com suas doces cantigas que dizem, especialmente, da vida do homem do campo.

Algumas palavras são proferidas no templo, mas quase já não há ouvintes e romeiros nessa hora. A luta pela reconstrução da igreja e de suas torres revelam o desejo de conservar e reconstruir um passado distante, presente, hoje, na linha que separa a lembrança evocada nas celebrações e o esquecimento vivido no dia-a-dia da comunidade.



Foto 10



Foto 11



Foto 12



Foto 13

A partir da descrição de algumas imagens da Romaria das Águas – visto que dificilmente se apreende o todo – tencionamos apresentar o Vale do Jequitinhonha enquanto um cenário, ao mesmo tempo em que pretendemos mostrá-lo, também, como sujeito.

O porquê de haver partido deste evento está relacionado aos elementos que o compõem e que nele são apresentados: bateia, remo, arco e flecha, cristal, panelinha de barro, jequi, alimentos e plantas medicinais.

Dentre estes elementos encontram-se, também, o Vale, o Rio e o Sertão que, mais do que molduras para as cenas desta Romaria, apresentaram textos próprios; foram sujeitos de suas falas tanto quanto enquadraram a fala de outros. Esta Romaria acabou, de certa forma, apresentando um pouco do Vale por ele mesmo.

À princípio, a Romaria das Águas e da Terra parecia interessante por tratar especialmente do rio e, conseqüentemente, por ligar-se à história dos canoieiros. No entanto, as cenas dessa Romaria acabaram por trazer novos elementos para pensar o Vale e para pensar um pouco mais sobre sua história/memória.

Como foi possível perceber, os canoieiros não ocuparam o papel principal no contexto apresentado¹². Eles desempenharam o papel da travessia e também tomaram parte no cenário que acabou destacando mais a figura dos índios presentes na história do Vale do que a deles próprios. É importante notar que na organização da Romaria contou-se com a participação de uma indigenista, que muito se preocupa com a valorização da memória e com a perpetuação da herança cultural dos povos indígenas que viviam e, dos poucos que ainda vivem, na região do Vale do Jequitinhonha e do Vale do Mucuri.¹³

Nos discursos proferidos no altar, aparecem elementos simbólicos e identitários da vida e do povo do Vale, de sua memória, de sua história e de seu destino. Penso em destino baseada nas palavras de Brandão à luz de Walter Benjamin: “... a comunicação entre os homens através das gerações e ao longo de uma “cadeia de destino geral”, talvez tenha o seu elo de sentido no que foi querido e imaginado, mas não foi realizado pelas gerações-testemunho, mais do que naquilo que elas nos deixaram como o seu *legado*” (1998:32). O destino corresponderia, então, a algo que foi desejado no passado mas não realizado no seu tempo, algo que está por se realizar ou pode ser realizado no tempo presente.

¹² No entanto, vale lembrar que a história, largamente difundida, enfatiza a figura dos canoieiros.

¹³ Geralmente, a presença indígena não é visível e a convivência entre índios e brancos nas cidades do Vale não é tão próxima, a não ser quando ocorre algum evento.

No altar das reminiscências, os objetos firmam compromisso entre o passado, o presente e o futuro. Ao mesmo tempo em que recordam coisas e fatos, compreendem um desejo de continuidade e de vigência do sentido que esses objetos possuem e possuíram no passado. Eles remetem a um tempo de fartura, de desenvolvimento, de vínculo entre o homem e a natureza, de vida no Vale, vida no Rio e vida no Sertão. Eles apontam para o desejo e para a construção de um futuro diferente, direcionando a luta no e pelo presente.

E, mesmo que alguns desses elementos ou objetos não ocupem mais um lugar efetivo e constante no espaço e no tempo do Vale, eles continuam a dizer do Vale com muita força e continuam a exercer muita influência no imaginário popular dessa região.

O *remo*, a *bateia*, o *crystal*, o *jequi*, o *arco* e a *flecha*, o *artesanato*, o *milho* e a *mandioca* representam não apenas instrumentos e frutos do trabalho do homem do Vale, como também representam uma memória histórica que, não necessariamente, se manteve ao longo dos anos. Estes elementos contam uma história do passado do Jequitinhonha presente na memória coletiva deste grupo. A partir deles, é possível escrever uma história do lugar, descrevê-la.

Da mesma forma, índios, garimpeiros, canoieiros, agricultores e artesãos são personagens que apontam várias portas de entrada para o Vale. Alguns destes não mais existem, outros nem mais exercem a mesma função, mas a memória de seu trabalho e a contribuição que deram à região permanece nesta memória coletiva e nesta história que se procura escrever e registrar sobre o Vale.

Pode-se falar do Vale a partir de todos e de cada um desses personagens, bem como a partir de todos e de cada um dos objetos presentes e ofertados no altar, visto que são, potencialmente, objetos desencadeadores de memória.¹⁴

Tanto é assim, que é possível a partir deles reconstruir fatos históricos, como os relacionados à ocupação e ao desenvolvimento desta região com, por exemplo, o uso da bateia como instrumento de trabalho, o cristal e outras pedras preciosas como o “fruto” do trabalho do garimpeiro.

No início do século XVIII, a busca pelo ouro e por pedras preciosas levou muitos exploradores à região do Alto Jequitinhonha. O emprego da bateia era constante nos rios e córregos, e a descoberta de pedras preciosas permitiu não apenas o desenvolvimento sócio-

¹⁴ Esta é uma referência ao texto de Gilmar de Carvalho: “Desvãos da Memória”, do livro *Madeira Matriz: Cultura e Memória*. Tese de Doutorado. PUC/SP, 1998, p.266p.

econômico de algumas cidades como também as nomeou: Turmalina, Berilo, Diamantina, Carbonita.

Quanto à questão do nome, é interessante perceber o quanto a presença destes objetos e de sua função influenciou os topônimos locais. Isso faz-me lembrar de uma conversa com “seu Manel”¹⁵, da cidade de Chapada do Norte, no Alto Jequitinhonha. Um senhor negro, como quase todos dessa cidade – dizem que lá é um remanescente de quilombo – muito alto, de voz mansa e semblante sereno, estudava com curiosidade a história do Vale e gostava de falar a origem dos nomes dos rios e das cidades. Contava que na época de procura do ouro na região de Chapada, os homens utilizavam a bateia para ver se conseguiam garimpar algumas pedras. Num dos córregos, depois de muito procurar e nada encontrar, eles se revoltaram e quebraram a bateia. O nome do córrego – e da comunidade – ficou, então: Quebra-Bateia. Ele deu mais alguns exemplos de nomes que surgiram por conta do trabalho realizado:

“Saíram do (rio) Araçuaí, vieram para o Fanado (Minas Novas). Não tinha nome o rio, eles que iam colocando. Tinha prática de mexer no cascalho. Não deu resultado no Fanado porque achava um pouco num lugar, depois andava muito prá achar mais. Resolveram ir embora, um grupo deles falou que o ouro ali era ‘faiado’. Depois foi consertando o nome. Rio Faiado, mas logo que saíram do Fanado, subiu a Serra de Minas Novas. Passa pelo córrego Bom Sucesso quando vai prá Turmalina, passa por uma ponte de cimento onde é o Fanado.

Vieram do Araçuaí depois que subiram a Serra. Minas Novas porque deu ‘novas minas de ouro’ no córrego Bom Sucesso. Até pouco tempo deu ouro. Quando chegaram aí, ‘deu sucesso de achar ouro’.”

Da mesma forma, a presença dos canoeiros possibilitou o intercâmbio comercial e, conseqüentemente, o desenvolvimento econômico da região como um todo. O uso constante do remo, num rio extremamente “difícil”, marcou-lhes, fisicamente, a dureza do ofício e a *opinião* desprendida para realizá-lo.

¹⁵ Seu Manel hospedou-me em sua casa quando estive em Chapada do Norte. Ele gostava dos livros e costumava falar das “pérolas” que havia descoberto, nas cidades vizinhas, a respeito da história do Vale. Não gostava muito de dar entrevista, preferia conversar, ir contando o que sabia. Como foi criado pelo pároco da cidade, ficou conhecido como “Manel do Padre”, nome que se estendeu a toda a sua família, como se fosse um sobrenome.

Estes elementos tornam-se também significativos pelo contraponto que estabelecem com a história atual do Vale. Eles representam um documento material, enquanto objeto, e histórico, enquanto memória. Documento que contrasta com os discursos ditos oficiais que atribuem ao Vale uma pobreza absoluta e uma estagnação secular (Moura, 1988).

Esses discursos não chegam a assumir um caráter de memória histórica “oficial”, mas são emblemáticos, ou seja, quando se pensa no Vale, geralmente se pensa em: Vale da Pobreza, Vale da Miséria. Mas, como vimos, não é isso que essa outra memória, não oficial, e que essa outra história confirmam.

Por outro lado, eles também manifestam e exibem os contrastes, as dualidades, as ambigüidades presentes, tanto no tempo quanto no espaço do Vale do Jequitinhonha: vida/morte, riqueza/pobreza, tristeza/alegria, beleza/feiúra. E, ao mesmo tempo em que os exibem, os congregam, porque estes não apenas se contradizem, mas se complementam.

Um outro ponto, é que esses elementos relacionam e identificam homem e natureza. E mais ainda, esta identificação convoca a uma luta simbólica, que é a luta pelo rio, que se faz simbólica a partir do momento em que se estende à luta pela existência e sobrevivência do Vale. No altar das igrejas, celebra-se a memória da ressurreição, da vida, neste altar e neste palco, celebrou-se a memória para e pela sobrevivência e existência do rio e do Vale. Mais do que celebrar a vida, o que se fez foi rogar por ela.

Ao contrário do que ocorre na maioria das romarias, a Romaria das Águas e da Terra não apresenta uma regularidade, nem uma periodicidade nas terras do Jequitinhonha.¹⁶

Ela teve um objetivo específico que, além de celebrar a fé e a esperança em Deus, e a sociabilidade entre os homens, também pretendia chamar a atenção para os problemas econômicos, sócio-ambientais e políticos pelos quais passa, atualmente, o Vale do Jequitinhonha e que são, e foram, de certa forma, objetivados no Rio Jequitinhonha.

O *folder* que divulgou a Romaria trazia os seguintes dizeres a respeito de seus objetivos: “Nesta Romaria queremos celebrar a nossa fé e esperança no Espírito de Deus, que criou todas as coisas, nós queremos que o rio e a terra voltem ao que era antes, sendo fonte de vida para todos, de Belmonte ao Serro.”

¹⁶ Em 1996, foi realizada uma Romaria das Águas no rio São Francisco. Acredito que a cada ano ou a cada dois anos ela é realizada numa região diferente.

Segundo Sanchis (1983:39), a característica essencial das romarias “é a de serem organizadas em torno da ‘memória de um santo’ representado por uma relíquia ou imagem. A romaria é uma peregrinação popular a um lugar tornado sagrado pela presença especial de um “santo”.

No caso da Romaria das Águas ocorrida em Itira, o lugar tornou-se sagrado pela presença do rio. Não que o “santo” não estivesse presente e que as pessoas a “ele” não se dirigissem, mas o principal motivo da Romaria não foi o de pagar alguma promessa ao santo, mas de pedir-lhe, juntamente aos órgãos públicos, um olhar mais atento e interventivo na região. Pedido este, feito em nome do rio ou tendo o rio como intermediário.

Mais do que as imagens de Nosso Senhor da Boa Vida, de Nossa Senhora Aparecida e de São Francisco, que estavam presentes, o elemento ou o ser mais sagrado desta Romaria era o próprio rio. Foi em nome do rio, e da terra, que as pessoas se reuniram, em Itira, naquele dia 19 de julho de 1998, para pedir aos santos, às autoridades, a Deus, que os sentidos, os olhares e as práticas efetivas se voltassem ao Vale do Jequitinhonha.

A Romaria de Itira, apesar de reproduzir e manter uma estrutura já conhecida e pré-estabelecida, preparou o cenário para uma celebração religiosa mas também para um ato político. Elementos comuns e tradicionais de uma romaria: os santos, a procissão, o altar, os cantos de louvação, a leitura bíblica, o padre em suas vestes dominicais, a unção, o pão, sem o vinho, repartido e compartilhado entre os fiéis, o desejo de tocar a imagem do santo, pessoas a repetir ladainhas, permaneceram e seus significados adquiriram uma nova roupagem, um novo significado. Aliás, elementos e objetos de uso comum no Vale foram ressignificados e sacralizados no altar preparado para esta romaria.

Da mesma forma, também foram ressignificados os espaços, eles foram reconfigurados: os santos trazidos nas canoas, o altar montado na praia, a liturgia discorrendo sobre o Vale, o rio Jequitinhonha, a comunidade de Itira, os elementos simbólicos e emblemáticos da região.

Contudo, é preciso ressaltar que a ressignificação ocorre a partir do momento em que os objetos fazem sentido para o grupo, remetendo a vestígios, marcas de memória que podem, por consequência, remeter a uma totalidade através da junção desses objetos, como se fossem peças de um quebra-cabeça que se encaixam. Por vezes, estes objetos podem deixar sua função original para serem objetos de memória.

No entanto, as romarias apresentam – como também apresentou, neste caso – um sentido maior que ultrapassa o caráter religioso e político da celebração. As palavras de Sanchis ilustram muito bem o que isso significa e o que significou a Romaria das Águas:

“O essencial é que toda romaria constitui um ajuntamento, um encontro e um momento de vida em comum: quer troca recorrente de visitas, quer multiconvergência, expressão de uma unidade regional, quer junto à fronteira, de norte a sul, abolição de barreiras políticas e símbolo fugaz de fraternização. Estes “reencontros”, por vezes institucionalizados, são ocasião de toda a espécie de trocas culturais, comerciais, agonísticas.” (1983:40)

Neste caso, um reencontro que procurou selar um compromisso entre o homem e a natureza, intermediado pelo poder divino e político.

Em Barra do Pontal, ouviu-se, do palco, o contar da história de Itira, da história de Araçuaí e do Vale do Jequitinhonha. Um culto à memória, à rememoração, uma volta ao passado com olhos em direção ao futuro. O desejo do passado no presente, um passado que muitas vezes, apesar desse desejo, não se conservou em muitos dos objetos e nem nas construções. Mas a comunidade resiste e insiste em recuperar sua vida e seus símbolos.

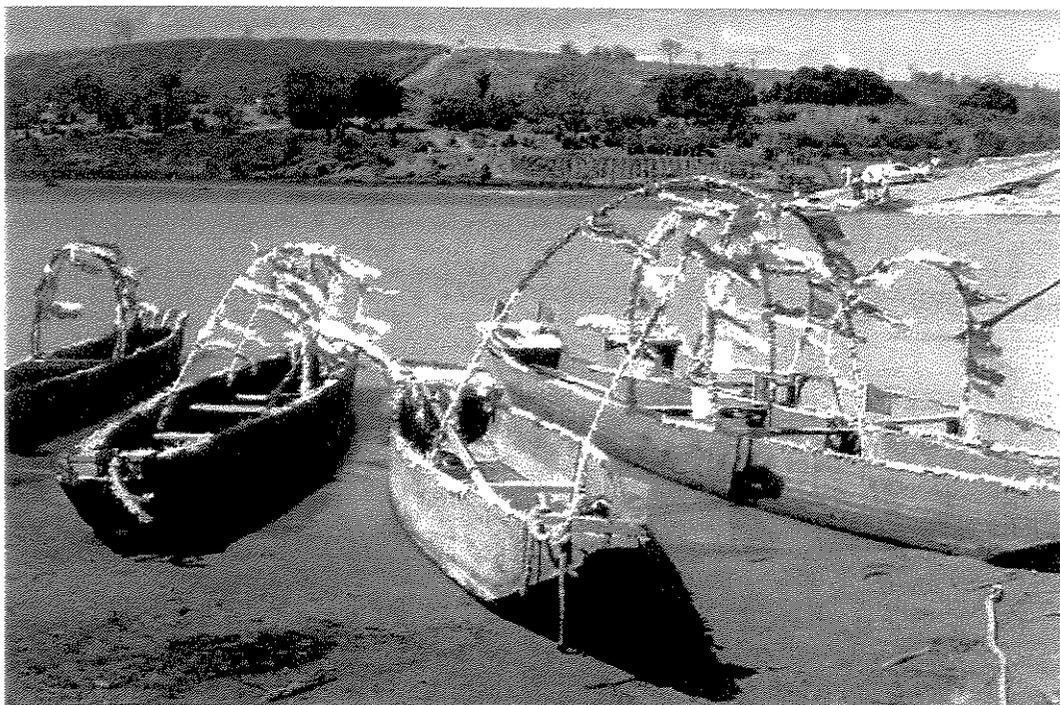


Foto 14

II – Descendo o Rio Com os Canoeiros

1. Nascente

*“Um dia, um dia ajuntei minhas forças
Atinei que ainda eram tantas
E por me restar desmedido também um pouco de músculos
Pus-me a remar a canoa da vida
Não tão sólida que virasse em dobras,
que transformasse ao tempo a forma de seu conteúdo
Sua arquitetura era mesmo de um tecido instável
deste que se usa tanto em dia de sol como de chuva
Minha canoa, minha canoa era um corpo inteiro de desejos
ansiosamente buscando o abraço do rio
Ergueu-se a prumo quando em tormentas noturnas
Naufragou outras vezes para renascer em manhãs azuis
Precipitou-se em pedras para abrir em remansos
Minha canoa, às vezes era de vento, de vidro que se quebra, de
amor que se separa
Às vezes era de um aço duro, pesado, por ser tão frio
Outras vezes, afundava de pedra
De modo que, quando menos se esperava, em outra praia do rio
Aportava de segura, como no colo da mãe, como morfina na dor
Então, virava renda de núpcias, feixe de lua, cantiga de rodas,
noite de estrelas
Mas nunca, nunca minha canoa deixou de ser de pau
Assim, assim ela desliza macio como o carinho das mãos
na lisa carícia da pele
Refaz e desfaz paisagens a cada caminho que toma
Navega o vão do infinito, sem medo, sem medo da vida
Apenas, espera chegar no mesmo destino do rio.”¹⁷*



Paulo Amorim

Há um encontro de destinos enunciado e denunciado no poema: a canoa, o rio, o canoeiro. Um encontro que transforma homem em canoa, canoa em rio, rio em homem, que transforma homem e natureza e que, ao agregá-los, desfaz a oposição e os aproxima, os une num terceiro elemento, não mais homem, não mais natureza, mas ambos ao mesmo tempo.

Não seria o próprio sertão um possível desencadeador da magia dessa transformação: homem-natureza? Visto que, em alguns momentos ele é *mais que humano*, é um *sentidor*, “e que

¹⁷ Poesia declamada pelo violeiro Josino Medina na celebração final do Festivale de 1996, na cidade de Jequitinhonha.

ao homem não cabe interiorizá-lo porque ele está *além de*, ao mesmo tempo em que está *em*, *dentro de*, em que é “*um estado-do-ser dos homens*”. (Brandão, 1998:107)

As palavras de Brandão refletem muito claramente o que isso significa:

“Só consigo acompanhar até a metade as interpretações que psicologizam demais o sertão. Que deslocam demais do onde ele existe para o ‘dentro do homem, ou imaginários do ‘sentente’. É que ao invés de querer reduzir o simbolismo do sertão ao interior do homem, prefiro tornar ‘sentidor’ o próprio sertão. Talvez nem seja torná-lo humano, o que é pouco. Talvez seja pensar que ele possa além do homem: pleno sertão, logo, mais humano, uma alma do mundo no qual tudo cabe.” (Brandão, 1998:145)

Mas, o que dizem os sujeitos desta pesquisa a esse respeito, através de seus relatos, de suas narrativas? Será possível perceber a mesma relação homem-natureza no sertão do Vale do Jequitinhonha enunciado através da fala dos canoeiros?

Ao descrever o preparo da canoa antes de seguir viagem, ao dar-lhe um nome, ao pintá-la e enfeitá-la com flores, o canoeiro Mané Preto, da cidade de Araçuaí, o faz com tal envolvimento, tal zelo, como se lhe “sentisse a carícia da pele”, como se esta fosse um “ser” que lhe inspirasse cuidados.

“Inté as canoa tinha um nome. nós punha nome nas canoa, pintava aquilo bem pintadinho. pintava ela toda, mas era um trem bonito. A regera (corda), tinha aquela regera, então falava: ‘vamo penteá o cabelo da alefoa?’ Eu não lembro nome de tudo, lembro dessa que era uma canoa que aqui chamava alefoa. Então fazia aquela regera, pegava uns toco de pau assim, e ia enrolando a regera certinho, e ali enchia de flor. Nós enfeitava aquilo, quando pegava que carregava a carga, tinha uma lona, nós passava a lona, reburçava, que passava em rebentão d’água que não molhava a carga, prendia a lona assim com umas vara, prendia a lona, a água passava corrida, porque tinha lugar que a canoa entrava assim, ó (mergulhava), entrava e saía lá embaixo. Nós fundava canoa, tinha hora que fundava, ela ia embaixo, sortava a carga embaixo, aí ela saía. (...) Mas era bonito, moça, a canoa bem cuidada, pintava tudo direitinho. aí eles falava: ‘ah, vamo penteá o cabelo dela’, e enchia de flor. E eles já saía cantando também. Quando nós saía daí, da Barra do Calhauzinho¹⁸, já saía

¹⁸ A Barra do Calhauzinho também inspirou músicas, como esta, recolhida e gravada pelo Coral Trovadores do Vale: “No dia que eu estou danado/Na beira do Calhauzinho/Meu benzinho quer me buscar/Está com medo de mim.// Refrão: Chora morena, chora morena. Chora morena. Quando cê for, cê me leva, morena// Amarela impapuçada/comedeira de feijão/cara larga sem vergonha/larga meu nome no chão.// Amanhã é dia santo/dia de São Nicolau/ Quem tem roupa vai à missa/ Quem não tem sobe no pau.// Coração que ama dois/Que firmeza pode ter/

cantando, às vezes a beira de rio enchia assim de gente prá ver, que chamava atenção, os beira-mar bonito, chamava atenção da pessoa.”

Da mesma forma, quando a fala do canoeiro delega ao próprio rio o ritmo, o “espírito” de sua viagem, ele faz do rio um *sentidor*, um “ser” que a ele inspira cuidados. Como nas palavras de seu Francisco, canoeiro da cidade de Jequitinhonha¹⁹: “...porque o canoeiro só viaja no rio através do mesmo próprio rio. Porque se o rio estiver seco demais, mingua a viagem conforme o peso da canoa prá viajar. Se o rio estiver cheio demais, padece muito debaixo daquelas mudas, daquelas árvores, passando por baixo de cobra, de marimbondo.”

Os pontos demarcados do rio, seus nomes que, geralmente, identificam o grau de dificuldade e de periculosidade oferecidos ao canoeiro, são partes também de seus relatos. São marcos que lhe permitem conhecer o rio, não para dominá-lo, mas para percorrê-lo.

O rio Jequitinhonha por ser um rio empedrado e encachoeirado em grande parte de seu curso, não era considerado um rio propriamente navegável, tornando-se, assim, um desafio para os canoeiros que dependiam de muita habilidade e *opinião* para atravessá-lo.

Este fato é, também, demonstrado ao longo das narrativas quando descrevem sua trajetória no rio, acentuando os canais e as cachoeiras que tinham que ultrapassar durante o percurso para seguir e completar a viagem. As dificuldades costumam ser enfatizadas em praticamente todos os relatos, mas descritas de maneira diferenciada por eles.

Segundo as palavras de seu Odilo Paulo, canoeiro da cidade de Jequitinhonha, a *opinião* é algo que transcende a força humana, que ultrapassa os limites do corpo físico e até os limites que a própria natureza impõe ao homem. Ao desafiá-los e superá-los, o homem do sertão supera a si mesmo.

Ama um em falsidade/Outro é firme até morrer.” Música: *A Beira do Calhauzinho*; informante: Sônia Roque – Araçuaí.

¹⁹ Esta entrevista foi realizada na cidade de Jequitinhonha, durante o Festival de 1996, como tarefa de um dos grupos participantes da oficina sobre a História do Vale do Jequitinhonha, ministrada por Eduardo Magalhães Ribeiro.

A *opinião* se faz presente em muitos contextos, não apenas na fala do canoeiro, mas nos versos cantados pelo sertanejo:

*“Palmatória quebra dedo
chicote deixa vergão
Cacetete quebra costela
Mas não quebra opinião”*

*“Cadê meu dedo, cadê minha mão
Cadê minha faca e meu facão
Cadê minha pistola e minha repetição
Cadê gente rica que tem boa Ação
Cadê gente pobre que tem *opinião*”*

A *opinião* é algo que tem um sentido e um significado marcante, prático e preciso na vida do povo do Vale, ela é “uma necessidade exata.”²⁰ Este termo possui, ao mesmo tempo, um significado específico e múltiplo, à medida em que congrega e, se desdobra, em outras forças, como a força moral e, em outros valores, como: honra, orgulho, determinação, convicção, dignidade e perseverança.

Assim, quando os homens e as mulheres do Vale falam em força, vontade, orgulho, vergonha, são os múltiplos sentidos da *opinião* que encontramos. Ela é algo que se estende além do ofício do canoeiro, ela não se esgota na sua trajetória pelo rio, mas percorre toda a sua vida bem como a vida das pessoas do Vale. É preciso ter muita *opinião* para viver e sobreviver, apesar de.

Vinculada a uma experiência coletiva, a *opinião* representa e expressa, concretamente, como estas pessoas vivenciam e compreendem as coisas de sua própria experiência.

Entende-se melhor as palavras do canoeiro Odilo Paulo – “Canoa não é força, é *opinião*” – e a sua intensidade, quando se conhece um pouco mais a história da navegação do rio Jequitinhonha e, principalmente, as suas condições de navegabilidade.

São poucos os canoeiros que restaram para contar as histórias do passado, da época da navegação no rio. Presenciamos, hoje, uma redefinição dessa antiga categoria social, cujo trabalho e funções sociais adquirem novos significados.

²⁰ Alusão à frase de Guimarães Rosa: “ Todos do sertão, sabemos querer atalhos. Queremos o mágico. O pacto. As supremas supe-rações, a trans-vida. (...) Aqui há estrelas indóceis; arco-íris indomáveis. A alegria dá na poeira e no barro. A alegria aqui é uma necessidade exata.” (Rosa, 1957: Carta a Paulo Dantas)

Os “novos” canoieiros continuam a interligar diferentes lugares, mas o fazem apenas de uma margem a outra. Outrora, as distâncias eram vencidas verticalmente, ao longo do rio, hoje são vencidas ao largo, o corte horizontal interliga as margens.

Dentre os canoieiros mais antigos, encontram-se aqueles que faziam o transporte de mercadorias e de pessoas ao longo do rio, do final do século XIX às primeiras três décadas do século XX. Este tempo é referido como o “tempo do camisão”.²¹ Encontram-se, também, aqueles que ficaram até os anos 50, fim da navegação, fazendo, igualmente, o transporte de pessoas e mercadorias ao longo do rio – alguns destes exerceram por pouco tempo este ofício e quando cessou o movimento de canoas, foram trabalhar na construção de estradas.²² Este era o “tempo do calção”.²³

Não podemos dizer que os canoieiros acabaram, mesmo porque ainda é possível vê-los em pequenas canoas, homens e meninos, transportando pessoas e pequenas cargas em cidades atravessadas ou cortadas pelo rio.²⁴ No entanto, hoje exercem outra função social.

Diminuídas as distâncias, “diminuído” seu trabalho e ameaçado pelos discursos políticos, principalmente em épocas de eleição, que sempre prometem a construção de pontes sobre o rio Jequitinhonha, o canoieiro de hoje reclama seu espaço no rio e seu espaço no Vale:

“Nóis é uma vida amargurada, né. Pode trabaiá, não junta dinheiro. E vive um olho gordo dentro dessa beira de rio aqui, perigosa, porque os grande, não deixa o pobre ganhá o pão. Inclusive, há muito tempo aqui, existia uns olho gordo e existia as maldade até dos próprios prefeitos antes e que pegaram aqui e botaram barco a motor de graça prá atrapalhá os pobrezinho de ganhá o pão. (...) O mal desse Jequitinhonha aqui é esse. Meu pai mesmo foi canoieiro velho aqui. Ia de Almenara à Araçuaí, empurrando canoa, rebentou-se no rio aqui remando, ele e muitos outros, mas não ganhou nada, coitado; isso é uma vida traiçoeira, morreu de trabaiá nunca juntou dinheiro. Agora, eu acho assim é um bom ganha pão, mas se vem essas maldade aqui nunca vai em frente.

Eu acho melhor, deixasse aqui o pobre vivê, ganhá o pão dele, né, não tem outro serviço aqui na Itinga. O único servicinho que acha aqui pro pobrezinho mesmo é a

²¹ Os canoieiros, em seus depoimentos, referem-se ao “tempo do camisão” e “tempo do calção” para localizarem, temporalmente, a época em que trabalharam no rio. No “tempo do camisão”, os canoieiros costumam usar uma camisa comprida, uma espécie de camisola, sem nenhuma roupa por baixo. No “tempo do calção”, usavam um calção e camiseta.

²² Vê-se, claramente, a história nacional agindo sobre a história local – é nesse tempo que os trilhos e os rios são substituídos pelas estradas de rodagem com a aplicação do plano desenvolvimentista do governo de Juscelino Kubitschek.

²³ Como o leitor poderá constatar, entre os canoieiros com os quais trabalhei, encontram-se representantes destes vários tempos.

²⁴ Cidades como Itinga, Jequitinhonha, Jacinto e a comunidade de Itira.

*canoa. É tão fácil assim a pessoa, vive e deixa o outro vivê. Eu mesmo trabalhei 13 ano, não juntei nada, mas deu prá criá meus filho...*²⁵

O processo de rememoração dos canoeiros segue cursos diferentes: às vezes guiado por um roteiro de perguntas, outras vezes por suas próprias lembranças no rio. Costumam descrever o caminho percorrido sem precisar datas, nomeando os pontos do rio ou relatando os acontecimentos vividos durante a travessia, ora com entusiasmo, com alegria e saudade, ora com pesar e sofrimento.

Alguns canoeiros chegam a construir sua narrativa como se tivessem vivido uma odisséia, da mesma forma em que também são descritos por outros narradores e em outras narrativas como se tivessem sido heróis, como é possível observar no trecho a seguir:

“Diz Renan, que a inconsciência do perigo e do desapêgo a vida são o melhor auxiliar para vencer o obstáculo que se nos antolha! De facto. Nos lugares mais perigosos elles passam cantando uma tirana amorosa, enquanto que os passageiros saltam, levando consigo o mais caro dos seus haveres. (...) Os valentes canôeiros fazem explodir dos seus herculeos peitos, estardalhantes e características gargalhadas, e, elles mesmos, aconselham-n’os a saltar, afim de retomarem a canôa, passada que seja a cachoeira, pintando-lhes a côres negras a falsa conjunctura que os espera, desmentindo, assim, a corriqueira observação psychologica: - Quem se vê perdido pouco se importa perder a outros...” (Santos Maia, 1917:2)

Além disso, ao descreverem o cotidiano de seu trabalho, desde o carregamento da canoa com manufaturas até a chegada aos “pontos de arribada” entoando o *beira-mar*, os canoeiros retratam, também, um período de intenso comércio ao longo do rio. Numa das cantigas de *beira-mar*, cujo nome é “*Canoeiro*”, pode-se perceber a referência às riquezas existentes nas terras do Jequitinhonha, bem como a atividade comercial exercida ao longo do rio:

²⁵ Este é um trecho da entrevista realizada no porto de Itinga, em novembro de 1996, com cinco canoeiros ao mesmo tempo. Vale lembrar que aquela era uma época de eleição, o que interferiu profundamente na fala dos canoeiros, principalmente deste que relatou o trecho acima, seu Zezé Canoeiro. Ele foi o que mais falou e o que mais reclamou da situação atual dos canoeiros, sua fala esteve marcada pela seguinte frase: “oh, vida amargurada.”

*“Canoeiro, canoeiro
Quê que trouxe na canoa
Trouxe ouro, trouxe prata
Trouxe muita coisa boa.
Quem não me conhece chora
Miquelina ei
Que fará quem me quer bem,
Miquelina.*

*Sou negociante, sou principiante
Comprador de ouro e de diamante
Tanto eu compro ouro,
Como eu compro gado
Não te dou dinheiro
Que eu não tenho trocado.”*²⁶

Em outros relatos, apesar destes demonstrarem indícios do “progresso” que chegava à região, percebe-se também uma visão e uma crença, de que este “progresso”, referido através da *fartura*, nunca seria alcançado numa terra que já foi *aldeia de caboclo*. Como na fala do canoeiro Gizério, da cidade Jequitinhonha:

“... tanto que nessa época que vinha trem prá Qui, depois foi de Araçuaí, quando ligou o trem de ferrovia aí em Araçuaí, já vinham daí. Aqui tudo era mata, mas nunca nada faz fartura aqui. Era tropa batendo, canoa batendo e gente carregando, mas disse que é porque aqui foi aldeia de caboclo. Diz que lugar de aldeia de caboclo nada chega, acho que com as armas deles, acho que a pessoa tem medo. Onde tem caboclo, não existe fartura.”

Nossos contadores canoeiros assemelham-se à figura do marinheiro comerciante, do qual nos fala W. Benjamim (1994). Como narradores-viajantes, contam o saber de terras distantes, histórias de outros, vistas e ouvidas ao longo do caminho; porque saíram, têm o que contar. Mas, de alguma forma e, em algum momento, é possível também associá-los ao outro tipo de narrador enunciado por W. Benjamim: o camponês sedentário.

O primeiro, por viajar demais, tem muito o que contar; o segundo, conhece por vivenciar e observar de perto suas histórias e tradições. Apesar de suas viagens, o canoeiro do Jequitinhonha seguia sempre o mesmo trajeto, passando pelas mesmas cidades e encontrando e

²⁶ Esse é um canto de trabalho dos canoeiros, mais conhecido como *beira-mar*. Foi recolhido e gravado pelo “Coral Trovadores do Vale” da cidade de Araçuaí. Informante: Filomena Maria de Jesus – Araçuaí. Existem outros cantos de trabalho que retratam o cotidiano de tropeiros, boiadeiros, tecedeiras, lavadeiras, etc.

reencontrando, quase sempre, as mesmas pessoas. Apesar de não se fixar num mesmo espaço físico, não chegava a percorrer terras distantes e desconhecidas. O que se renovava em seu trajeto era o “desafiar o rio”.

Falando assim, fica-se com a impressão de que o caminho feito pelos canoieiros era sempre o mesmo, a mesma travessia, os mesmos canais, as mesmas cachoeiras. Mas, se pensarmos dessa forma, o elemento surpresa parece não existir, o imponderável, o acaso parecem tornar-se previsíveis. No entanto, não é bem isso que demonstram nossos interlocutores. Cada viagem é uma nova viagem, um desafio renovado, uma nova aventura vivida nas mesmas cachoeiras, as dificuldades enfrentadas e repassadas de outra forma. Nunca se sabe ao certo o que os espera na outra curva do rio. Conhecer o rio facilita a sua leitura, mas não impede que o novo apareça. São os mesmos lugares, mas é uma outra história, um outro acontecer.

Como já enunciamos na introdução deste trabalho, o fluxo das lembranças dos canoieiros está muito marcado e demarcado pelo fluxo das águas. O fio da memória vai se desenrolando ao longo da narrativa num movimento similar ao da canoa deslizando no rio e, esse caminho feito pela canoa, refaz o cenário presente durante o percurso. Ao reconstruir a sua história, o canoieiro reconstrói também a história do rio e a história do Vale do Jequitinhonha. Ele não só entrelaça a sua história com a do rio, mas o seu próprio destino.

Quando usamos o termo “reconstrução”, estamos nos reportando ao conceito de memória utilizado por Maurice Halbwachs (Halbwachs, 1990; Bosi, 1987), onde a memória é vista como uma *reconstrução* do passado e não como a *conservação* deste.²⁷

Segundo E. Bosi – ao interpretar o pressuposto de Halbwachs -, essa reconstrução do passado através da lembrança, não implicaria, num reviver, mas num refazer, repensar, num ressignificar as experiências do passado, com as idéias e imagens do presente.

E, ela completa dizendo que: *“memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, ‘tal como foi’, e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora à disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância,*

²⁷ Para provar esse pressuposto, Halbwachs não se preocupa em estudar a memória “pura”, mas os “quadros sociais da memória”, ou seja, estudar a memória do indivíduo atrelada ao grupo (ou aos grupos) no qual está inserido. Para ele: “...cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, é um ponto de vista que muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios”. (Halbwachs, 1990:51)

porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas idéias, nossos juízos de realidade e de valor. O simples fato de lembrar o passado no presente, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro, e propõe a sua diferença em termos de ponto de vista.” (Bosi,1987:17)

É possível perceber que, em muitos momentos, esse *trabalho* realizado pelos canoeiros, quando rememoram, é acompanhado de uma prática exercida por eles ao longo do rio. O ato de lembrar e o ato de remar se interagem na fala do canoeiro: ele conduz a canoa, ao mesmo tempo em que conduz a narrativa.

Dessa forma, é possível perceber também que “*existe um reviver no rememorar*”, existe um caminho que é refeito, que é revisitado e que, ao lhe permitir viver de novo o que já foi vivenciado, “*completa mais do que o sentido não sabido, completa uma parte da vida ainda não vivida e tão passada.*” (Brandão, 1998:152)

“O reviver na narrativa” evoca, dessa forma, a expectativa de um futuro que estava presente no passado e que não se realizou. Ao reviver, assim, a sua história, ele ressignifica a experiência do passado, ao mesmo tempo em que ressignifica a expectativa do futuro. (*ibidem*:29).

Concordando com E. Bosi (1987), afirmei acima que o rememorar não é reviver. As afirmações de C. Brandão (1998) e de E. Bosi (1987), apesar de aparentemente contraditórias, não o são de fato, pois C. Brandão não se refere a um reviver o passado “tal como foi”, mas a um reviver que ressignifica as experiências do passado, um reviver do que ainda não foi vivido.

2. “A Canoa rompe, rompe, rompe...”

Seu Gizério²⁸, antigo canoeiro da cidade de Jequitinhonha, um senhor forte, apesar de seus 84 anos, alegre, de pele bem morena, curtida de sol, nos recebeu na cozinha de sua casa e, antes que começássemos com nossas perguntas, nos deu a direção de sua fala: “*Então, começando*

²⁸ Esta entrevista também foi realizada na cidade de Jequitinhonha, durante o Festival de 1996 como “tarefa” de um dos grupos participantes da oficina sobre a História do Vale do Jequitinhonha, ministrada por Eduardo Magalhães Ribeiro. Seu Gizério, na época da entrevista com 84 anos (disse querer viver 150), é um desses canoeiros que entram na canoa para contar suas histórias. Quando, por vezes, interrompido, retomava a canoa e seguia seu rumo novamente.

de Salto da Divisa prá cá...”. Vez ou outra nos perguntava se poderia incluir mais alguma informação: “E essas pedras que tem na beira do rio, pedra grande, pode falar?”

Pretendia, dessa forma, discorrer sobre os pontos perigosos do rio, sobre as cidades que o margeavam, as pedras e as cachoeiras encontradas pelo caminho e devidamente batizadas pelos canoeiros. Queria falar sobre “os nomes do rio Jequitinhonha”, fornecendo, então, o roteiro de sua viagem. E assim o fez. Apesar das intervenções da pesquisadora, ele não perdia o fio de sua narrativa e a retomava sempre que um outro assunto ou uma nova pergunta o pudesse fazer desviar-se dela.

Seu Gizério conta como quem vê, visualiza o cenário e, ao contar, permite que o ouvinte forme imagens de sua travessia e crie molduras para suas histórias. Ele presentifica o passado na narrativa e nos carrega junto com ele: “Agora vamo passá prá cima desse lugar”.

Ele toma a sua canoa e segue o caminho do rio rompendo pelas águas, ao mesmo tempo em que relembra, revive, reconstrói sua vida e seu ofício de viver e remar. Os pontos e os marcos descritos em seu percurso demarcam sua própria trajetória de vida no rio. Sua travessia não tem começo, nem fim, tem continuidade. E, “assim como toda história é o ensejo de uma nova história” (Benjamim, 1994:13), sua viagem é o ensejo de uma nova viagem.

O canoeiro Gizério vai contando como quem pretende desembocar no mar, mas nos surpreende ao chegar à nascente do rio Jequitinhonha, em Pedra Redonda, lugar que ele desconhece – ao mesmo tempo em que conhece, por ter ouvido e aprendido de outros – onde mesmo nem é possível navegar, mas, ao mesmo tempo, onde é possível recomeçar sua viagem:

“Então, começando lá do Salto da Divisa prá cá: Nova Gaia, uma casa que tem lá e chama Nova Gaia (...). Tem um que eu não me lembro, é um do Jacinto, um que sai daí, daqui sai lá, mas eu não lembro o nome dele. Agora, os ponto do rio é: Zueira, Panela...

Abaixo do Jacinto era Paga-Fogo, Foieiro, Estanhague, Canela-Demo. Deixa eu ver... Feijoal, os Periquito (...), tudo é nome do rio. Panela quase chegando já em Almenara. São Simão, córrego do Martim. Gangorrinha, Ilha do Pão.



Foto 16

Deixa eu só perguntar pro senhor, até hoje ainda tem esses pontos todos no rio ou já sumiu um tanto?

Tem. Deixa eu ver agora. Depois da Ilha do Pão, tem Barra Nova. Simoa, agora é o Banco, só não empresta dinheiro. Deixa eu ver, aí rompe, rompe, rompe, rompe, rompe...

Córrego de São Miguel que vem daqui de Joáima e cai no rio. Do rio prá riba não tem; tem o Quebra, é isso aí, aonde tem aquelas pedras. Mas aí, eles bota os nome com uns trem tudo certinho, porque aí se cair canoa ali, quebra. Já quebrou umas três, já morreu gente ali. Agora vamo passar prá cima desse lugar. Cocar (aqui pertinho é o Cocar, ali prá cima do Odilo), Sete Pecado, viaja, viaja, viaja, e o Angelim.

Cocar, a água pulava igual a um cocar. Mazarão, Raiz de Pau, Rebojo, Quebra a Cara. É que as canoa vinha e tinha uma coisa assim que se bater, bate a cara. Brasim.

Como é que era, no Quebra-Cara se batia a canoa, caía e batia nas pedras?

Aí, foi engraçado. Um dia vinha uma canoa, quando o canoeiro passô o remo prá segurá ela, o remo quebrô, ele caiu de costas e de repente ele entrou dentro da canoa, e segurô a canoa e os outro nem viu isso, quando viu já tava saindo lá embaixo. Eu falei Rebojo?

Pois é. Carreira Comprida, Ciriba. O rio que tem lá agora, esses que eu tô falando aqui, tem o caminho, e quando é esses nome assim, é eles mesmos que põe, os canoeiros pergunta um pro outro: 'em qual lugar tá correndo?' E essas pedras que tem na beira do rio, pedra grande, pode falar? Pedra do Bode, prá baixo do São Pedro. Tem Paco-Paco, Surubim (já é peixe).

Dava muito surubim aqui?

Dá. Hoje mesmo eu vi um baita aqui assim.

Hoje? Quer dizer que até hoje tem muito surubim, aí?

Ainda tem. E, deixa eu ver agora. Tem Azabroba. Ô gente, ficou o Cerqueiro do Alto que eu não pus, lá do São Simão. Sabe onde é o São Simão? Emburana tá aí, né. Emburana é pertinho de Almenara, perto de São Simão. De cidade tem Jacinto, Almenara, que nesse tempo era Vigia. Guarilândia era Farrancho. Bom, nós deixô Azabroba. Escalavrado, São Pedro. Agora, o córrego que sai nas costas dele é Tamborim. Deixa eu ver, Estreito. Ah, um lugar que a canoa quando o rio tá cheio, eles têm que puxá porque se ela entrar... E tem uma rota assim que aquilo fica qualhadinho de pau, como que um pedreiro que arrumô aquilo. É bonito.

Daí, Itaobim, a cidade. Córrego São João, Maravilha. Barra do Pontal, já tá perto de Araçuaí. Morro Redondo, já perto de Araçuaí. São Domingos é o nome de Santo. Terminou, chegou em Araçuaí, terminou. Agora eu vou voltar prá Itaporé. Itinguinha é um córrego que fica abaixo da Barra do Pontal. Lá é ponto de canoa. Chega aí de Araçuaí, vem do sul e vem do norte. Agora, vamos acima de Itaporé. Mata de Acauã. Arraial dos negros foi quando formou, teve a alforria prá chamar. Quando teve a

alforria, que formou esse nome de Arraial dos Negros. O Arraial dos Negros fica perto de Diamantina. Eu fui até no Arraial dos Negros. Depois de Itaporé, Janjão. E agora é Diamantina, nós vamos chegar à cabeceira do rio agora. Pedra Redonda no município de Serro.

O senhor ia até lá?

Não. Aí é na escola que tem sobre esse ponto. Pedra Redonda, no município de Serro, que é donde nasce esse rio, mas ninguém vê ele não, lá é um brejão. Vai correndo debaixo do chão, lá em Diamantina ele sai, aonde existe muito diamante. É vigiado pela polícia prá ninguém panhá. Aqui, quando os homem passou por aqui, eles falou que acima do Jequitinhonha, meia légua, tinha uma mina de diamante, foi dito e certo.

(...) Pedra Redonda é ponto que a escola que tem dá. Não é todo mundo que sabe não. Eu tenho dado muita lição prá esse povo.”

Aliando o que viu ao que ouviu, seu Gizério vai construindo sua narrativa e entremeando sua experiência pessoal com fatos vividos por outros, vai entrelaçando, cruzando sua história pessoal com a história aprendida e apreendida na escola.

Ao contrário do que pensam e dizem os contadores citados por V. Pereira (1996)²⁹, para quem a escola converte-se numa ameaça ao saber popular, seu Gizério alia o que aprendeu na escola com o que apreendeu na prática do viver para, assim, consolidar seu saber, para construí-lo artesanalmente e (re)transmiti-lo a outros.

Como um “artesão da memória”, seu Gizério incorpora à sua própria experiência vivida e narrada, outras narrativas e, até mesmo, um saber formal passado pela escola, que lhe possibilita reconstruir a sua fala. E é esse saber elaborado à luz de outros conhecimentos o que lhe permite e lhe autoriza dar “*muita lição a esse povo*”.

V. Pereira também tece comentários a este respeito, salientando e enfatizando o orgulho que sentem esses “sábios” e “mestres” contadores, pelo papel que exercem e pelo lugar que ocupam na comunidade na qual estão inseridos. Como “guardiães da memória”, ainda que ameaçados, continuam a transmitir, artesanalmente, uma bagagem de experiências e de conhecimentos úteis acumulados ao longo de “várias vidas”. Segundo as palavras da autora:

²⁹ A escola, no texto de V. Pereira, é colocada pelos narradores como algo que ameaça a perpetuação da arte da narrativa oral pois, ao ensinar “coisas em excesso”, ela rouba dos jovens “o interesse e a atenção à matéria transmitida pelos contadores” (1996:35). Ainda segundo a autora: “Os comentários tecidos pelo narrador de Turmalina indicam uma linha lógica de pensamento diante do paulatino processo de mudanças por que passa seu ambiente. São transformações que atingem o prestígio da sua arte e ameaçam com o desaparecimento um patrimônio oral. Se alguns contadores apontam o rádio e a televisão como fonte de perigo, todos são unânimes, entretanto, no temor à escola como principal antagonista.” (*ibidem*:35)

“Esses contadores delimitam, em suas falas, o espaço de seu trânsito no Vale do Jequitinhonha, ao mesmo tempo que nelas ainda configuram a sua posição, o lugar que acreditam seu entre os mestres, os sábios da região. No exercício de uma tarefa artesanal, ensinam filhos, netos, amigos, moldam gerações para um trabalho manual, executando longe dos recursos urbanos, das escolas e, no desempenho dessa liderança, obtêm o respeito, o amor de seu grupo. Para isso recorrem às reminiscências, ao acervo acumulado de várias vidas, de muitas experiências, falando às vezes de coisas que apenas ouviram dizer, mas que, ao serem assimiladas à substância do seu viver, formam a necessária bagagem de conhecimentos úteis. Os contadores orgulham-se dos papéis que exercem e do que representam para a comunidade, fazendo questão de deixar isso claro.” (ibidem:33)³⁰

Seu Gizério começou a trabalhar no rio ainda menino, tinha por volta de 12 anos. Para ele, aprender a remar é o mesmo que aprender a leitura e, assim, aprendeu o ofício como quem aprende a ler sozinho:

“Aquilo não precisava ensinar, não. Tem que segurar na canoa, se for prá empurrar, o remo já é mais difícil e os canal prá andar. Os canal prá andar é igual a leitura, quem aprende aquilo, é o mesmo que saber a leitura. Tem que ir certo, se errar...”

O dia-a-dia no rio, a duração de cada viagem, as paradas para almoço e descanso, o transporte de mercadorias ligando cidades e pessoas, a contextualização sócio-econômica e histórica da época da navegação no Vale, os *beira-mar* anunciando a chegada nos portos, as “leis” e os costumes dos canoieiros, o imaginário sobre os índios do Jequitinhonha, o saber aprendido e o saber vivido, tudo isso são fatos que perpassam a narrativa de seu Gizério, realizada, muitas vezes, sob uma temporalidade descontínua, imprecisa e plural. Mescla temporalidades diferentes, confundindo momentos históricos, principalmente quando fala dos índios:

“Nesse tempo, só viajava por canoa, negócio de sal vinha por canoa, pegava a embarcação lá e subia de canoa, vinha aí prá Araçuaí e vendia mercadoria por 16 mil

³⁰ Vale ressaltar, que a análise de narrativas orais e populares do Vale do Jequitinhonha (mais especificamente da região do Alto Jequitinhonha) feita por V. Pereira, procura enfatizar a presença de uma memória mais coletiva que pessoal, que permite à comunidade resistir e permanecer apesar das dificuldades.

réis. Esse rio era todo cheio de mato, tudo tampado de mato, só tinha índio. Tinha muito índio. Tinha um bocado deles. Uma ocasião, enrechô com um lá, foi preciso do home vendê a fazenda e ir embora prá Araçuaí. Eles jogavam flecha no home do lado de cá do rio. (...) E quando descobriu o Brasil também, só tinha índio, tanto que quem tem direito nessas terra tudo é o índio.

E engraçado, que eu acho que eles já tinha tudo, (...) soldado, aqueles coronel antigo, o navio veio, e eles tudo parado olhando. (...) os caboclo matavam a gente nessa época, porque não estavam acostumados com gente não.

É o seguinte, nós somos três nação: é nagô, índio (essa daí puxou os portugueses [falou apontando para mim]), branco (agora, eu, você já puxemo os índios). Agora, os nagô cruzava com eles, misturou tudo, juntou os três sangues.

Que época foi isso?

Faz tempo. Tô com 84 e quero viver 150 anos.

E como eram as viagens, tinha muita cantoria?

É, beira-mar. Você quer ver quando descia uma canoa com eles cantando, era bonito. Saía todo mundo prá ver e quando chegava no comércio também, era a mesma coisa. Era a diversão deles. Era como os marinheiros...

O senhor lembra de algum beira-mar?

Lembro. É cantiga, toca a viola e os outros canta.

'Pica-pau, o vento é meu amor
De dia pinica o pau,
de noite que o meu amor chorou
Pica-pau da cidade, eu vou me embora'

Aí, a canoa ia embora.

As viagens eram assim: tinha os pontos de comer, de quem sai daqui era na pedra da raposa. Tem um lugar aí que chama pedra da raposa, lá era ponto de almoçar. Quando tava ventando, que tava esse vento forte de baixo, saía daqui ia dormir em São Pedro, alcançava São Pedro. Daqui à Araçuaí ia com uns três dias. O vento forte ajuda. Botava tolda. Aí, os proeiros não trabalhava, era só o piloto, segurando de um lado e do outro do escalé³¹. Ia em três canoieiros. Proeiro é quem ia na frente. Fica dois na frente e um atrás.

E tinha jeito de cozinhar dentro da canoa?

Querendo cozinhar, cozinha. Faz um fogão, cozinha café. E quem viaja de canoa só lava prato de homem passageiro, mas se o canoieiro pará de comê e botá o prato lá sem lavá, no outro dia ou de tarde, ele tem que lavá. Cada um tem que cuidar disso. A lei deles é essa. E cozinha também, hoje é de um, se ele for cozinheiro amanhã, já ele toma conta hoje. Hoje ele já bota o feijão no fogo, amanhã a gente pega e faz. Os outro ajuda a cortar uma verdura, uma coisa, mas o (tempero?), é ele que faz. Eh, ô povo que cozinha bom. Eles fazia uma feijoada...

³¹ Escalé ou escaler é uma canoa pequena.

Esse povo comia muito na canoa deles, aqui, lá em Almenara. Uma vez, eles mataram um veado nadando no rio. O povo de Almenara foi tudo comê o veado mais ele.

Era feijoadada, arroz e farinha. Era os trem que eles comia, era isso. Peixe do rio, pescava. (...) Agora, tinha muito peixe, não podia demorá muito senão enchia a canoa.

(...) E tinha uma coisa, já ia acabando de comê, bebia água, ia viajando, não tinha moleza, não.

E tinha muita cachaça, seu Gizério?

Vigi. Quando viajava tinha uns que caía, ia botá a vara dentro d'água. Aqui, tinha um. Um dia, a canoa ia num vento aqui, ele foi botá a vara, virô, foi preciso do Florêncio, do piloto, pegá ele e botá dentro da canoa.

Essas professora de antigamente aqui, ia tudo prá Araçuaí, era de canoa. Ia, quando era prá voltar, ia. Não tinha estrada de rodagem, é estrada cavaleira, ia de cavalo e ia de canoa.

O senhor levava as professoras?

Não, isso já era antigo, os outro é que conta.

Eu vou perguntar prá vocês agora, onde que é o nascimento desse rio?

Serro.

Não. É Pedra Redonda, no município de Serro.

É verdade que em lugar que chegava canoeiro, as mulheres chegavam também?

Chegava. Tem até um negócio que fala:

*'Quem quiser tomar amor,
toma amor a um canoeiro (era cantiga das mulher),
camisão tá moiado,
na gibeira tem dinheiro.'*

Porque dinheiro nesse tempo era muito difícil, e não era muito dinheiro não. Vinha de beira-mar prá ganhá 16 mil réis.

Por que o camisão tá moiado?

É dentro d'água, trabaia dentro d'água. Eles não trabaia de calça, não, nem de calção, que assa tudo, assa as pernas. Em Araçuaí, tinha um home³² que, no porto dele, não passava de calção, tinha que vestir a calça por baixo, passava ali.

Não vestia calção, nem cueca, nem nada. Só camisão. E cê sabe como é que eles fuma? Os canoeiro, eles fazem os cigarro de noite, parado prá fazê cigarro. Bota tudo assim no chapéu (em volta da aba)..."

Em vários momentos de sua narrativa, fica a impressão de que seu Gizério realmente esteve *in loco*. Ao falar dos "caboclos" (índios), ele nos faz crer que havia, de fato, presenciado a

³² Seu Gizério está se referindo à Fazenda do Mateus, do coronel Cunha Melo da cidade de Araçuaí. Este fato será também mencionado pelo canoeiro Mané Preto no próximo capítulo.

cena que nos descreve. Porém, com o correr da fala, percebe-se que os “caboclos” até poderiam ter estado nos mesmos lugares, mas num outro momento, que não o presenciado pelo canoeiro.³³

O mesmo ocorre quando usa o termo “a gente”- “*eles iam encontrar com eles, mas eles matavam a gente nessa época, porque não estavam acostumados com gente não*”- e nos faz crer que ele também se incorporava à ação do instante narrado, quando, na verdade, ele está fazendo uma alusão ao homem branco, diferenciando-o do índio e se auto-diferenciando também, como “gente”.³⁴

Para discutir um pouco mais a questão da temporalidade apontada neste relato, vou fazer uso do estudo de N. Denzin (1984) sobre o assunto. Em seu texto, a temporalidade é colocada como uma questão básica em estudos que se utilizam de depoimentos pessoais, podendo ser distinguidas duas formas: a *temporalidade mundana* e a *temporalidade fenomenológica* interior.

“O tempo mundano é o tempo cotidiano, cortado, categorizado em blocos, pedaços e segmentos discretos que chamamos o passado, o presente e o futuro. O tempo fenomenológico é o tempo como fluxo contínuo, onde o passado, o presente e o futuro são processos contínuos dos quais a pessoa é parte, além disso, não possuem uma linha definida, possível de ser traçada e visualizada.” (ibidem:34)

A vida de cada pessoa vai se fazendo dentro e através dessas formas temporais e da forma como as pessoas agem e interagem no espaço-tempo. Cabe ao pesquisador, no momento da investigação, “*ir tão longe quanto possível na vida do sujeito, até e inclusive o presente, enquanto regressa ou se movimenta para trás nas condições materiais, históricas e temporais que estabelecem as particularidades da vida e dos projetos do sujeito.*” (ibidem:41)

Dentro de uma temporalidade que coloca o sujeito numa perspectiva aquém ou além de seu tempo, existem os sujeitos que transitam, que co-participam de sua vida e de sua narrativa; existem vidas numa história de vida.

³³ A presença histórica dos índios na região será tratada no quarto capítulo, no item: “O Encontro de Duas Histórias”.

³⁴ Pietrafesa de Godoi (1998:102) também faz referência a “não-humanidade” atribuída aos índios pelos camponeses do povoado do Zabelê, no sertão do Piauí. Segundo a autora: “eles são uma *nação de gente* por oposição aos índios – *os bichos* – sempre expulsos para espaços selvagens e para um tempo fora da história (...). Pensados através de uma categoria definitivamente não-humana, os índios são desta forma eliminados da árvore genealógica desses camponeses.”

Segundo o autor, “a vida é uma ‘produção temporal’ que se estende antes, durante e depois do tempo de vida de uma pessoa. As vidas são propriedades biográficas pertencentes a pessoas e a outros, inclusive instituições, Nações-Estados e até a uma parte do sistema mundial.” (ibidem: 32) Quando alguém fala de si, fala também de seus antepassados, de seus sucessores; fala de uma história que o atravessa.

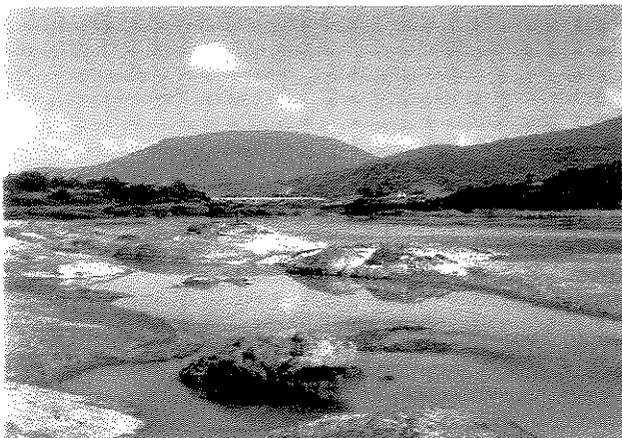


Foto 17

O que dá sentido à narrativa e à lembrança de seu Gizério, não é o que se encontra nos lugares, nem são os lugares a que se pode chegar e a que se chega, é a travessia e a idéia de movimento que está implícita nesta palavra.

Em sua narrativa, prevalece o movimento, o reviver de sua história através do fluxo e do correr das águas. É como se a fala do canoeiro construísse ou reconstruísse um quadro em movimento, e não uma moldura estática do passado, mas algo que acompanha o ritmo da narrativa. Sua lembrança implica num realizar novamente, navegar de novo nas águas do Jequitinhonha. Além de reconstruir um quadro em movimento, ele traça um mapa geográfico do rio Jequitinhonha e, com isso, reconstrói não só o tempo, mas o espaço onde se inscreve sua narrativa.

3. "Precisa da pessoa sê forçoso"

"*Canoa não é força, é opinião*". Com esta frase, seu Odilo Paulo, canoeiro da cidade de Jequitinhonha, deu início à nossa conversa.



A entrevista com seu Odilo, diferentemente da de seu Gisério, foi orientada mais pelas nossas perguntas do que pelo fluxo das suas lembranças. Nosso diálogo, marcado por alguns silêncios entre perguntas e respostas, tornou-se, em muitos momentos, incompreensível para ambos.³⁵

Nossas perguntas soavam estranhas e tínhamos a sensação de que ele se perguntava: "mas o que será que eles tão falando?" Isso porque sempre tínhamos que repetir a pergunta, usando outras palavras, falando pausadamente e de forma mais audível. Muitas respostas também eram incompreensíveis para nós, termos e palavras desconhecidos que nosso contexto não permitia decodificar.

Ao contrário dos outros canoeiros, sua fala esteve profundamente marcada pelas adversidades, pelo sofrimento e pesar de sua profissão, ressaltando o quão penoso e árduo era o trabalho no rio. Suas respostas, muitas vezes em frases curtas, costumavam resumir a dimensão da força e da resignação empregadas em seu ofício.

³⁵ Esta entrevista também foi realizada como tarefa em grupo da oficina oferecida no Festivale de 1996, por isso emprego aqui, a primeira pessoa do plural.

Assim como seu Gizério, também aprendeu o ofício por conta própria, sem que ninguém o ensinasse. Foi impelido pela sua curiosidade.

Morando sozinho e com sérios problemas de saúde, que ele disse serem herança da cachaça tomada nas paradas de cada viagem “para dar coragem”, seu aspecto agora era de muito sofrimento, de muita fraqueza. Sentado numa cadeira, na sala escura de sua casa, falava baixo enquanto batia com a ponta de uma faca na mesa. Às vezes era difícil escutar o que ele dizia e às vezes era difícil entender sua fala sertaneja:

“Como era antigamente?”

Antigamente era assim, era mais fácil, mais favorável prá gente. A gente trabalhava, mas era mais favorável. Tinha manufaturas, agora não tá tendo procura, a gente tem mais é trabalho, a gente tá perdendo o serviço.

Quando que o senhor começou a trabalhar com canoa?

Na idade de 8 anos, eu já trabaiava. Trabaiava puxando sorgo de boi, ganhava 300 réis por dia, do dinheiro antigo. Peguei de trabaiá de canoa nessa base de 18 anos mais ou menos, porque daqui ali é longe, né, precisa da pessoa sê forçoso. A canoa, o ofício é pesado. O canoeiro tinha obrigação de só trabaiá e tomá cuidado, que a canoa precisa de muito cuidado, né.

O que o senhor carregava na canoa?

Carrega sal, querosene, rapadura, vinha de Araçuaí. Nessa época, vinha também de lá, vinha na cacunda de animal, era tropa. (...) vinha na cacunda de burro. E vinha de Araçuaí rapadura, não tinha açúcar, não, nessa época era rapadura.

Fiquei nessa lida muitos anos. Parei de trabaiá há mais de 15 anos. Trabaiava na roça, plantava feijão, milho...

Eu adoeci, não guentei mais trabaiá, tá fazendo quatro ano que eu só vivo ni hospital. É uma raridade eu passá um mês e poco sem ir pro hospital. Eu acho que não é trabaião não, trabaião não traz isso não. Eu acho que é ó (faz sinal de quem bebe cachaça). Porque o canoeiro, ô bicho prá bebê cachaça. Bebia mais cachaça de que água. Era só virá cotovelo. Eu acho que é por isso que eu tô desse jeito. Mas só bebia quando parava, viajando não bebia, não.

Como era feita a canoa e quantos dias de viagem levava até Araçuaí?

A canoa é um calção aberto, feito de um cocho. A canoa ocupa três, um na popa e dois na proa prá açoitá, o de trás chama piloto. A canoa era feita de ipê, o remo também era feito de ipê. Daqui até Araçuaí, levava oito dia. É, o serviço de canoa é um serviço pesado.

Como fazia prá cozinhar?

Parava prá fazer comida. Era dividido, um dia era de um, outro dia do outro. Prá dormir tinha a tolda, armava a tolda, de pano, tipo uma barracona, na beira do rio. Enfincava um pau assim, outro lá e mais outro, na beira do rio. Cobria a gente dentro

do barco. Às vezes fazia um fogão dentro da canoa prá cozinhá também. Fazia um fogãozinho assim, ó. Ia viajando e cozinhando. Era lenha. Forrava assim de madeira e dá barro por riba, por cima assim prá não queimá a madeira e cozinhava.

A comida era feijoada. Canoeiro gostava muito de feijoada.

O senhor comia mingolim também?

Demais. Mas aquilo é brabo. É feijoada e mingolim. Aquilo era feito de rapadura e gordura. Botava farinha também. Era feito mel de abelha também. Frita na gordura e botava rapadura e farinha e ia mexendo. Amarra na gordura. Comia de pouquinho. É o mingolim é de pouquinho, se comesse mais...³⁶

Como eram as viagens?

Vai trabaiaando, uma hora trabaia na cheia, outra hora trabaia com o rio seco. Com o rio mais cheio demora mais.

Alguma vez aconteceu da canoa encalhar ou afundar?

A canoa sempre afundava, ela batia em pedras. Tinha muita pedra no rio. No rio Araçuaí tinha pedra demais. Aqui, tem um cerquero que é perigoso, é o lugar mais de perigo que tem é aqui, encostado aqui na cidade.

Era bom ser canoeiro?

Que nada. O serviço era muito pesado. Põe a vara aqui ó (debaixo do braço, no osso do peito – no tórax), e empurra assim, ó. Um põe a vara de um lado, o outro de outro. Assim firma mais. Isso aqui incha, assim, ó. Depois, é que caleja.

(...)A cachaça dá esprito prá pessoa. Eles fala que cachaça esquenta, não é nada. Cachaça dá esprito. Dá corage prá pessoa trabaiaá, fazê qualqué coisa, mas esquentá, parece que não esquenta, não. Eles fala que cachaça é boa, ela é boa?

O senhor saía de madrugada? Trabalhava até que horas?

À noite não ia não. Quando era à tardezinha já tava abarracado. E mesmo prá podê fazê a comida. Nessa hora já era prá tá abarrancando. A barraca era de madeira, passava uns pau e fazia assim, agora coloca as panela. Canoeiro é um bicho doido. De madrugada, no escurinho, já tava saindo de novo, ia embora.

Nóis cantava quando encostava a canoa e saía lá prá Vigia, saía cantando, era só. Cantava prá podê seguir o ritmo, é, diverti.”

De fato, as cantigas de beira-mar costumavam embalar as viagens dos canoeiros, impondo ritmo ao movimento dos remos no toque das águas. Cantavam os amores deixados nos portos, os perigosos do rio, a saudade.

³⁶ No caso “Mingolim do Broconó”, J. Duarte (1972) retrata o perigo que era comer o *mingolim* e como os canoeiros tratavam as pessoas que não respeitavam suas “leis”, como a divisão de tarefas que cabia a cada um realizar: cozinhar, lavar os pratos, etc. O *mingolim* era uma comida que os canoeiros apreciavam muito. Feita com rapadura, gordura de porco e farinha, era bem forte e deveria ser comida em pouca quantidade.

O canto anunciava a chegada, denunciava a partida e os acompanhava durante a viagem. Cantavam feitos de trabalho e de travessia. Como neste beira-mar:

Beira-Mar Novo

*Beira-mar novo foi só eu é que cantei, ô beira-mar...
Tô remando minha canoa, lá pro poço do pesqueiro, ô beira-mar...*

Refrão:

*Adeus, adeus, toma adeus
Eu já vou me embora
Eu morava no fundo d'água
Não sei quando eu voltarei
Eu sou canoeiro.
Tô remando minha canoa lá do poço do pesqueiro
Ô beira-mar, adeus dona, adeus riacho de areia.*

*Eu não moro aqui, nem aqui quero morar, ô beira-mar...
Moro na casca da lima, no caroço do juá, ô beira-mar....*

*Quando eu sair daqui, vou sair daqui avoando, ô beira-mar...
Para o povo não dizer que eu saí daqui chorando, ô beira-mar...*

*Vou descendo rio abaixo, numa canoa furada, ô beira-mar
Arriscando minha vida, pruma coisinha de nada, ô beira-mar...*

*Rio abaixo, rio acima, tudo isso já andei, ô beira-mar...
Procurando amor de longe, que de perto já deixei, ô beira-mar...³⁷*

4. "O rio, naquela época, era muito fundo..."

Dos canoeiros citados, seu Osvaldo é o único que não é mineiro. Saiu da Bahia para trabalhar, inicialmente, com movimento de tropa no nordeste de Minas. Mais tarde, aliou este trabalho com o movimento de canoa e passou a realizar as duas atividades. Na época da entrevista, vivia em Santo Antônio do Jacinto, uma cidade do Baixo Jequitinhonha que faz divisa com o estado da Bahia.

Não tão moreno nem tão forte quanto os outros canoeiros, mas de palavras tão firmes quanto a deles, impunha um certo respeito pela densidade e orgulho com que descrevia e explicava, didaticamente, as atividades que desempenhava, tanto com tropa quanto com canoa.

³⁷ Este beira-mar foi gravado pelo Coral Trovadores do Vale. A informante foi Leonida Rosa da Conceição, da cidade de Araçuaí. O canoeiro Mané Preto ao entoar trechos de um beira-mar, cantou algumas estrofes dessa música. Muitas vezes o refrão é fixo e os versos são sempre recriados durante a cantoria.

Sua narrativa procurou mais descrever e explicar o cotidiano de seu trabalho. Além de narrar suas viagens, acabou, também, por retratar, de certa forma, a rede de relações formadas em volta do comércio das mercadorias que transportava.

“Então, vim prá Qui, iniciando com movimento de tropa. Tropa é aquele tipo de povo que, a gente põe, tem a cangalha, carrega amarrado de corda de um lado e de outro. Então, a gente tinha um movimento de 10, 20 burro. Então, 10 burro chama-se uma tropa, 20 burro é duas tropa.

Então, a gente transportava mercadoria, tanto levava prá vender, como no caso, a gente trazia prá Qui a paina. A paina a gente tirava nas árvores, na floresta e fabricava colchão, enchia colchão de paina, enchia a cangalha do animal, da tropa, era enchida dessa dita paina. Pró colocar suador em cangalha, suador em sela prá gente andar, a montaria, tudo enchida com aquela paina fofinha prá proteger o lombo do animal. Então, isso era que se chamava tropa e a gente que era o dono era tropeiro.

Então, daqui, depois que a gente andou um monte aqui no estado de Minas, a gente descobriu um movimento de fazer carne de sol. Então, essa carne de sol, a gente transportava prá Itabuna, Ilhéus, prá região de Pedra Branca que hoje chama Itamarati, Belmonte, Canasvieiras. Então, o movimento que a gente levava, lá a gente tornava a fazer outro carrego, chamava carrego, né, os cangalhos, os materiais, o combustível que a gente levava, chamava carrego, né. Carrego era completar as dez carga de 10 animais.

A gente trazia o sal, o sabão, a enxada, outra hora pegava o frete. O frete é aquelas fábricas de hoje em dia, as casas comerciais não tinha caminhão, transporte de carro... . A gente pegava o frete nas consignações. Aquela carga que despachava mercadoria, vamos supor, em Jequié, exportava outra mercadoria prá Almenara. O dono daquela mercadoria saía e a gente já esperava o frete na consignação.

Então, a gente pegava o frete na consignação, e quando a gente fazia carne sol, a gente negociava por conta própria. Aí ia revendê, prá os vendero, mercado na banca, casa de negócio no sul da Bahia, a gente vendia 2, 3, 4 fatia da carne, comprava o sal, o sabão, a farinha de trigo, o cimento e tornava a trazer prá região da gente.

Nessa época, a primeira cidade da minha vinda da Bahia foi Rubim, depois de Rubim eu mudei prá Jacinto, com o mesmo movimento. Aí de Jacinto, eu já mudei prá Qui e aí, o movimento já foi diferente, aqui já foi de feijão. Aqui era grande produtor de feijão.³⁸

Feijão aqui perdia, então foi o movimento de tropa que desenvolveu a produção de feijão aqui da região. Nós levava prá Itapetinga, prá Itabuna, prá Ilhéus. Os lavrador,

³⁸ Santo Antonio do Jacinto já viveu tempos áureos por causa da plantação de feijão. Dizem que numa safra colheram tanto feijão que tiveram que guardar até na igreja. Alguns acreditam que essa foi a causa do declínio da produção de feijão na cidade.

os pequeno lavrador, esses levava sua carninha também, no mercado consumidor, sua saquinha de feijão no dia de semana, no Sábado, porque o movimento aqui é de Sábado, negócio de supermercado aqui não, o negócio aqui é mercado consumidor, cada um com seu varejo. Um levava sua carga de feijão, outro levava sua carga de farinha, de café, o negócio era retalhar. Ao invés do supermercado vender, então o mesmo lavrador que era o supermercado.

Prá Araçuaí, eu fui quando mudei de Rubim prá Jacinto, aí eu fiquei tendo a tropa, levando feijão prá Itapetinga e trazendo mercadoria de Itapetinga aqui pro comércio, casa de comércio. E fretava canoa, arrendava a canoa e ia comprar rapadura em Araçuaí. A canoa era prá apanhá rapadura em Araçuaí e cachaça, né. Comprava na prateleira e ia vender uma rapadura pros fazendeiros, duas, três, conforme as despesa de cada um, e a cachaça no varejo. Então, me movimenteí nesses dois comércio, né, a tropa e a canoa.

Em Salto da Divisa, a gente vinha de canoa, de Belmonte, carregado de sal, de trigo, do sabão. Agora, no Salto da Divisa tem uma cachoeira no rio Jequitinhonha, que se chama Tomba, então a canoa não subia. Nós tinha que descarregar a canoa, colocar a mercadoria pelo lado de fora, como se fosse assim um passeio no chão, pegava a canoa, tirava na junta de boi, de dentro d'água puxava ela pelo seco, que é o chão chamado, né, rodava pela cachoeira, chegava lá, jogava ela dentro d'água e carregava de novo e tornava a seguir por Almenara, Jequitinhonha, Jacinto, prá acabar de vender as mercadorias de canoa.

Tinha lugar que a canoa subia bem, mas tinha que pegar a mais da água, prá não pegá na pedra, tinha muita pedra, e quando nós descia o Araçuaí, tinha que saber jogar, senão a canoa afundava, embicava, aí se entrasse muita água, ela emborcava de vez, a gente perdia a mercadoria, tinha que saber jogar, o piloto em cima, atrás, na proa, que sabia manobrar ela, já não era mais aquele remo.

O remo era uma vara que nós conduzia, colocava aqui na caixa do peito, colocava uma vara grande, enorme, de cinco, dez metro, por causa da fundura do rio, até que ela pegasse a piçarra (é o chão, embaixo, a terra jogada dentro da água do rio fundo). Então, a gente jogava a vara, encaixava ela aqui no peito e corria, fazia força e a canoa corria. E o companheiro na proa com o remo, jogando, manobrando ela. Como se fosse uma direção; se visse uma pedra, ele manobrava ela, ela desviava da pedra. Então, ele manobrava desse jeito.

(...) E o movimento da tropa, nós viajava quatro légua por dia, dava meio dia a gente parava, armava a toga de pano, armoçava, jantava, dormia e no outro dia tornava a arribá a tropa novamente. Nós levantava três, quatro hora da manhã, aí já começava a fazer o movimento, porque tinha o movimento. Ali, a gente tinha que batê estaca, estaca é tipo de uns paus que a gente fincava prá amarrar os animais, movimentar com eles, por a cangalha, por a carga.

Então, a gente já levantava, tirava os trem todo, o couro, tinha que jogar aquela carga, já tem aquele couro prá cobrir aquela carga, porque a carga prá na hora de uma chuva, já tava amarradinha toda, e evitava que a chuva não molhava a mercadoria.

Era muito difícil perder mercadoria (por causa da chuva). Só perdia mercadoria quando acontecia de um animal cair num atoleiro. Chovia muito, o animal atolava, às vezes, num lugar úmido, num pantanal, cheio d'água. O animal batia naquele poço d'água que a gente custasse defender, a água penetrava e dava prá perder a mercadoria, mas era difícil.

E a canoa, só quando ela mergulhava que custava a gente tirar, mas porque dava um vácuo d'água (...) a água batia, a gente já corria logo, já corria pro lado de fora da canoa, então não penetrava mesmo, porque a lona não deixava, só no caso que a canoa afundasse e a gente custasse de tirar ela.

O rio naquela época era muito fundo. No rio era passado a tropa de 4 em 4 burro numa barca. A barca é duas canoa do tipo dessa que eu falo que tô trabalhando. Então, pegava duas canoa grande, uma canoa, outra canoa e grampeava ela, feito um assoalho. Não tinha ponte, no Vale do Jequitinhonha não existia ponte no rio. Depois que as coisas veio evoluindo, veio o movimento de carro. (...) Aí, o ramo de tropa também foi caindo, veio o transporte, veio o caminhão, facilitou mais, a mercadoria chega mais perfeito.

A vida era difícil. Sei dizer que eu fui um homem que lutei com uma vida mais difícil, porque lidei com serviço muito pesado.”

Mesmo aliando as duas funções: tropeiro e canoeiro, seu Osvaldo enfatiza o seu trabalho com a tropa, ofício que o levou a migrar para as terras de Minas Gerais, onde o trabalho com canoa veio complementar a sua rede de trocas comerciais.

É importante também destacar este ofício, muitas vezes citado pelos próprios canoeiros, como um dos meios de transporte da época. Tanto quanto o movimento de canoas no Jequitinhonha, o movimento de tropas também possibilitou uma integração entre vários setores da sociedade e várias regiões desse país. Franco destaca a importância do transporte em lombo de burros que abastecia as fazendas e permitia o escoamento das safras num tempo em que “o traçado das estradas e a precariedade crônica de sua conservação tornaram a besta de carga o único meio possível de trânsito”. (1974:60)

As tropas faziam o intercâmbio comercial entre o Alto Jequitinhonha e o norte de Minas e entre o Alto Jequitinhonha e o sudeste da Bahia, através de Araçuaí (Souza, 1997). No tempo em que não havia estradas, o transporte em lombo de burro abastecia várias cidades, povoados e

muitas fazendas do sertão. Além das mercadorias, o comércio dos animais também movimentava os negócios da época.

O próximo capítulo é, na verdade, uma continuação deste. Ele vai tratar especificamente da narrativa do canoeiro Mané Preto e do canoeiro Dema, ambos da cidade de Araçuaí. Por tratar-se de uma entrevista que se desdobrou em duas etapas e destacou a história dessa cidade, de grande importância para a história da navegação no Jequitinhonha e para o desenvolvimento da região do Vale do Jequitinhonha como um todo, optamos por tratá-la separadamente.

III – Lá Vem o Caldeirão!!!

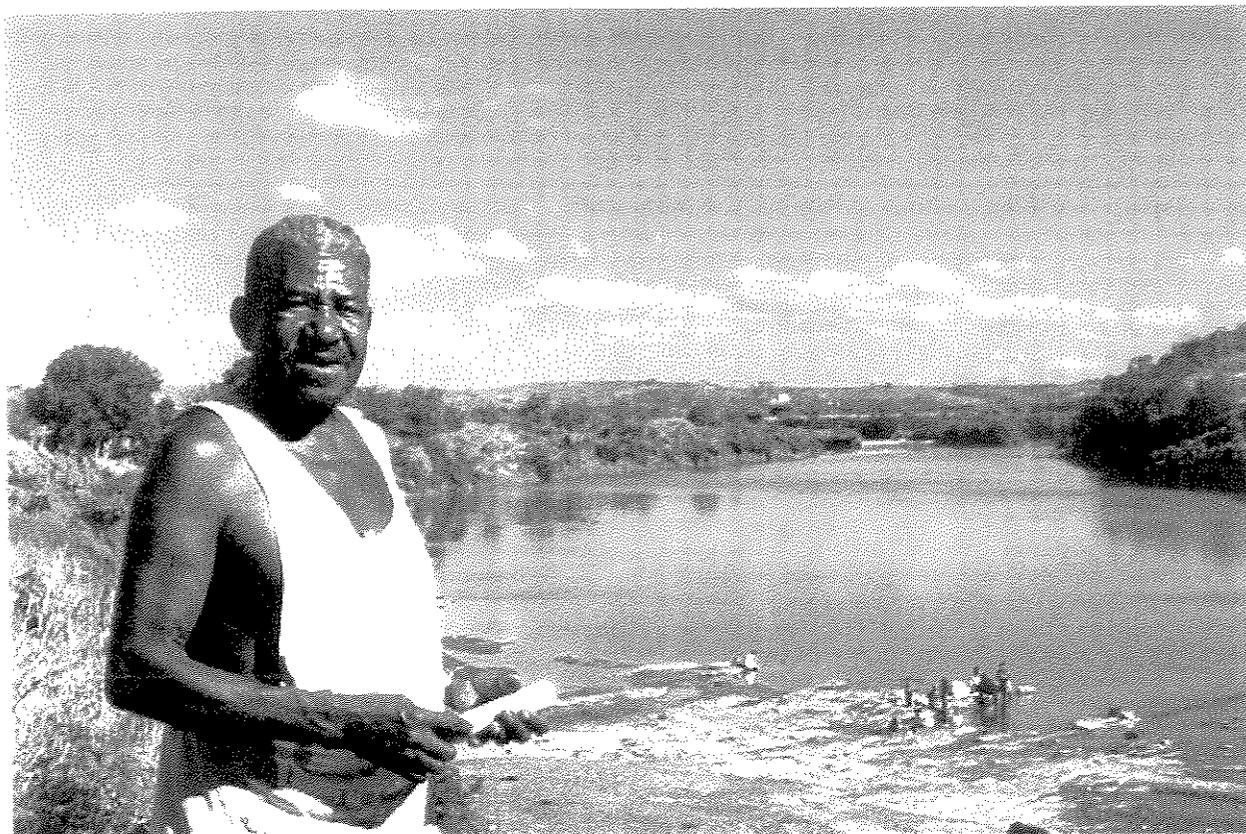


Foto 19

Meu encontro com o canoieiro Mané Preto, da cidade de Araçuaí, aconteceu em dois momentos, um em outubro de 1996 e outro em julho de 1999, em diferentes situações.

Nossa primeira conversa, em 1996, foi em sua casa, na presença de seu Nilton Curió³⁹, um antigo companheiro de trabalho no DER (Departamento de Estradas de Rodagem) que, vez ou outra, fazia algum comentário.

Em 1999, a conversa iniciada na cozinha de sua casa, estendeu-se às ruas da cidade e à casa de outro canoieiro, Dema, que, segundo Mané Preto, “recordava mais do que ele” e “contava mais direitinho”.

³⁹ Nilton Curió foi quem me apresentou para seu Mané Preto. Um senhor negro, de estatura baixa, com 67 anos na época, é como um agente cultural de Araçuaí, o tipo de pessoa que faz de tudo um pouco na cidade. É da Irmandade e do Coral do Rosário, ensaia o Coral de Fátima – de jovens e adolescentes –, organiza eventos, etc. Depois que se aposentou pelo DER, começou a se dedicar mais intensamente aos eventos culturais e a difundir a cultura de Araçuaí e do Vale do Jequitinhonha.

Os dois relatos não diferem muito quanto *ao quê* foi contado por Mané Preto, quanto ao seu conteúdo. Diferem, no entanto, no *como* se deu o processo de rememoração do que foi narrado e à forma da narrativa: cada vez que se conta a mesma história, conta-se de uma maneira diferente. Vale ressaltar que, nos relatos de Mané Preto, mudam as palavras, muda o texto, mas a satisfação e o entusiasmo presentes no ato de narrar são os mesmos nos dois momentos, ainda mais quando compartilhados com outros narradores, como ocorreu no encontro com Dema.

Em muitos momentos, a narrativa de Mané Preto percorre a cidade de Araçuaí, tanto temporalmente quando conta parte da história sócio-econômica da cidade – numa época em que a presença dos canoeiros foi fundamental para o seu desenvolvimento – como espacialmente quando refaz o trajeto das canoas, das mercadorias, quando percorre os lugares onde viviam canoeiros e donos de canoas, o porto onde atracavam quando saíam e chegavam de suas viagens e os postos de abastecimento e de comercialização dos produtos intercambiados quando a “estrada era o rio”.

Dessa forma, acabou por ser incorporada, nesta parte do trabalho, a história da fundação de Araçuaí que traz como personagens principais: os canoeiros do rio Jequitinhonha, as prostitutas de Barra do Pontal e a mulata Luciana Teixeira. Parte dessa história será contada através dos relatos de Dema e Mané Preto.

1. Primeira Parada: 1996

Cheguei à casa de Mané Preto acompanhada por Nilton Curió. Um senhor alto, forte, de pele bem morena e feição marcada mais pela vida do que pela idade – na época estava com 71 anos -, nos recebeu com festa no portão de sua casa.



Foto 20

Depois que seu Curió explicou-lhe o que “a menina estava querendo”, Mané Preto empolgou-se mais ainda e começou a contar suas aventuras no rio Jequitinhonha. Começou a falar de um tempo que, segundo ele, “era bom demais”, quando a “vida era muito boa e divertida”, e deixava transparecer muito

claramente esse sentimento de satisfação toda vez que repetia essas frases: elevava a voz, dava uma risada gostosa, gesticulava bastante enquanto mantinha o brilho nos olhos que mais vida ainda dava à sua história.

Apesar de ter sido uma conversa, de certa forma, direcionada por algumas perguntas, a narrativa de Mané Preto fluía com muita naturalidade e desdobrava-se em várias outras histórias vividas quando de seu trabalho no rio.

Seu relato é muito marcado pela saudade e pelo entusiasmo com que narra suas aventuras. Mesmo nas situações mais adversas, quando descreve a passagem pelas cachoeiras, ou quando tinha que subir o rio na época da cheia, ou ainda sobre as canoas que afundavam, ainda assim, sua fala ressalta o contentamento e a satisfação em estar naquela lida. Ele ressalta a beleza do seu ofício: a saída das canoas, as cantigas de beira-mar, a espera das pessoas na beira do rio apreciando a saída e a chegada dos canoeiros, as canoas enfeitadas, a malandragem, a farra, a festa, a “colegage”, a união.

Mané Preto começou a trabalhar como canoeiro em 1951 quando este movimento já estava acabando na região e já começavam a construir as primeiras estradas de rodagem.

Apesar do pouco tempo em que trabalhou com canoa (apenas três anos) e de todas as dificuldades enfrentadas ao longo da viagem, por sinal, estas descritas sempre com muita vivacidade e ventura em seu relato, tudo sempre lhe pareceu muito divertido, muito bom, muito bonito, e a lembrança desses momentos permitiu-lhe viver novamente essas emoções e esses sentimentos.

Talvez, mais do que re-viver o passado, o traço mais marcante deste depoimento tenha sido a oportunidade de re-sentir cada episódio de sua aventura no rio. O relato de seu Mané Preto mais parece uma odisséia, e é ele mesmo quem nos conta.

“Eu trabalhei uns três ano no rio. Era tempo que levava as carroça para os armazéns, então transportava dos armazéns para o rio. O Calhauzinho, né, tinha aquele praião bonito e nós acampava naquela praia.

Ali, os carregador chegava com as carga, nós carregava a canoa e descia rio abaixo. O Jequitinhonha longe, você precisava de vê. Descia o rio abaixo, pegava um montão de cachoeira pesada, ia passando e ia embora, para pegar Jequitinhonha, Almenara, até Salto da Divisa nós ia.

Era bom demais, a vida muito boa, divertia muito, comia muito peixe, tinha peixe demais, cê precisava de vê.

Comia mingolim, pegava rapadura, sabe, derretia lá dentro d'água. Mas era um trem beleza do mundo. Era muito forte, mas nós gostava. Às vezes conforme o grau do rio, a gente pegava, nem fazia armoço, às vezes fazia armoço quase chegando no Jequitinhonha, Itaobim, São Pedro.

Na época das água (época de chuva), era uma beleza, saía daqui mais era rapidinho chegava lá. Tinha muita água, o rio tava liso, aí ia embora. Porque tinha aqueles grau prá gente passá, tinha grau que não passava, muitos lugá perigoso que não passava. Então, quando assim, meio liso, que dava prá passá, a gente ia embora direto. Agora, de lá prá cá (subir o rio), pelo amor de Deus. Era um Deus me acuda.

A gente via, tinha aqueles pedaços de pau, puxando canoa, puxando regeira pru lado de fora prá salvá aqueles lugá ruim, pedaço de cobra, dormia junto com cobra, sapo, era tudo. Nós lutô muito, lutô muito. Então, nós ficô aí um tempo, aí as canoa foi acabano, até que acabô tudo.

Não tinha rodagem nessa época, não tinha carro, não tinha nada. O transporte era do rio. (...) Pegava 4, 5 canoa prá carregá estudante prá Jequitinhonha. Levava e trazia de novo prá Qui. Ocasião de férias era aquele Deus me acuda, nós trazia aquele povão.

(...) Metia a vara nos peito, aquele peso que ocê precisa de vê, mas a gente acostumô com aquilo e vinha, passava a tarde rebentando calo, minha filha, que ocê precisava de vê. Porque tem muito lugá perigoso nesse rio, lugá perigoso, aqui mesmo tem um lugar por nome Banquinho, lugá muito perigoso, por baixo tinha outro, (...) então passava e lá na frente tinha outra cachoeira pesada. Chegando na Barra, era aquele rebentão d'água, canoa descia que descia, tava toda cheia d'água e ia embora, ia tocando, ainda vinha e encontrava Maravilha, Areião, ia descendo, aí lá vai, chegava na Itinga. Itinga, tinha um trevessão, (...) prá cá por cima da Itinga, uma fazenda que tinha que era muito perigoso também.

Então, ia passando, dava uma paradinha na Itinga, por baixo da Itinga tinha uma cachoeira muito forte também, inclusive fundou uma canoa lá carregada de cimento, essa canoa ficou muitos anos lá dentro no fundo d'água, porque o cimento não derrete, né, então, ela afundou e ficou muito tempo. Depois, os escafandro chegou e tirô ela; tirô "prefeitinha", tava verdinha, aí tirô ela. E sempre alguém fundava canoa, fundava canoa nesse rio, e ia embora, assim por diante.

A canoa fundava, quando era, às vezes, uma carga de sal, afundava e saía logo, rapadura, saía logo. Então, a gente lutava, saía nadando, segura no remo, montava numa esteira e ia embora, pegava a canoa na frente, era assim por diante. (...)

Iam 3 pessoas na canoa, 3, 4. Às vezes, ia o dono da canoa também. Ia o dono da canoa mais os trabalhador, era só três, um piloto, dois proeiros. Agora, chegava tinha o Estreito muito perigoso, no Estreito, nós carregava, às vez, a carga, conforme o grau do rio, então, nós tinha que carregá o sal nas costas. Passa por terra, então, passava a canoa arriada no Estreito. Canoa arriada era o seguinte: um amarrava um

corda na frente, outra atrás e uma no meio, e soltava ela sozinha. (...) passava por baixo d'água e ia embora, aquela correnteza arrastando a gente, pulando de pedra em pedra, ia embora. Quando chegava lá embaixo, tirava a água e tornava a rumá e ia embora.

Aí, passava, né. Ia com a canoa, às vezes tinha um, eles chamava Caldeirão, então, eles falava: "lá vem o Caldeirão", aí passava, né. Tinha o Estreito, aí chegava Lavarinho. Em Lavarinho ia chegando e já tinha, mas era um lugar esquisito que você precisa de vê, de tanta cachoeira pesada, forte que passa rápido, quando deitava no Lavarinho era com dois minuto tava chegando no Jequitinhonha. E, às vezes, tinha chegado descarregado no poção, naquele poção descarregava ali e ia só com meia carga, aí descia, aí chegava no Jequitinhonha.

Depois que chegava lá, deixava a canoa lá e vinha apanhá os resto das carga, porque não passava carregada, não passava uma carga completa. Às vezes carregava a canoa assim, dois dedo ela tava pro lado de fora. Agora quando era lonada, aquilo ali não molhava né, era bem lonado aquilo, amarrava direito, aquilo ali não molhava, ficava enxutinha. Às vezes tocava Almenara, até Salto da Divisa, nós só viajava do Salto da Divisa prá cá, que o Salto é pesado de passá. ("tem a cachoeira do Tombo, né") Tem um tobo esquisito, aquele cachoeirão é um trem feito por obra da natureza. Tem aquela serrona no rio de fora a fora, então a água caíndo de baixo era aquele chuveiro, agora lá prá baixo já chama rio da Areia, não tem uma pedra, só praia, chama Rio da Areia.

Agora, prá lá eu já não conheço, depois do Tombo, eu não conheço. Lá descarregava, tinha aqueles homens que pegavam a carga, ali prá baixo eu nem sei o nome do lugar. Eu conheço do Jacinto prá cá, era uma luta. (...) cantava uns trem lá, mais cantava bonito.

Então, era muito bonito, aquela vida divertida, nós descia com 4, 5 canoa, 6 canoa. Descia uma atrás da outra, aquela beleza, aquela maravilha, tudo alegre, só se vendo, era forçado, mas tudo alegre, satisfeito, uma comida boa que ocê precisava de vê. Os dono da canoa comprava, às vezes era arroz, carne e punha na canoa, aquilo perdia que não dava, não comia. Era pernil de porco, era toucinho, banha de toucinho, a gente pegava muito peixe, às vezes comia um peixe, de vez em quando divertia numa várzea dos outro. Aquilo metia a pá do remo, tinha uma varzona, aquilo também tinha gente que ficava tudo de olho, os canoeiros era falado, então às vezes pegava, metia a pá do remo e jogava dentro d'água e ia pegá, mas era bom demais."

Além do teor épico que envolve a narrativa de Mané Preto na sua forma de discorrer sobre seu trabalho, suas aventuras e sua trajetória nas águas do Jequitinhonha, percebe-se também uma idealização e uma reificação do passado, comum entre certos grupos que costumam exaltar "as qualidades da bondade do 'tempo dos antigos'", onde "as pessoas eram mais unidas, havia mais

respeito pelos pais, pelos mais velhos; a gente era mais pobre, mas gozava de mais fartura, porque tinha sempre o que comer, mais do que agora: havia mais saúde (as águas eram mais puras, a terra era mais fértil, as plantações mais frutíferas, dentro de um calendário natural mais regrado); havia mais festa, mais solidariedade, menos ambição.” (Brandão, 1999:64)

O passado relatado por Mané Preto é visto e descrito como um tempo de fartura, tempo em que a “vida era boa demais.” Outros relatos, que não de canoeiros, também costumam retratar um passado de abundância, onde o período das chuvas era regular e orientava a época de roçar, plantar e de colher os frutos da terra. Terra, por sinal, que “tudo dava”, conforme demonstra Ribeiro (1996) em seu livro⁴⁰, através da fala de seu Zeca, lavrador da cidade de Itaobim:

“Naquela época, uma fazenda dava menos trabalho, porque chovia, o capim saía com abundância. Quando era setembro, botava fogo no excesso que sobrava, aquilo queimava, matava aquelas ramas, aquele mato. Então o serviço era um quarto do que é hoje, e hoje ninguém tem uma manga⁴¹ mais. (...) E todos tinham boa produção, todos tinham fartura.” (1996:86)

Percebe-se que as lembranças costumam, muitas vezes, reificar o passado, transformando-o no melhor tempo vivido, opondo-o ao tempo presente: um tempo de menor dificuldade (transportes facilitados, proximidades das escolas, dos hospitais, dos mercados), mas de maior escassez (pouca terra, pouco trabalho, pouco dinheiro que permita o acesso aos bens disponíveis).

2. Segunda Parada: 1999

Antes de caminharmos pela cidade e encontrarmos o canoeiro Dema, conversamos um pouco na cozinha da casa de Mané Preto, relembando a nossa última conversa em 1996.⁴²

⁴⁰ Ribeiro, E. M. *Lembranças da Terra: Histórias do Mucuri e Jequitinhonha*. Belo Horizonte: Segrac, 1996. Como define o próprio autor, esse é um livro sobre a história local e a experiência pessoal de lavradores, agregados, trabalhadores rurais do Vale do Mucuri e do Vale do Jequitinhonha.

⁴¹ Manga é o mesmo que pasto.

⁴² Como alguns trechos haviam se perdido na hora da transcrição da entrevista, ele recontou algumas histórias que não foram registradas da primeira vez, como a questão do *respeito*.

Mantendo a mesma vivacidade e o mesmo entusiasmo presentes no primeiro encontro em 1996, seu relato, dessa vez, foi mais detalhado, principalmente, no que diz respeito à atividade comercial realizada pelos canoeiros em suas viagens ao longo do rio e à rede de relações sócio-econômicas estabelecida entre canoeiros, donos de canoa, donos de armazém, ferroviários, comerciantes, tropeiros e carroceiros na cidade de Araçuaí.

Neste segundo depoimento, percebe-se a presença de vários fragmentos de memória, a narrativa não segue uma ordem, são desenrolados vários fios que vão se entrelaçando no decorrer da narrativa. Às vezes, a pergunta orienta um pouco a resposta mas logo ela segue outros caminhos ou repete-se em vários momentos da fala do canoeiro.

A repetição dos fatos, mas não da forma de contar, é constante quando do encontro com o canoeiro Dema⁴³, porque contar a mesma história mais de uma vez é uma forma de afirmar a sua veracidade e de permitir que ela se perpetue na sociedade. Dema é uma testemunha de que “os fatos realmente aconteceram”. Além disso, ele acrescenta mais dados, mais histórias, mais lembranças às já narradas por Mané Preto, compartilhando, assim, com ele, da mesma memória coletiva.

Mané Preto e Dema dividiram o trabalho no rio e na estrada. No DER, Dema trabalhou como soldador e Mané Preto como operador de máquina. Segundo Mané Preto, Dema foi seu *mestre*, seu *professor* nas águas do Jequitinhonha.

Neste encontro de Mané Preto com Dema, as lembranças sobre a cidade de Araçuaí ficaram muito evidenciadas. Lugares e nomes, principalmente de canoeiros ou pessoas envolvidas com o comércio da época, foram evocados e lembrados frequentemente. Aliás, foi assim que a conversa começou...

Mané Preto (M) e Dema (D): Inclusive, nós vamos citar o nome de algumas pessoas antiga aí na gravação, os canoeiros: Zolino, Durval, Sebastião, Osvaldo Pereira da Silva que era meu irmão, né, Antônio de Amâncio, Amâncio, Bidó, Cuncum, Nenê Roxo, seu Cafanhá, Alceu, Galdino, etc. Nós não sabemos os nome assim completo, mas tem os apelido.

A cidade foi fundada por canoeiros, não é?

M – É. Em primeiro lugar, Luciana Teixeira, também, foi tudo ensinado por ela.

M e D- Antônio..., Zé Mutum, Antônio Pau, Loquinha, Zé Loló. Tem aquele menino também era muito bom prá nós, João de Deus, Joãozinho de Camila.

⁴³ Dema é da cidade de Jequitinhonha, mas mora em Araçuaí há muitos anos. Ele é mais novo que Mané Preto, tem 64 anos, também aposentou pelo DER, mas continua trabalhando em sua casa, *fazendo de tudo um pouco*. Tanto que quando lá chegamos, ele estava terminando de fazer uma churrasqueira.

Tinha que ensinava?

M – Tinha, esse aqui foi professor dos canoeiros, tudo os canoeiros, o pai dele foi professor nosso lá no Lavarinho, não foi Dema?

D – Durval, falamos Durval? Vadinho, finado Deusdete, Jovino. Tem tanta gente, mas já falemos um bocado, né?

M- (...) O pai dele, finado Valdinho, finado (Delzéquio?) que era irmão dele, ele, que era os cobra criada dentro do Lavarinho, que eles morava ali, então os daqui de Araçuaí tudo foi aprendido com eles, não foi Dema? Eles moravam ali e sabiam tudo, boquete por boquete, pedra por pedra, canal por canal.

D- Tinha pessoas que chegava lá e dizia que tinha um lugar por nome Poção mas como já tinha fama lá desse Cerqueiro, que tinha que sabê dividi as águas senão podia dá... Aí chamava a gente prá podê ir lá prá podê fazer um favor prá eles, e a gente ia. E tinha um pessoal lá também, que morava lá nesse mesmo setor, que também entendia do ramo e ajudava muitas pessoas que não tinha muito costume de correr nesse lugar, já aproximando da cidade de Jequitinhonha.

M – Era tudo colegage, era mesmo que irmão. Nós ficava tudo junto aí, tudo junto.

D – Nós tinha um senhor aqui na Itinga, Olímpio da Barra, só ele tinha 10 canoa.

M- Aí, tá vendo, eu não falei prá você.

Dono de canoa geralmente tinha quantas canoas?

M e D- Geralmente 10, outros 5, outros 2, 1. Toda quantidade.



Foto 21

M – Agora, cê começou citar finado Olímpio (...) Deus que dá a ele um bom lugar a ele, que foi muito gente boa. Agora, vamos lembrá, Zé Tanurinho, que fornecia, eu tava falando p/ ela, que fornecia...

D – O armazém Tanure que fornecia, a carga chegava no trem, né, então era armazenada lá em cima, lá nos Tanure, e de lá, transportada prá beira do rio e nós recebiamos a carga lá na beira do rio, já pegando rapadura, sal, querosene, de tudo, a gente levava de tudo e ia arrumando a canoa.

M- Ia nas carroça, era só carroça que tinha. Chegava no armazém punha na Barra do Calhauzinho, era nosso lugar certo de nós arranchá, era na Barra do Calhauzinho. Quando chegava, já tinha às vezes comia na casa do patrão, mas nossa rancharia certa era ali, dormia ali, ali cantava beira-mar, ali fazia nossas bagunças. Beira-mar era direto, direto nós fazia beira-mar.

Quando vocês pegavam a mercadoria, levavam em Jequitinhonha prá outro armazém ou ia vendendo no caminho?

M – Saía daqui, depois daquela casa que saía daqui de Araçuaí, então vendia na beira do rio, tinha aqueles freguês que comprava, o resto vendia em Jequitinhonha.

D – Da Barra do Pontal a gente já começava a vendê, e o que mais vendia, como não tinha rodovia, prá não levá em lombo de animal, da Barra de Pontal prá ali já começava a vendê. O que eles mais comprava era rapadura, sal, querosene. Nós carregava aqui, quando chegava em Itaobim, a canoa já tava praticamente vazia. Nós tornava a completá e descia.

São Pedro, Jequitinhonha, e às vezes até Almenara e Jacinto. Eu mesmo, uma vez, fui com duas cargas de Pedrinho, ele até tava muito adoentado. (...) Eu cheguei em Almenara com duas carga, com duas canoa carregada, e a mercadoria que eu tava levando era coisa muito boa: rapadura, sal, querosene, açúcar e, quando chegô lá, como já tava tendo bastante estrada, já começô barrotá a cidade porque os caminhão já tava levando a mercadoria. Aí, como é que eu fazia? Deixá a canoa, a carga lá encostada não podia fazê, voltá com a canoa carregada também não dava prá vim, aí, o cara me orientô: “vai lá na casa do seu Olindo Miranda”. Ele tinha uma fábrica de bebida e eu peguei e fiz rolo na carga que eu levei a troco de bebida. E deu muito bem, que eu não cheguei com a carga de bebida aqui em Araçuaí, vendi tudo na estrada. E, por sinal, por coincidência, isso foi antes d’eu entrar no DER, depois que eu entrei no DER, daí, uns anos prá aí atrás, o filho desse homem, era engenheiro (...)

M – Agora Dema, nós vamo fazê o seguinte, nós já falou os nome dos canoeiro (D– ficô muitas pessoas que nós não lembramo). Agora, eu tô recordando uma pessoa que foi muito boa prá nós, tanto prá mim quanto prá você, prá todos, finada Ana Cardoso, de Bidó, dona Maria de Totonho.

D – É verdade. Aí no caso não seria só os canoeiro, não?

M- Não, ela quer saber de tudo.

D- Porque tinha mulher também que sabia remá!

Mas trabalhava com canoa?

D- Não trabalhava ni canoa, mas travessava o rio de um lado pro outro, com a canoa, tranquilamente.

M- Agora, tem uma família aqui que é, Rosarinha, Jorge. Eles pegava, morava na beira do rio, então eles fazia bagunça, aquela meninada, Pidrinho falava: “vai nadá prá lá!” Então, o rio pode tá de monte a monte que elas nada o rio de um lado pra outro, nunca vi um trem desse. E é tudo, eles conhece o rio de fora a fora. Esse povo

de rio, eles conhece pedra por pedra na beira do rio. Eu tava falando com ela Dema, que, agora acabô os canal, tinha aquelas praia bonita, inda tem algumas, então, tem lugar, boquete ⁴⁴ aí, hoje não passa mais, cabô os canal todo, não tem. Cê tava me contando aquele causo aí, raiz do pau, é um boquete dessa largura, só cabia a conta da canoa.

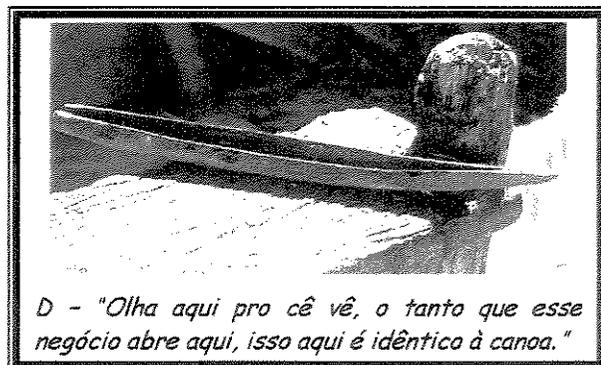
D- Aqui na saída da Barra do Pontal, tem um lugar por nome Travessão. Cê tinha que dá o desconto. É igual motorista quando ele é bom, que vai entrar numa curva, primeiro ele amortece o acelerador do carro, bota uma marcha mais forte prá podê entrar. Mesma coisa nós fazia, tinha que dá o desconto, porque às vezes vinha uma água de cá que era mais forte e tinha que dá o desconto prá podê entrar certo, assim.

(...) M- Outra coisa, ocê conta a ela, que eu não recordeo mais, o fundamento lá do Lavarinho. Ele fala pedra por pedra lá dentro, quantos minuto pra entrar no Lavarinho prá chegá em Jequitinhonha. Quantos minuto, Dema, (se não bater no Serrote)?

D- Lá tinha, lá tinha não, lá tem, um lugar chamado Quebra a Cara, Serrote, Raiz do Pau, (?), Cocar. Bom, não sei dizer exatamente, de acordo com o grau do rio, porque quando o rio tava cheio, aquele lugar, logicamente, ficava coberto, e passava por cima, a água com mais velocidade, quando cê entrava no Poção prá poder chegar em Jequitinhonha, dava uma base de uns 15 a 20 minutos.

M- Na seca demora mais, tem que procurar aqueles canal, as pedras tá esperando e os pilotos xingando: "tira desgraçado, tira, tira". Também quando bate, não fica nada. (risos). O piloto que ia guiando a gente.

D- Ia dois proeiros e um piloto. O piloto era como um motorista lá no volante, ele que comandava aí ele falava, joga mais prá cá, joga mais prá esquerda, mais prá direita.



Uma outra coisa que é muito importante que eu lembrei agora, os canoeiro trazia estudante de Salto da Divisa, de Almenara, Jequitinhonha prá estudá aqui em Araçuaí. (M- não falei prá você) Era o único colégio famoso que tinha aqui na região, até hoje, é o colégio aqui de Araçuaí.

Vinham quantos mais ou menos?

D- Vinha uns 20. A canoa era enorme.

M- Inclusive, eu mostrei a ela o fundo da Alefoa. Intê as canoa tinha um nome, ele recorda.

D- Alefoa, Fincão, Rosera, Salão Azul; Salão Azul eu fui piloto dele. E as canoa era toda pintada. Era uma coisa feita realmente com muita ciência..."

⁴⁴ Boquete é o mesmo que passagem estreita entre as pedras do rio.

No início da conversa, quando Dema e Mané Preto começaram a lembrar, juntos, os nomes dos demais canoeiros da cidade, ocorreu com Dema o mesmo que com seu Gizério: ele manteve o fio da memória, tanto que, mesmo sendo interrompido, continuou citando os nomes.

Este fio foi se desenrolando em outros nomes e em outras funções: dos canoeiros partimos para os donos de canoa, para os donos de armazém e para a rede de relações comerciais e interpessoais que ia sendo tecida ao longo do rio Jequitinhonha e no encontro – ou desencontro – do rio com a estrada de rodagem.

O cruzamento entre o rio e a estrada aos poucos foi deslocando e substituindo cenários e personagens envolvidos nesta rede de relações sócio-econômicas.

Dema faz uma comparação interessante entre o piloto e o motorista. Na verdade, ele faz uma relação entre as duas “estradas”: rio e rodagem, nas quais a função de quem dirige é muito semelhante e, para qual, é preciso saber “dar o desconto”, saber conduzir e comandar e, para isso, é preciso ter muita *ciência*.

A palavra *ciência* é empregada por Dema quando fala da arte e do conhecimento necessários quando da feitura e enfeite das canoas; para tal, ela era necessária. No entanto, este termo, *ciência*, pode estender-se a outras dimensões da fala dos canoeiros, como quando falam em “*dar o desconto*”, coisa que só “*quem é bom*” consegue fazer, principalmente porque conhecem no rio “*boquete por boquete, pedra por pedra, canal por canal*”.

Aliás, o “fazer com muita ciência” pode traduzir-se num saber específico e particular do viver no rio – mesmo que haja a comparação com a estrada –, do viver no Vale e até mais, do viver no sertão. Uma sabedoria que permite “conduzir” e ensinar a fazê-lo, porque se conhece “o fundamento das coisas” (remar, pintar e enfeitar a canoa; o caminho entre as pedras).

É dessa forma que aparece a figura dos professores, dos mestres: “*Tinha, esse aqui foi professor dos canoeiros, tudo os canoeiros, o pai dele foi professor nosso lá no Lavarinho, não foi Dema?*”

Talvez esse saber, seja o que V. Pereira (1996), baseada nas considerações de Mário de Andrade sobre cultura popular, chamou de *sabença*, ou seja, “um ‘saber saber’ que alcança e sabe escolher o que há de melhor nas manifestações de arte populares para torná-las sábias.” (1996:44)⁴⁵

⁴⁵ Ainda segundo a autora: “afirmam os dicionários atuais que a palavra *sabença* denota sabedoria na linguagem popular. Informam outros glossários que é uma palavra pertencente ao vocabulário do cantador nordestino, assim descrito por Câmara Cascudo: ‘paupérrimo, andrajoso, semifaminto, errante, ostenta numa diapasão de consciente

São várias as situações descritas pelos canoeiros em que é possível perceber o emprego desta *ciência*, deste saber direcionado a uma prática específica, como quando falam da composição das cantigas de beira-mar e da prática para lidar com canoa no rio de água dura. A seguir descrevo estes dois momentos:

“D- O beira-mar, isso era feito de improviso, da atividade mesmo dos canoeiro e não é questão de ser curioso, mas é questão de observação. Tem hora que eu fico prestando atenção, algumas músicas de hoje, algum pagode, né, tem aquela banda de hoje, o Cheiro de Amor. (...) Mas com relação ao beira-mar, era criação dos próprios canoeiros, cê não tinha pessoas assim, um compositor, uma pessoa que orientasse na letra. Então, cê fazia letra do seu apanhado e dava certo. O pessoal, quando a gente tava aproximando assim das vilas começava a cantá, né.

M- Os piloto fazia aquelas requinta, né?!

D- Mas tinha, tinha não, tem. Hoje não existe mais, o pessoal foi indo embora, né. Então, tem aquela pessoa que tira o beira-mar, um que ajuda, o que faz o (contra?) e o que faz a requinta. Como se fosse esse negócio de folia. A requinta é mais fina, (mais graduada(?), não é isso?), né. Uma dupla, por exemplo, um tira e um cara espera a vez dele, né, dele entrá naquela parte, era muito bonito. Por exemplo, na canoa era três, às vez o piloto não cantava, só fazia a Quinta, né?! Então, os dois proeiros começava, um tirava, o outro ajudava e o outro fazia a contra.

M- Era muito bonito, entoadinho.

D- Agora, quando tava reunido assim uma turma, e tava reunido dez, doze, quinze canoeiro, aí tinha aquelas pessoas que fazia realmente...

M- E tinha uns que sabia mesmo, quase todos sabia e era bonito. Eles chamava a gente prá cantá beira-mar, chamava.

D- Aquela música mesmo que Saulo Laranjeira⁴⁶ fez, foi baseada ni negócio de canoa, aquela: “vou remando minha canoa lá pro fundo do pesqueiro, o beira-mar, adeus dona, adeus riacho de areia. Adeus, adeus, eu já vou m’embora, não sei quando eu vou voltar, eu sou canoeiro.” É bonito. (cantaram)

M- Exatamente, é igual, né Dema?

D- É igual. E fez sucesso e ainda faz muito sucesso ainda (...). Ela é muito bonita. (...) Os verso que jogava: “vou remando rio abaixo, numa canoa furada, arriscando minha vida, pruma coisa de nada. Ô marinheiro, Sá Dona, travessô meu bem prá lá, aí, aí.” (cantaram em vozes)

prestígio, os valores da inteligência inculta e brava mas senhora de si, reverenciada e dominadora.” (Pereira: 1996:44)

⁴⁶ Saulo Laranjeira é do Vale do Jequitinhonha. Ele é cantor, apresentador e comediante e se apresenta em quase todos os Festivais (Festival de Cultura Popular do Vale do Jequitinhonha, realizado anualmente) cantando e representando personagens, sendo alguns deles inspirados em pessoas do Vale. A música a qual Dema se refere é o Beira-Mar Novo, uma das mais conhecidas por ter sido gravada por alguns cantores e grupos musicais não só do Vale do Jequitinhonha. Ela já foi citada neste trabalho na página 57. Dema e Mané Preto cantaram de outra forma, modificaram versos e um pouco a melodia, mas referem-se à mesma música.

M- Tem muito beira-mar bonito. A gente esqueceu, né Dema?! Esqueceu, os colega foi morrendo tudo...

D- “Você diz que não me quer, por isso eu não vou chorá, tenho muito a quem me quer, quem me sabe acarinhá. Ô marinheiro, sá Dona, travessô meu bem lá, ai, ai.”

M- Êta gente, mas nós cantô beira-mar nessa vida, demais, Nossa Senhora. Descia, saía daqui cantando...

D- “(Eu só vivo?), sá dona, tira cipó com a mão, (?) abaixo, sá dona, pisava com pé no chão. Pancada de amor, não dói, sá dona, de amor não mata, não, morena, eu vi o bicho, (por nome catínguelê?).” Eh, he. (risos)

Agora, vem os batuque. “Ô ema, ô ema, ô que bicha corredeira, nunca vi passo de (pena?) prá corrê dessa maneira. Eu vou tirá, eu vou tirá, eu vou tirá, o cavaco do pau, ô lê, lê, vou tirá.” Isso tudo fazia parte, quando a gente cantava o beira-mar, a gente emendava no samba.

M- A gente entrava no samba e sambava. Aquilo enchia de gente prá vê, e bebia cachaça.

D- Era realmente, como a gente tá falando, era um serviço pesado, mas era muito divertido.

M- Ninguém sentia, saía de Jequitinhonha, do jeito que saía de lá, chegava aqui. Bebia água à vontade, comia à vontade, era bom demais.

D- A gente tinha liberdade, apesar do serviço pesado, nós tinha liberdade.

No início desta fala, Dema já anuncia que este saber é uma questão de observação. É interessante ver que, para ele, ser curioso e observador, o que a princípio não são coisas excludentes, têm significados diferentes para ele.

Apesar do curioso ser alguém que também observa, ele vai além, busca, investiga, vai atrás de seu objeto de observação. Quem observa está atento ao que se passa ao seu redor, ele está presente. Neste caso, poderíamos até intuir que a *ciência* da qual se fala é, também, uma capacidade de observar o cotidiano, e de se observar vivendo e praticando este cotidiano.

Quando começam a relembrar as cantigas de beira-mar, forma-se uma imagem bonita neste diálogo. Eles começam cantando juntos, depois Mané Preto fica como uma espécie de narrador, tecendo comentários entre os versos que Dema vai jogando e cantando sem perder o embalo da cantiga.

Uma música puxando outra, um verso puxando outro e, nas horas em que Mané Preto fazia alguma observação, era como se Dema abaixasse o volume de sua voz sem, no entanto, deixar de entoar as cantigas. Quando Mané Preto parava de falar, ele cantava mais alto e, algumas vezes, os dois cantavam juntos o verso final.

Baseados nesta fala dos canoeiros, pudemos perceber que essa *ciência* pode ser vista como a observação do cotidiano e como uma arte de “saber fazer”. No trecho a seguir, ela assume um significado de prática do cotidiano, de experiência diária que acaba “facilitando” a dureza do trabalho.

“M- O rio era forçoso. A coisa era feia demais.

D- Tinha lugar que nós ia passando, vamos dizê que isso aqui era a beira do rio, tinha gameleira, essas ingazeiras, então quando o rio tava muito alto, que as varas do remo não tomava pé, cê passava com a canoa era puxando os gaio. (M- Topava cobra). E, às vezes, você pegava a escora na própria gaia da madeira prá podê empurrá a canoa, porque não tomava pé. Era assim.

M- Eu tava falando com ela que tem pedra aí que tem pilãozinho, que pode socá café, de fazê escora.

D- Não é assim: “água mole em pedra dura tanto bate até que fura.” Inté no rio tem lugá que as canoas tudo viajava, quase todas que viajava nesse rio, de modo a fazê travessa de um lado prá outro, pegava sempre num lugá só e ficava o sinal. (M- No Areião tem.)

D- Ali abaixo de São Pedro, chegando em São Pedro, essa pedra areienta, ela é muito forte, a gente fazia 2, 3, 4 pilãozinho assim, onde a ponta da vara pegava.

M- E era bonito, era bem feito o serviço que nós fazia. Às vez tinha os proeiro, piloto ficava lá só marcando a água dura prá nós e o canal, né. Agora, pegava um proeiro, um pegava na frente e outro atrás, metia a vara nos peito e saía um atrás do outro que quase chegava de envergá de fazê força. A canoa saía que saía doida. (D- Outra hora, ela quebrava(...?). Se a vara não tivesse muito segura lá, ela deslizava e você saía correndo assim...)

M- Agora, tinha uns proeiro malandro, falava: “vamo dá uma chicotada no piloto prá molhá”. Pegava a vara jogava dentro d’água e jogava água nele e era assim por diante. Era divirtido demais! Era bom demais. vida igual àquela...

D- Mas era dura. Nós que já tava, por exemplo, mais ou menos, com uma certa prática prá lidá com a canoa, não sofria muito não, mas aqueles iniciante, principiante, que começava, aqueles ali realmente sofria.

M- Eu panhei muito. Agora, tinha um camarada que do jeito que ele saía de Jequitinhonha, ele chegava aqui. Nunca vi um moço igual àquele. Aquele moleque foi bom proeiro, né, Barrãozinho. E tá aí ainda, né.”

Além do rio e do asfalto, espaços ocupados pelos canoeiros e envolvidos no entrelaçar dessa teia de relações sócio-econômicas, existia o trilho⁴⁷, que também foi sendo substituído com a construção das estradas de rodagem. Na verdade, e neste caso, uma estrada se sobrepôs a outra e, mesmo não alterando substantivamente o espaço ocupado, alterou profundamente o tempo das relações que envolviam e eram envolvidas por esses espaços.

“M- Outra coisa, tinha a Bahia-Minas, o trem de ferro aqui, que corria aqui. Era o movimento que tinha aqui em Araçuaí, era canoeiro e a Bahia-Minas e, cê vê, cabô tudo.

Depois que cabô a Bahia-Minas, a Bahia-Minas fornecia Araçuaí, trazia trem de Teófilo Otoni prá Qui, levava daqui prá lá, trazia de lá prá cá, cabô tudo. Inclusive, a estrada da Bahia-Minas, quando cabô a Bahia-Minas, o DER pegou e foi fazê estrada de carro. Rancamo muito trilho, túnel, prá fazê essa estrada. Cê vê que coisa, né, primeiro passava o trem, depois o DER fez a estrada. (...)

(...) M- No nosso tempo, nosso aqui, o que existia era canoa e trem de ferro, né Dema?! O Gravatá⁴⁸ que fornecia Araçuaí, trem de ferro que trazia transporte, transportava prá Qui, levava e trazia, né, e o Gravatá, toda Sexta-feira, o mercado enchia de trem com tudo e agora (...?)

D- Agora tá aparecendo muita coisa aqui na região, por causa da (modernização?), porque as enchente foi tão violenta que esses tabuleiros da vazante, destruiu tudo. Mas por causa da (irrigação?), eles tão novamente. E tá tendo muita coisa no mercado, aqui da região mesmo.

D- Eu entrei no DER no dia 6/11/56, aí as canoa já tava bem minguada, quase não existia mais, inclusive um tio meu me convidou prá ir pro DER porque não tinha mais serviço de canoa. Então, eu entrei no DER, aposentei em 87, mas continuei trabalhando e aí tá a prova do meu serviço, a churrasqueira do rapaz aí...

M- Deve ter uns 20 anos que acabou serviço de canoa. Eu entrei no DER depois que canoa acabou.

⁴⁷ Dona Cléa, uma senhora pesquisadora auto-didata de Araçuaí, costuma escrever tudo o que ouve sobre a história da cidade. Ela escreveu as seguintes palavras a respeito da Bahia-Minas: “Foram abertas de 1930 em diante, estradas feitas a punho de homens, serviço braçal. Em 1942, aqui chegou a estrada de ferro Bahia-Minas, que na estação ferroviária ouvimos de longe o apito choroso da Maria Fumaça e quando a mesma chegou na estação, pudemos vê-la e pegar. Apelidada por muitos de Maria Fumaça, em 1964, o governo, o presidente Castelo Branco, tirou o trânsito dela e, mais tarde mandou arrancar os dormentes e trilhos acabando com a ferrovia que tanto serviu para o nordeste. Saía de Araçuaí à Caravelas ou Ponta de Areia. Lágrimas foram derramadas por todos quando ela veio pela última vez, que tantos benefícios trouxe para a região.”

⁴⁸ Mané Preto refere-se aos agricultores da comunidade de Gravatá que traziam alimentos para vender na cidade.

O movimento de canoas, o trem de ferro, as tropas e as estradas estão intimamente ligadas no relato desses canoeiros. Eles perpassam e remetem aos caminhos para o e do crescimento da cidade de Araçuaí e do Vale do Jequitinhonha como um todo.

Como já foi dito anteriormente, em muitos momentos, seus relatos percorrem os espaços sócio-econômicos do Vale, de modo a construí-los e reconstruí-los tanto na memória/lembança quanto no próprio espaço concreto e, ao fazerem isso, eles estão na verdade, construindo e reconstruindo territórios, pois esse espaço que ocupam está pleno de significados sociais, de relações que se estabelecem entre homens e entre estes e o meio que os cerca.⁴⁹

Tanto o rio quanto a estrada, passam a ser espaços reconstruídos através do processo de rememoração do canoeiro. Eles descrevem a vida em movimento no tempo e no espaço do rio, mas também descrevem a vida em movimento no tempo e no espaço do trilho e da estrada.

O rio não deixa de ser o espaço privilegiado da narrativa mas, em vários momentos, ele se cruza com outros espaços. Mesmo porque, o que está “no peito” (*a pisadura*) é o tempo do rio, no entanto, o discurso do canoeiro Dema é feito a partir do tempo da estrada, e esse é um outro espaço de memória, que também a demarca.

É possível pensar no rio como território. Um território possuidor de marcas identitárias e de códigos de linguagem criados pelos próprios canoeiros, como os nomes das pedras, dos canais e dos pontos do rio e os “pilões” que iam se formando nas pedras quando nelas escoravam o remo.

Depois que saímos da casa de Dema, Mané Preto levou-me a andar pela cidade. Queria mostrar-me a rua do porto onde moraram canoeiros e donos de canoa bem como a Barra do Calhauzinho onde costumavam aportar. Essa era uma oportunidade de visualizar os lugares que por ele foram descritos.

No caminho, porém, encontramos também pessoas que haviam sido citadas pelo canoeiro, como algumas da família Cunha Melo (família do antigo coronel da cidade), a quem seu Mané Preto fez questão de me apresentar e de lhes informar, orgulhoso, de minha pesquisa sobre os canoeiros da cidade.

Na Barra do Calhauzinho, no encontro desse rio com o rio Araçuaí, ele começou a descrever o cenário da época, quando as canoas ficavam aportadas na Barra esperando serem

⁴⁹ Utilizo aqui o termo território ao invés de espaço, considerando território como a porção do espaço conquistada, construída pela sociabilidade, pela convivência e pela afetividade que envolve a rede de relações das pessoas que ali vivem e transitam e lhe atribuem um significado.

carregadas com as mercadorias que, trazidas de trem pela Bahia-Minas e pelos trabalhadores rurais das comunidades locais, eram distribuídas no Mercado e nos armazéns da cidade, depois compradas pelos donos das canoas e só então transportadas para as outras cidades do Vale, até chegar em Salto da Divisa e depois em Belmonte, na Bahia.

Conforme ia me conduzindo para vários lugares da cidade, ia narrando fatos. Partia do cenário para falar da história, mas um cenário encoberto pelas mudanças do presente, cenário modificado pelo tempo e pela apropriação do espaço por outros atores, mas ainda marcado por histórias, por lembranças e experiências passadas e vividas neste presente modificado.

O relato de Mané Preto revela e desvela cenas, momentos, da cidade de Araçuaí. Ao caminhar pelas ruas observando os espaços, sua fala ia transpondo e transportando imagens do passado para o presente. Imagens estas que, sobrepostas, iam formando quadros que se alternavam de acordo com o tempo do que foi lembrado e que suscitou a lembrança.

Quando falo em cenário, refiro-me ao espaço que, tanto quanto o tempo, desempenha um papel fundamental no processo de rememoração. Na verdade, os dois estão intimamente ligados, não há como separar tempo e espaço quando se pensa em memória, quando se fala em relembrar. No caso dos canoeiros, o espaço ocupado pelo rio e formado por ele, é o local onde se apóia a sua narrativa. Da mesma forma, é o tempo do rio, o ritmo do rio, que dita o fluxo da narrativa.

No entanto, não só no rio é possível perceber esse encontro do tempo e do espaço na narrativa. A lembrança de seu Mané Preto ao olhar a Barra do Calhauzinho, a rua do porto, o antigo mercado, o desloca para um outro momento de sua vida e da vida da cidade; momento em que o tempo e o lugar da memória são reconstruídos através do seu olhar.



Foto 23

O antigo Mercado, o armazém, as casas, os becos onde viviam as mulheres a espera dos canoieiros, as selarias, os bares, os estabelecimentos comerciais, continuam a existir nos mesmos lugares, envoltos, agora, por um ar de abandono. Ainda existem pessoas nesses lugares, mas não mais canoieiros, uma selaria ou outra ainda fabrica suas peças, as mulheres e os becos persistem, mas cessou o “movimento”.⁵⁰

As grandes enchentes ocorridas em 1919, 1928 e 1979, também foram deslocando as casas, o comércio, a vida da cidade para as partes mais altas deixando, nos espaços desocupados nas casas à beira do rio, lembranças e marcas do passado.

Ao descrever pessoas e lugares, o relato de Mané Preto parecia registrar a imagem do passado no presente, como se, ao olhar uma foto, nela mergulhasse e reencontrasse os lugares de outrora reconhecendo os antigos lugares através da imagem que via refletida e impressa no presente.

⁵⁰ No sertão, movimento tem uma acepção particular, refere-se, sobretudo, à zona de comércio.



Foto 24

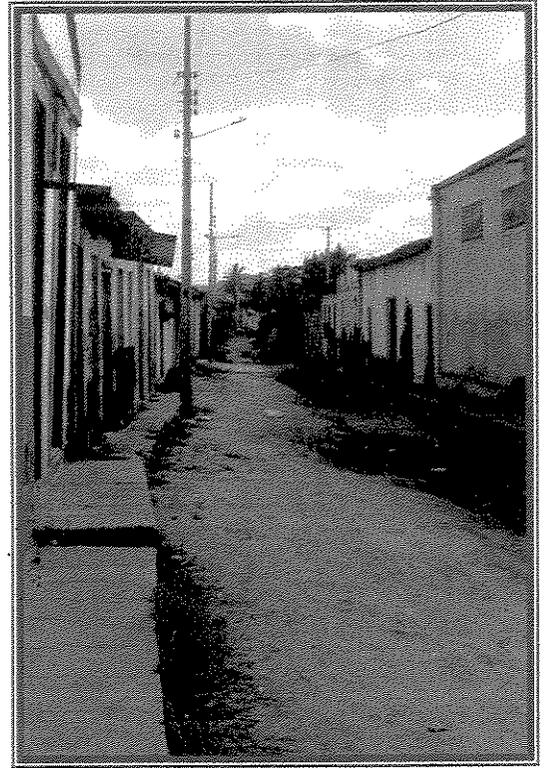


Foto 25

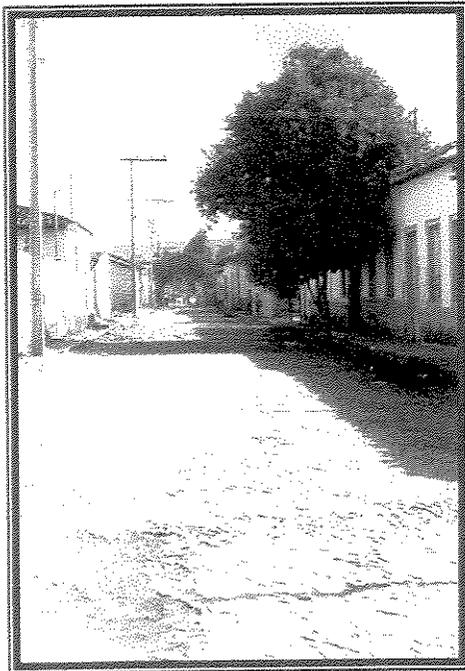


Foto 26



Foto 27

Não recordara porém, uma imagem estática do passado, mas a imagem em movimento, as vozes, os ruídos, os gestos, a vida acontecendo no passado da imagem enquanto ela acontecia no momento presente da rememoração, sobrepondo, dessa forma, a moldura do passado no cenário apresentado pelo presente. Descortinando, assim, o presente e mergulhando de forma a retirar e sobrepor o passado no momento da rememoração.

Mané Preto, ao atravessar essa imagem concreta para substanciá-la, realiza um movimento no qual “a memória se embasa e se embaça, onde o ver e o ouvir entram na busca do reviver. Se o ver aponta para o caráter visual da memória, o ouvir acena para a oralidade do processo de recordação que costura fios, casos de várias pessoas que são evocadas.” (Oliveira 1988:114)

Fato semelhante ocorreu com as lembranças de Nilton Curió que, ao olhar o rio Araçuaí, começou a descrever cenas cotidianas de um passado que não mais existe. Assim, como numa das falas de Mané Preto em que as lembranças foram evocadas a partir da visualização de determinados locais da cidade, as lembranças de Nilton Curió também foram evocadas quando paramos sobre a ponte do rio Araçuaí e ele começou a olhar o rio e, em meio ao barulho dos carros, começou a contar:

“... Dali, onde tá aquela senhora lá, tinha as pedras e, mais prá frente um pouquinho, tinha um poço, ali eu perdi um companheiro meu, morreu afogado. (...) Mas era tudo diferente. Lá tinha uma praiazinha, mas ali, naquele canto era um poço. Ali, onde tem aquelas árvores, ali era o lugar onde as mulheres lavavam roupa também, viviam lavando roupa até aqui. (...) E aqui, aqui era fazenda, não era isso aí não, isso aí é laticínio. E aqui, a mulher que morava aí não gostava que as lavadeiras passasse prá lá não. Vixi, era uma briga. Só passava aquelas que ela consentia. Isso aqui, aqui era um poço, um poço fundo. Hoje tá tudo diferente, sabe? E aqui era mais perigoso, mas foi tudo enterrado, as enchentes foi trazendo areia e enterrou. Isso aqui, esse poço aí, era a coisa mais perigosa, cê tá entendendo. E essa praia aí, não existia isso aí, era tudo água, aí onde tá esse mato aí. Aí não tinha nada não, aí tudo era água. E ele também passava beirando lá aquelas plantinhas e chegou prá cá. É, foi aterrando e foi chegando. Passava mais ou menos naquela árvore comprida, aí ia chegando e enterrando. Esse que tá aí, era quase tudo dentro d'água. E ali acima, ali prá li, daqui cê não vê não, ali qu'eu falo pro cê, ali era o ponto deles (canoeiros) armar as barracas, ali que era uma praia grande, porque o rio é mais prá lá... Ali era a praia que ele (Mané Preto) falou, né. (...) Mas hoje tá muito diferente. E o rio, ele chegou muito prá lá, sabe? E ali, onde tem aquele caminhozinho, que você tá vendo ali, ali era uma estrada, onde os caminhões descia e entrava tudo na balsa. A balsa

ficava ali, a estrada passava ali por dentro, mais ou menos no rumo daquelas casinhas brancas. E ali era bonito e ali quando nós era menino, igual eu era menino, tinha um escorregador e aí eu vinha escorregando e “pá” dentro d’água, mas já caía pra nadar porque ali tudo já era fundo. Onde tem aquela casinha ali, você passa caminhando e antigamente, não. Prá você vê, um caminhão grande, cheio de gente, quarenta e tantas pessoas entrava numa balsa e era tranqüilo, passava. Você vê a diferença é muito grande. (...) Aqui o rio modificou muito...”

Assim como ocorreu com Mané Preto, Nilton Curió, ao apontar lugares no rio, também reconstruía não apenas “momentos de outrora”, mas o próprio cenário onde tudo se passou e, nesse processo de relembrar imagens, sua fala visual ia reconstruindo a moldura do passado.

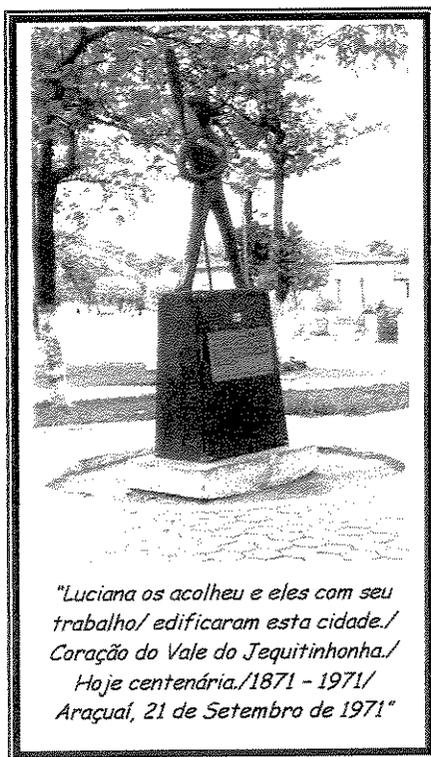
No entanto, segundo Halbwachs, “o passado não se guarda apenas na memória, ele deixa traços também nas sociedades, no lugar onde vivemos, deixa traços no tempo e no espaço. É possível na cidade e na população de hoje, observar “os traços de outrora, sobretudo nas zonas menos nobres, onde se refugiam velhas oficinas.” (1990:69)

Araçuaí é uma cidade que mantém vários “traços de outrora”, especialmente próximo à Barra do rio Calhauzinho que, devido às suas enchentes, deslocou a população e o comércio para

os pontos mais altos da cidade e deixou casas vazias, ruas desertas, becos em labirinto abrigando mulheres, artesãos e suas velhas oficinas que resistiram às enchentes e resistem ao tempo e ao “progresso” que chega descontínua e lentamente.

A estátua do Canoeiro na Praça da Matriz funciona como uma inscrição da memória coletiva da cidade, um “documento/monumento cuja finalidade é a comemoração, a celebração e a perpetuação da lembrança” (Le Goff, 1996:431), além de possibilitar “armazenar informações que permitem comunicar através do tempo e do espaço, e fornecer ao homem um processo de marcação, memorização e registro [Goody, 1977b, p.78]” (*idem*: 433).

No entanto, é interessante chamar a atenção para a fala do sapateiro João Batista e dos canoeiros Dema e Mané Preto quanto à importância que deveria ser dada aos fundadores dessa cidade. João



"Luciana os acolheu e eles com seu trabalho/ edificaram esta cidade./ Coração do Vale do Jequitinhonha./ Hoje centenária./1871 - 1971/ Araçuaí, 21 de Setembro de 1971"

Batista comenta que em Teófilo Otoni está a primeira Maria-Fumaça que correu na Bahia-Minas e que o povo de Araçuaí “*não teve coragem de deixar uma canoa para lembrar*” do tempo em que mercadorias e notícias circulavam na região através do transporte de canoa.

Da mesma forma, Dema e Mané Preto demonstraram uma preocupação com o registro, com a “inscrição” dos nomes dos canoeiros que participaram da história da cidade de Araçuaí, o que é uma preocupação com o registro da memória da cidade e com o registro da importância pessoal de cada um que participou dessa construção histórica e memorial de Araçuaí, inclusive eles. Conforme as palavras de Dema:

“(...) No caso dos canoeiros, nós não vamos lembrar de todos os nomes, mas nós era um ramo forte. Eu vou ver com os menino aí, da gente fazer uma placa prá poder colocar com o nome, não de todos, mas pelo menos de uns 40, 50, o que eu lembrar, prá fazer um quadro. Na época, já a gente foi de muita utilidade, certo, porque é nós que transportava a mercadoria pro povo, da cidade de uma prá outra.

3. Araçuaí: Terra de Canoeiros e de Luciana Teixeira

Ao contrário das demais cidades do Vale que se formaram ao redor dos Quartéis ou nas margens dos rios e córregos “recheados” de ouro e pedras preciosas ou a partir da expulsão dos índios e exploração das matas e da terra que os abrigavam, Araçuaí nasceu “nos braços do amor” (Claver, 1988), de uma mistura entre o sagrado e o profano banhada pelos rios Jequitinhonha e Araçuaí.

A história de Araçuaí começa em Barra do Pontal, local de confluência dos rios Araçuaí e Jequitinhonha, onde o padre Carlos Pereira Freire de Moura havia fundado uma aldeia com a promessa de transformá-la numa das cidades mais importantes e promissoras do Vale.

Neste local, era intenso o movimento de canoas que permutavam mercadorias vindas da Bahia com as do Vale do Jequitinhonha. A presença dos canoeiros também atraíam as mulheres, bebidas alcoólicas e muita farra, o que desagradou ao padre chegando ao ponto de expulsar as mulheres de sua aldeia. Desorientadas, elas subiram o rio Araçuaí indo parar na fazenda Boa Vista, propriedade de Luciana Teixeira, uma senhora mulata, dona das terras à margem do

Ribeirão do Calhau e do rio Araçuaí. Desde 1817, ela já havia iniciado um loteamento nessa região.⁵¹

Os canoieiros atraídos pelas mulheres de Pontal, também mudaram de porto, deslocando, assim, o movimento de canoas para a região do rio Araçuaí onde, entre 1830 e 1840, começou a se desenvolver um pequeno arraial com o nome de Calhau, devido a grande quantidade de pedras redondas existentes.

Em 1871, este arraial foi elevado à categoria de cidade e recebeu o nome de Araçuaí, um nome de origem indígena cujo significado é rio das Araras Grandes.⁵²

Contada de várias formas, essa história sempre traz dois elementos comuns e principais: os canoieiros e Luciana Teixeira. Tanto que a própria fala do canoieiro Mané Preto atribui a ela o início dessa história:

“A cidade de Araçuaí foi fundada por canoieiros, não é?”

M – É. Em primeiro lugar, Luciana Teixeira, também, foi tudo ensinado por ela.”

Até mesmo seu Gizério, canoieiro da cidade de Jequitinhonha, quando fala sobre Barra do Pontal, comenta a influência de Luciana Teixeira – que ele chama de Maria Moreira - na fundação da cidade de Araçuaí:

“Era muito movimentada a Barra do Pontal?”

Só tem uma casa. Araçuaí era prá ser lá, era Maria Moreira, mas era uma rapariga de muita influência. O povo não deixou ela, ela foi e chegou em Araçuaí, criou Araçuaí.”

Presente no imaginário da população local, as diferentes versões dessa história mantêm o conteúdo, mas diferenciam-se um pouco nas imagens que formam da personagem Luciana Teixeira. Ora santa ora meretriz, o fato é que, sem ela, Araçuaí não ocuparia as terras que hoje ocupa.

⁵¹ Dados encontrados na Publicação: Mini-Guia Informativo de 1996, da Prefeitura Municipal de Araçuaí.

⁵² Existem duas versões para a origem do nome Araçuaí. Numa delas, este nome é atribuído aos paulistas que tinham encontrado nele grande quantidade de ouro e que teriam exclamado: “Ouro só aí!” e que desta frase fez-se “Araçuaí”. A segunda versão, deriva o nome do tupi, de “raçu”, ave (provavelmente arara vermelha) e “hy”, rio. Rio das Araras Vermelhas seria, portanto, o nome do rio e do município. Esses dados foram obtidos na Enciclopédia dos Municípios Brasileiros. Minas Gerais, vol. XXIV do Arquivo Público de Belo Horizonte/MG.

Otto Paulino (1988)⁵³, numa linguagem irônica, narra essa história apresentando o embate entre Luciana Teixeira e o padre Carlos ou, se preferirmos, entre a igreja e o prostíbulo.

“(...) Ao contrário, porém, de suas co-irmãs, que largadas, agonizam, Santo Antônio do Arassuahy, que também escreveu História em capítulos gloriosos, não nasceu das batalhas, dos entreveros, majestosos. Ao invés do bacamarte e da espada, dos gritos de desespero ou de vitória sobre os corpos mutilados dos guerreiros, seus alicerces escolheram resguardo nos braços do amor.

Ali não acampou o aventureiro, nem campeou o gentio indomado; em lugar dos Postos de Intendência ou de Registro, de aquartelamento de Dragões, ergueu-se a comunidade sob a sombra hospitaleira de um prostíbulo, por obra e graça de Luciana Teixeira, que Deus tenha a sua destra!

Tudo começou no povoado de Barra do Pontal, oito léguas rio abaixo, pernoite obrigatório dos canoeiros e onde o Arassuahy de águas mansas se funde com o Jequitinhonha turbulento. O casario construiu-se sobre o penhasco que domina os rios: umas poucas casas que abrigavam outras tantas almas. Sobre o acanhado outeiro, a singela igrejinha boa, sede pontifical do virtuoso padre Murta⁵⁴. Ao meio da ladeira, que vigia sobre o porto, o estabelecimento modelar de Luciana. De primeira, os canoeiros procuravam o presbitério. Depositavam seus óbolos; desobrigavam-se de suas promessas, encontravam refrigério para suas almas. Confortados pelas palavras, comovidos com os agradecimentos do pio sacerdote, remidos de seus pecados, partiam em busca do lenitivo para seus corpos fatigados, sob o teto do alcouce.

A princípio, ilibado vigário, tio-bisavô do Deputado Celso Murta e a hetaíra veneranda entendiam-se sem restrições: as rendas do sacerdócio, em equilíbrio com a receita do bordel; o mercado financeiro dividido por igual entre as salvas da sacristia e as alcovas do amor.

Não tardaram, sem embargo, os primeiros desacertos, frutos de fatalidade econômica ao prescrever condições propícias de desenvolvimento, a dinâmica das inovações aliadas ao concurso da imaginação.

⁵³ Paulino, Otto. “O Estranho Mundo do Doutor Boaventura – Crônicas do Jequitinhonha”, pp 9 a 13. In: Claver, Ronald. *Senhora do Mundo*. Imprensa Oficial. UFMG. Belo Horizonte, 1988.

⁵⁴ O padre Murta não viveu nessa época. O nome correto é padre Carlos Pereira Freire de Moura.

Os negócios da igreja eram imutáveis como as barbas de Jeová: as mesmas missas, os mesmos sermões, as mesmas novenas, as mesmas pragas, o acirrado apetite pela pecúnia, ausência absoluta de improvisação. Luciana, em contra-partida, empresária de indústria e de capricho, desdobrava-se em promoções para sua clientela, em cujos quadros inscrevia-se o virtuoso cura, titular de privilegiada posição. Com o correr do tempo, face a esmerado atendimento e métodos avançados de gerência, Luciana via crescer em seu aprisco, o número de ovelhas esmadrigadas pela tosquia do pastor e o bordel, como investimento, ia se sobrepondo ao campanário, como confirmação de lei básica que estatui que um “certo negócio, quando bem administrado, rende mais que uma paróquia” ! ...

Seus patrocinadores, certos de que sempre encontrariam à sua disposição festins de carnes saborosas, deram de olvidar de suas promessas, de descurar-se de seus pecados, de ignorar a vida eterna. Das canoas partiam direto para o lupanar e entregavam-se aos cuidados das meninas.

Encerrada a refuga, não lhes sobrava mais tempo e muito menos dinheiro que, de outras feitas, iam engordar as burras do antiste.

Padre Murta não se apoquentou. Numa primeira investida, propunha associar-se ao estabelecimento numa proporção de meio a meio. Luciana arrepiou caminho.

(...) O vigário exasperou-se. Do alto do púlpito extravasou sua bilis, deu vasas à sua indignação. Comparou a bucólica Barra do Pontal com as cidades malditas da Bíblia e exigiu que as sodomitas (sic) da megera fossem varridas da face da terra! (...) Luciana ofendida contra-atacou. Reagiu à insólita provocação com as armas ao seu alcance.

(...) O bondoso pároco falava como um profeta. Sua eloquência e seus desastres comerciais acabaram por sensibilizar a população que se decidiu por enxotar a mulher indefesa, banindo-a para longe, oito léguas. Arassuahy acima, em sua confluência com o Calhauzinho. Cumprindo o vaticínio do Vigário, os canoeiros foram abandonando a Barra do Pontal; fazendeiros de muitas léguas ao redor passaram a demandar à pousada nova. A Sodoma de Padre Murta foi minguando... Sem a companhia do bordel, a igreja ficou só, branca e triste, estiando no outeiro!” (Claver:1988:9-13)

Em 1817, quando de sua passagem pelas terras do Jequitinhonha, o naturalista francês Auguste de Saint-Hilaire hospedou-se na fazenda Boa Vista quando passava pela região do Calhau. A impressão que nos deixa de Luciana Teixeira é muito diversa da que descrevemos anteriormente:

“Pousei na casa de Boa Vista, talvez, a mais agradavelmente situada de todas as que até esse momento vira. É construída sobre o cume de uma colina isolada, em baixo da qual deslizam com lentidão as águas límpidas do Araçuaí, rio mais ou menos da largura do Loiret.

(...) Boa Vista era a residência de uma velha mulata chamada Luciana Teixeira. Tendo sabido que eu viajava com passaporte do governo, essa boa mulher cumulou-me de atenções, e, pondo-se quase de joelhos, quis abraçar-me as coxas; mas compreende-se bem que recusei semelhante polidez.

Passsei em Boa Vista o dia de Pentecostes. Um sacerdote ali chegara, vindo de nove léguas de distância, e todos os colonos da vizinhança se tinham reunido na habitação com os filhos e netos de minha hospedeira para assistir ao serviço divino. Essa boa gente jantou em casa dela...

(...) Minha hospedeira de Boa Vista não quis aceitar nada de mim pelo o que eu comi, nem mesmo pela forragem dos animais. Contentou-se em pedir-me um pouco de papel, e este mesmo, queria pagá-lo.

Depois de deixar sua casa, atravessei, pouco depois, o Ribeirão de Calhao, em que se encontram pedras preciosas e se lança no Araçuaí.” (Saint-Hilaire, 1975:238-239)

A personagem Luciana Teixeira é tema de diversos livros. Já no primeiro capítulo deste trabalho, foi mencionada a peça de teatro encenada na Romaria das Águas, cujo texto foi inspirado no livro de Augusta Figueiredo (1995): “A mulata Luciana no Vale do Jequitinhonha”.

Esse livro – um romance, entremeado por comentários e dados históricos – é apenas mais um exemplo das diferentes versões sobre a figura de Luciana Teixeira, informadas pelo imaginário coletivo local. No livro, ela é descrita como proprietária da Fazenda Boa Vista do Calhau, uma pessoa “famosa pelo seu poder, pelo seu dinheiro e pela sua bondade.” Nas páginas finais, a autora descreve uma procissão realizada pelos canoeiros para homenagear Luciana Teixeira: “A Santa das Prostitutas, a Santa dos Canoeiros”.



Foto 29



Foto 30

Entretanto, a história de Araçuaí não passa apenas pelos canoeiros e por Luciana Teixeira. A descoberta de pedras preciosas também atraiu muitas pessoas para essa região, o que acabou por atribuir uma nova justificativa para o significado de seu nome. Zefa, uma das artesãs mais conhecidas do Vale do Jequitinhonha, descreve como chegou a Araçuaí e o que a levou a querer viver nessa cidade:

“Eu nasci em Paripiranga, no estado de Sergipe. (...) Papai mudou de lá, eu tava com 22 anos, mudou para Bahia. Dá Bahia quando eu mudei para cá no Estado de Minas, só que eu tô aqui no estado de Minas tem 40 anos. (...) A gente veio prá baixo de Nanuque, prá cidade Chamada Serra de Aimoré, que papai morou ali também, mas depois aí eu não gostei e a gente veio aqui prá Teófilo Otoni. De Teófilo Otoni, eu vim até Araçuaí porque ouvi uma história tão bonita de Araçuaí, e parece que minha sorte era marcada, era aqui mesmo. Quando eu morava em Teófilo Otoni, eu era vizinha de um moço que era daqui de Araçuaí, mas como ele tinha matado aqui em Araçuaí, ele foi preso em Barbacena 8 anos, aí o tempo que ele foi preso, a mulher

dele amasiou com outro cara. Ele prá não matá a mulher, ele mudou prá Teófilo Otoni. Chegando em Teófilo Otoni, ele casô. Aí, quando eu mudei para Teófilo Otoni, ele era meu vizinho. Um dia, nós assentado na calçada contando história, ele disse assim: 'ô Zefa, donde cê é Zefa, como chama seu lugar?' E eu contando de Sergipe e contando o nordeste lá. Ele disse: 'ô Zefa porque cê não vai conhece agora Araçuaí, a minha terra? Eu não vou para lá o povo pode querê me matá, mas lá, minha terra é boa demais. Araçuaí é um comércio pequeno, mas é o Vale do Jequitinhonha'.

Mas no tempo que os bandeirantes descobriu Diamantina, e a riqueza do diamante, ele desceu até o rio de Araçuaí, chegando, antigamente era o rio das Araras Grandes. Aí quando ele chegou no rio das Araras Grandes, ele viu tanto ouro que ele falou para companheiros deles: "Ouro, só aí". Quando o comércio cresceu, que passou a cidade, o pessoal do lugar falou: 'Ah, vamo por a palavra dos Bandeirante, ele já falou "ouro só aí", vamos por Araçuaí'.

Aí queria vim conhecer a terra prometida, até quando eu vim, só que quando eu cheguei eu me ferrei, porque quando eu cheguei, a cidade era tão pequena, que as arte que eu sabia fazê não deu."

Não obstante a sua fala, Zefa, que tem mais de 70 anos, trabalha com madeira e costuma esculpir peças que retratam personagens históricos, como Antônio Conselheiro, ou santos, como São Francisco de Assis, além de personagens de histórias que leu ou ouviu de outras pessoas.

Presente na memória dos canoeiros, descrita em suas narrativas, a cidade de Araçuaí perpassa, praticamente, todos os capítulos deste trabalho. Terra de canoeiros, porto de arribada das canoas que cruzavam o Jequitinhonha, num tempo em que navegar nessas águas, ainda era possível. O próximo capítulo vai tratar, justamente, da história desse rio, do início da navegação nas águas do Jequitinhonha. A comparação, que se segue, com o Vale do São Francisco pretende enriquecer os estudos e análises do sertão de Minas Gerais.

IV- Paisagens: A Canoa e o Sertão



1. O Encontro de Dois Rios

O trabalho de Zanoni Neves (1998), sobre os remeiros do Rio São Francisco, traz elementos interessantes para estabelecermos relações e comparações entre estes e os canoeiros do Rio Jequitinhonha.

Além disso, tanto o Vale do Médio São Francisco como o Vale do Jequitinhonha são regiões que apresentam características semelhantes quanto aos aspectos físico-geográficos, históricos, sócio-econômicos e culturais. Como já dissemos, são dois sertões, dois rios, dois vales e dois personagens análogos: *canoeiros* e *remeiros*, agentes de integração social no sertão mineiro.

Segundo Neves, a navegação no Rio São Francisco, especialmente a partir do século XVII, esteve estritamente vinculada ao transporte de cargas e ao comércio, fato que atribui aos remeiros, um papel fundamental para a integração econômica da região do Médio São Francisco.

Tanto o trabalho exercido pelos remeiros do Rio São Francisco, quanto pelos canoieiros do Rio Jequitinhonha, tiveram uma importância fundamental para a integração sócio-econômica e cultural de ambas regiões.

A partir das descrições de Neves sobre a região do Médio São Francisco, é possível perceber uma similaridade, tanto físico-geográfica quanto sócio-econômica, desta com a região do Vale do Médio Jequitinhonha.

Tanto o Médio São Francisco como o Vale do Jequitinhonha são regiões de baixa precipitação pluviométrica, o que lhes acarreta longos períodos de seca. Quanto à vegetação, as duas regiões também são similares. Elas apresentam uma vegetação de transição entre o cerrado e a caatinga, além de uma vegetação ciliar que cresce às margens de seus rios. Vale ressaltar que, a mata ciliar das margens do rio Jequitinhonha já foi em grande parte destruída, o que vem acarretando sérios problemas ambientais para a região, dentre eles o assoreamento do rio.

No rio São Francisco, foram construídas as barragens de Três Marias e Sobradinho que alteraram o regime das águas e, de certa forma, o processo de plantio nas vazantes feito pelos camponeses. O camponês plantava feijão, milho, mandioca, abóbora, banana, melancia, coentro, e vendia o excedente produzido para as “barcas de figura”⁵⁵. A cultura de vazantes, que é característica da formação da paisagem humana do Médio São Francisco, também é muito praticada no Vale do Jequitinhonha.⁵⁶

Não podemos nos esquecer, logicamente, da pecuária, que era uma das atividades básicas do Médio São Francisco e, desde o século XVII tem-se referência dessa prática às margens do rio. As grandes fazendas de gado, os latifúndios, também são característicos do Vale do Jequitinhonha, especialmente no Médio e Baixo Jequitinhonha, e são vistos como um dos grandes responsáveis pelo êxodo rural da região. (Moura, 1988)

Com relação à paisagem rural do São Francisco, a maioria das casas dos caboclos⁵⁷ são-franciscanos eram feitas de pau-a-pique, existiam também construções de adobe, mas estas não

⁵⁵ As “barcas de figura” eram assim chamadas porque carregavam um tipo de carranca na proa da barca. Essas barcas foram introduzidas no Médio São Francisco, na primeira metade do século XVIII. A tripulação variava de 6 a 12 pessoas e eram empregados de 8 a 10 trabalhadores. As “barcas de figura” eram assim chamadas porque carregavam um tipo de carranca na proa da barca.

⁵⁶ É até comum dizerem que uma das “leis” dos canoieiros era a de se apropriarem dos produtos plantados nas vazantes que estivessem ao alcance do remo. Mas, conforme o relato de seu Odilo, canoieiro de Jequitinhonha: “*É nada, era chumbera*”, como uma forma de dizer que esta prática não agradava muito aos fazendeiros e ou aos donos das vazantes, que muitas vezes os recebiam à bala (chumbera).

⁵⁷ O termo “caboclo”, no trabalho de Neves (1998), refere-se aos camponeses, moradores do Vale do São Francisco. No Vale do Jequitinhonha, usa-se este termo em referência aos índios que habitam a região, como o faz o canoieiro

eram tão comuns. Composto ainda essa paisagem, existiam também pequenos engenhos de cana de açúcar e casas de farinha. Produtos como rapadura, cachaça e farinha eram mercadorias amplamente comercializadas pelas barcas ao longo do Médio São Francisco e de seus afluentes.

Segundo o autor, “os núcleos urbanos, por se constituírem em escoadouros da produção agrícola e artesanal da região, assumiram uma função crucial nas articulações regionais e inter-regionais. Utilizando-se amplamente, ao longo da história, de canoas, ajoujos, balsas, paquetes, batelões, barcas e vapores para o transporte de cargas e passageiros e para o comércio ambulante, o povo ribeirinho do campo e dos povoados alcançou uma crescente integração em nível regional.” (Neves,1998:47)

Dessa forma, Neves acredita que o desenvolvimento das cidades e povoados do Médio São Francisco está estritamente relacionado ao desenvolvimento dos meios de transporte.

No caso do Vale do Jequitinhonha, a cidade de Araçuaí, localizada na região do Médio Jequitinhonha, é um exemplo desse fato, já que o intenso movimento de canoas transformou a cidade num importante entreposto comercial (em todo o Médio Jequitinhonha), estabelecendo ligação com várias cidades do Vale do Jequitinhonha e com algumas cidades do sul da Bahia. A esse respeito, Souza (1997) transcreve a seguinte citação, de uma obra não referida:

“A cidade de Araçuaí, fundada entre 1830-1840, a partir de um arraial estabelecido, tempos antes na fazenda da Boa Vista da Barra do Calhau, ‘ponto de arribada das canoas que subiam o Jequitinhonha’, tornou-se, a partir de meados do século, importante entreposto comercial. De todos os povoados e distritos vizinhos, num raio de 50 léguas, convergiam para ali as tropas que transportavam as mercadorias a serem distribuídas em todo o norte de Minas e escoavam a produção que dele descia o rio” (Souza, 1997:104).

Alguns textos literários também fazem referência à importância econômica da cidade de Araçuaí (conhecida antigamente por Calhau), deixando, ainda, indícios de que a navegação no rio Jequitinhonha já atravessara períodos de igual prestígio: *“Dizia-se que o Calhau entrava numa nova era de navegação igual à daqueles belos tempos, em que o rio Jequitinhonha, povoado de canoas, indo e vindo, levando os produtos da terra e trazendo o que faltava à região, lembrava imenso carreiro de formigas.”* (Barreto, 1946: 12-13)

Gisério. Também no norte e nordeste brasileiros, este termo refere-se, geralmente, aos índios com estreitas relações nos seus contextos regionais.

No entanto, com a abertura de estradas, de outros canais de escoamento de mercadorias e produtos, e de outras vias de comunicação e de transporte na região, o comércio de Araçuaí, e do Vale como um todo, tendeu a declinar, amargando mais um longo período de estagnação de sua economia. Segundo Souza: *“Araçuaí, por volta de 1885, atinge o auge nesse movimento de expansão, recebendo mercadorias da Bahia e mesmo do Rio de Janeiro. Declina, então, pois abiriam-se outras vias de comunicação e transporte pelos vales dos rios Mucuri e Doce, solapando-lhe a primazia de entreposto comercial. Ao final do século a navegação pelo Jequitinhonha declina a olhos vistos”* (Souza, 1997:111).

Barreto também retrata esse fato em seu romance, numa conversa interessante que demonstra o quão inconstante era o desenvolvimento e o progresso da região, a saber:

“- Com a extinção da fama do descoberto do Salobo, com o desenvolvimento da cultura de cereais no sul da Bahia e Minas pelo vale do Mucuri, rumo Teófilo Otoni, e com os progressos da Central no território mineiro, as cousas foram-se mudando, o nosso comércio foi-se deslocando... – acrescentou Fulgêncio.

Caprichos do progresso... – ironizou Venâncio

Que vimos nós, desde então? A pobreza, o êxodo, a dispersão, a lamúria, as tragédias dos retirantes pelas estradas, nas secas bravias, em demanda de vida menos ingrata e de terras mais dadivosas.

Padre João, (...) protestou:

Menos essa de atribuir ao progresso a decadência atual do Calhau. Grande cousa é o progresso e é dele que precisamos, com a breca! O que foi, tinha de ser. Neste mundo tudo tem a sua fase de evolução, apogeu e decadência. Não nos revoltamos contra as leis naturais...

(...) Fulgência, porem, retomou o fio da conversa:

Disse muito bem, o Padre Mestre, meu caro Venâncio: - tinha de ser, pois com o avançar daquelas ferrovias pelo território mineiro, cessou a razão de ser da navegação intensa do Jequitinhonha: os municípios que comerciavam conosco e com a Bahia por nosso intermédio, encontrando mercados mais acessíveis, abandonaram-nos e, além de nos abandonarem, começaram a atrair os nossos homens; conseqüentemente, decaiu o Calhau, desenvolveu-se a emigração em debandada para as matas do Peçanha e outros

pontos; as tropas que, anteriormente, vinham para o nordeste, rumaram para outras plagas...

E caímos para sempre na apatia – acrescentou triunfalmente Venâncio. (...)

Para sempre, não! Protestou padre João (...). Isso foi uma crise, como todas as crises...Mas veio a reação e da boa. Aí temos agora o município outra vez animado..."

(Barreto,1946: 14-16)

Historicamente falando, apesar de haver indícios de que sua ocupação e exploração se deu na mesma época que a do Médio São Francisco, com a expedição de Navarro no século XVI, o registro da história do Vale do Jequitinhonha sofreu algumas interrupções e apresenta várias lacunas. Dificilmente encontra-se uma história contínua do Vale, existem longos períodos sem registro, períodos de silêncio que impedem que se tenha uma visão mais ampla do processo de ocupação e de desenvolvimento da região.⁵⁸

2. O Encontro de Duas Histórias

Diferentemente do rio São Francisco, cuja história da navegação desponta desde os tempos da colonização, quando o grande alvo de cobiça internacional era o pau-brasil, a navegação no rio Jequitinhonha deixa dúvidas quanto à época mais precisa em que este fato ocorreu.

Típico rio de montanhas, o rio Jequitinhonha⁵⁹ nasce na Serra do Espinhaço, em Pedra Redonda, município de Serro. Corta o nordeste de Minas percorrendo 1.086 km – 888 km em

⁵⁸ Justamente por esses períodos de estagnação é que o Vale foi considerado, pelas repartições estaduais, “área de pobreza absoluta e estagnação secular.” (Moura, 1988:1) Da mesma forma, Neves se apropria de dados históricos para questionar e rebater as teses de isolamento da região do Médio São Francisco, a história, para o Vale do Jequitinhonha, serve, dentre outras coisas, para contestar esta condição natural de pobreza.

⁵⁹ O nome Jequitinhonha deriva de uma prática dos índios Botocudos de deixarem à noite, no rio, uma armadilha pronta para pegar peixe, certificando-se, no dia seguinte, de que no “jequi tinha onha” (jequi: armadilha de pesca feita de bambu; e onha: peixe). O rio também é conhecido como Rio Grande e, já no estado da Bahia também é conhecido por Rio Grande de Belmonte. Segundo Saint-Hilaire (1975): “O rio, de que se trata, não toma o nome de Rio Grande depois de receber as águas do Araçuaí, e não tem tão pouco, essa denominação em São Miguel (atual cidade de Jequitinhonha), como se escreveu na Alemanha. É mais abaixo que se começa a chamá-lo Rio Grande de Belmonte. O que prova quanto, nessas regiões desertas, é difícil saber exatamente a verdade, a menos que não nos

Minas e 198 km na Bahia – ou 181 léguas, das quais 103 navegáveis, até encontrar o mar, na cidade de Belmonte, no sul da Bahia.

No final do século XVI, o rio Jequitinhonha já havia sido descoberto por aventureiros instigados pelas notícias da existência de metais e pedras preciosas no sertão mineiro, especialmente prata e esmeraldas. Iam em busca do “Sol da Terra”, que acreditavam poder encontrar às margens do rio.

Com a descoberta de minas de ouro em Vila Rica (Ouro Preto), no século XVII, o rio Jequitinhonha foi abandonado e ficou esquecido até que, no final do mesmo século e início do século XVIII, descobriram ouro em Hivituriú (denominação indígena de montanhas frias), atual cidade de Serro. Quando, alguns anos mais tarde, descobriram diamantes no Arraial do Tijuco, atual cidade de Diamantina, consolidou-se, então, a exploração do rio Jequitinhonha e do rio Araçuaí, seu principal afluente.

Mas, mesmo assim, demorou muitos anos para que se conhecesse o rio Jequitinhonha em todo o seu curso. O naturalista francês Auguste de Saint-Hilaire, que viajou pelo Brasil de 1816 a 1822, relata esse fato em seu livro:

“Via-se um rio reunir suas águas ao mar, perto da pequena vila de Belmonte; dera-se a esse rio o nome de Rio Grande, mas ignorava-se de onde vinha e em que lugar tinha a nascente. Entretanto João da Silva Santos, capitão mor de Porto Seguro, que recebera do governador da Bahia ordem de subir todos os rios da comarca de Porto Seguro, embarcou-se em 1804, no Rio Grande, levando consigo armas e morteiro para em caso de necessidade, se defender dos índios. Teve várias vezes que os combater; contudo, terminou sua empresa com felicidade. Foi apenas perto de Tocoyos, acerca de oitenta e seis léguas de Belmonte, que ele encontrou pela primeira vez um colono português, e dele soube que o Rio Grande não era outro senão o Jequitinhonha, conhecido pelos diamantes que fornecia, e do qual até então não se tinha suspeitado qual fosse a foz”. (1958:249)

transportemos pessoalmente aos lugares, é que o Sr. Eschwege, a quem tanto deve a geografia de Minas, considera como sinônimos os nomes de Rio Grande e Jequitinhonha.” (nota 352 - p.249)

Quanto ao rio São Francisco, há uma constatação dos primeiros colonizadores, ainda no século XVI, da possibilidade de navegá-lo acima da Cachoeira de Paulo Afonso. Através de um trecho descrito por Neves sobre essa questão, é possível observar, não só a possibilidade da navegação como as próprias condições de navegabilidade do rio São Francisco:

“No inverno (o rio São Francisco) não traz tanta água nem corre como no verão e no cabo destas vinte léguas (para o interior a partir da foz) faz uma cachoeira por onde a água se despenha e impede a navegação; porém daí por diante se pode navegar, em barcos que lá se armarem, até um sumidouro, onde este rio vem dez ou doze léguas por baixo da terra. E também é navegável daí para cima oitenta ou noventa léguas, podendo navegar barcos, ainda mui grandes, pela quietação com que corre o rio quase sem sentir-se, e os índios Amupirás navegam por ele em canoas.”

(Neves, 1998:28)

A partir deste trecho, Neves conclui que um dos meios de transporte utilizados pelos portugueses foi a canoa apropriada dos índios Amoipiras. Questiona apenas o trecho do rio a que se refere o texto, pois se fosse o “rio de baixo” (localizado entre a Cachoeira de Paulo Afonso e a cidade de Juazeiro), a navegação não seria possível já que este trecho só permitiria o tráfego de pequenas embarcações em virtude de corredeiras e outros acidentes fluviais. Dessa forma, Neves supõe que o autor esteja se referindo ao Médio São Francisco, trecho acima da cidade de Juazeiro.

No rio Jequitinhonha, o tráfego de grandes embarcações era praticamente impossível dada às grandes dificuldades que o rio apresentava e por ser este, em grande parte de seu curso, um rio de pedras. Apenas seu curso baixo, conhecido como rio de areia, apresentava condições um pouco mais favoráveis à navegação. De fato, a navegação no Jequitinhonha dependia muito da habilidade dos canoeiros e do conhecimento que detinham sobre o rio. Santos Maia descreve numa linguagem bem rebuscada, os dois momentos do rio:

“No rio de areia, (assim é chamado o trecho compreendido de Belmonte á Cachoeirinha, por não ser abrolhoso e encachoeirado,) as aguas oprimidas pelas enormes praias que se formam no seu leito durante a sêcca, contra uma das suas margens, formam um estreito e profundissimo canal, deslocando uma velocidade superior a 5 milhas por hora, dificultando, dest’arte, o governo das canôas, que, commumente,

encalham nos vincos impresentidos ou montam em algum tronco desraizado e arrastado pela corrente, sobrevindo, no mais das vezes, o naufragio, ou simplesmente a perda de muitas horas de navegação.

(...) No rio de pedra, (de aquelle ponto para cima onde as cachoeiras abundam,) a navegação torna-se arriscosa pelo estarem a descoberto todos os abrólhos e as aguas mais duras com o estrangulamento das mesmas nas escassas passagens entremeiantes dos cachôpos.” (1917:3)

Devido aos grandes obstáculos impostos pelo rio, apenas pequenas embarcações, como as canoas, poderiam se “arriscar a descer e subir nas suas águas” (Brandão, 1974). Algumas cantigas entoadas pelos canoeiros, chegam a falar, num de seus versos, do uso do vapor, mas é bem possível que essa referência corresponda a um intercâmbio cultural entre as regiões do Vale do São Francisco e do Vale do Jequitinhonha, já que é um beira-mar, canto de trabalho dos canoeiros realizado durante a viagem pelo rio. O verso diz o seguinte⁶⁰:

*“Tu já pega com tuas arengas
Teu ciúme não mata ninguém
Meu Deus, sou gingador, ai, ai...
Eu levo ela embarcada no vapor, ai, ai...”*

Ao contrário da navegação no rio Jequitinhonha, as boas condições de navegabilidade no curso Médio do rio São Francisco (ausência de obstáculos e incidência de ventos regulares), apesar da dura resistência das nações indígenas, tornaram possível uma penetração de maior alcance na região do São Francisco, ainda no século XVI, além de facilitar a ação missionária no processo de colonização .

Segundo Neves, as embarcações utilizadas na expedição eram feitas de diversas peças de madeira encaixadas umas às outras, diferentes das funcionais canoas feitas de um único tronco. As embarcações do tipo europeu só foram introduzidas na região nos séculos subsequentes, “quando se estabelece um sistema produtivo na região articulado à metrópole.” (*ibidem*: 30)

⁶⁰ O nome desta canção é *Beira-mar da Leonor*. Foi transmitida ao Coral Trovadores do Vale em 1980, por Zilda Souza França, da cidade de Araçuaí.

Semelhante às margens do Rio São Francisco, o Rio Jequitinhonha também era muito povoado por nações indígenas, principalmente pelos Botocudos que, constantemente, entravam em choque com os portugueses e com outras nações indígenas.

Como não se tem dados mais precisos sobre o início da navegação no Rio Jequitinhonha, acredita-se que este possa ter uma história semelhante à do São Francisco, no entanto, as informações e descrições que se tem a respeito dos índios do Jequitinhonha não os apresentam nem os descrevem como canoieiros, mas caçadores, guerreiros e nômades, como na descrição que D'Orbigny⁶¹ faz dos botocudos – uma das nações indígenas mais numerosas e combativas que ocupavam as margens do Jequitinhonha e que eram assim chamados por usarem botoques no lábio inferior e nos lóbulos das orelhas:

“Os botocudos, outrora chamados aimorés, constituem, segundo se acredita, a maior tribo descendente dos tapuias⁶². Em época mui recuada, esses índios, segundo se diz, foram obrigados a se separarem dos homens de sua raça e se embrenharem nas montanhas, onde adquiriram costumes mais ferozes que qualquer uma outra das tribos indígenas que povoam a região. Nos primeiros tempos em que os portugueses estabeleceram colônias no litoral, os aimorés costumavam descer até o mar, em grandes multidões, massacrando todos que encontravam e devorando os prisioneiros. Até os tupinambás e tupiniquins os consideravam selvagens, e, desde aquele tempo, eles adquiriram uma fama de barbarismo e brutalidade que chegou até os nossos dias. (...) De uma agilidade inconcebível, os botocudos vivem quase sempre em estado nômade, ora emigrando por tribos, ora caminhando por famílias. (...) Os botocudos são excelentes caçadores. Descobrem a pista dos animais, ou os atraem, imitando seu grito, e, e raramente erram o alvo, quando a caça chega ao seu alcance.” (1976: 121-125)

⁶¹ D'Orbigny. Viagem Pitoresca Através do Brasil. p. 121-125. D'Orbigny, naturalista francês que viajou pelo Brasil de 1826 a 1834, faz uma descrição interessante dos índios botocudos e mais adiante dos maxacalis e macunis, sem, no entanto, distanciar-se de um olhar etnocêntrico da civilização européia. O relato dos viajantes europeus, de forma geral, além da própria riqueza descritiva de seus relatos, traz elementos interessantes para se pensar o imaginário do colonizador frente ao Novo Mundo.

⁶² Segundo Paraíso, “...no caso específico do Brasil teria havido dois grandes grupos indígenas: os Tapuia e os Tupi. (...) Em contraposição aos Tupi, DENIS (1980:21-29) considerava os Tapuia como a raça mais selvagem e desafortunada. (...) Diz que a denominação era genérica e lhes fora atribuída pelos dominadores Tupi, sendo que a palavra significava inimigo.” (1988:263-4) Segundo John Monteiro: “... os europeus do século XVI procuraram reduzir o vasto panorama etnográfico a duas categorias genéricas: Tupi e Tapuia. A parte Tupi desta dicotomia englobava basicamente as sociedades litorâneas em contato direto com os portugueses, franceses e caastelhanos, desde o Maranhão a Santa Catarina, incluindo os Guarani. (...) ...a denominação ‘Tapuia’ aplicava-se frequentemente a grupos que - eram pouco conhecidos dos europeus.” (1994:19)

Quanto à época em que o rio passou a ser navegado, o livro de Samuel Tetteroo O. F. M. (1919), sobre o município de Jequitinhonha⁶³, traz elementos para se pensar um período anterior ao século XVIII. Segundo o autor, em meados do século XVI, mais precisamente nos anos de 1553/1554, uma expedição em busca da “Serra Resprandente” ou do “Sol da Terra” tornou conhecido o Rio Jequitinhonha, mais precisamente o trecho entre a confluência do rio Araçuaí e o Salto Grande, lugar denominado “Estreito de São João.” Essa mesma expedição é citada por Neves como “uma tentativa de reconhecimento do hinterland da colônia”.

Saindo de Porto Seguro, ela avançou 350 léguas até o São Francisco. É bem possível que tenha explorado os dois rios: Jequitinhonha e São Francisco. Vale ressaltar também o destaque que Neves dá ao objetivo de cunho etnocêntrico dessa expedição: “*descubrir se avia alguma nação de más calidad.*” (*ibidem*:29)

Contudo, só no final do mesmo século, é que se tem uma notícia mais precisa da navegação do Jequitinhonha, com a expedição liderada por Sebastião Fernandes Tourinho que saindo do Espírito Santo, navegou “*em canoas pelo rio Manhuassú até o Rio Doce e subiu até achar as águas do Jequitinhonha, alcançando provavelmente a Serra do Itambé nas proximidades de Serro.*”

Entretanto, com a descoberta das minas de ouro de Villa Rica – Ouro Preto – e Villa do Carmo – Mariana – no século XVII, a navegação no Jequitinhonha foi logo abandonada, ficando quase em completo esquecimento até o princípio do século XIX, “quando em 1804, a Corôa, por julgar o rio diamantífero, mandou guarnecê-lo”, construindo assim quartéis militares às margens do rio.

O primeiro quartel foi construído em São Miguel do Jequitinhonha (atual cidade de Jequitinhonha),⁶⁴ onde foram aldeados mais de dois mil índios, dentre eles os nacknanuck e, principalmente, os maxacali, considerados, praticamente, os primeiros canoeiros do Jequitinhonha.

⁶³ Tetteroo. “*Memória Histórica e Geográfica do Município de Jequitinhonha.*” 1919, pp.46-47.

⁶⁴ Antes de se construírem Quartéis ao longo do Rio Jequitinhonha, outros já haviam sido construídos às margens do Rio Doce. Segundo Paraíso: “... foram criadas seis Divisões Militares no rio Doce, estrategicamente localizadas e coordenadas pela Junta de Conquista e Civilização dos Índios, Colonização e Navegação do Rio Doce, presidida pelo Governador da Capitania.” (1988:213) (...) “A Sétima Divisão foi criada posteriormente e sua área de jurisdição era o vale do rio Jequitinhonha, ficando sua sede em São Miguel do Jequitinhonha, atual cidade de Jequitinhonha. Essa divisão foi criada em decorrência das grandes extensões cobertas pelas Divisões Militares da margem esquerda do doce e da intensificação da conquista e colonização naquele vale.” (*idem*:214, nota 27)

Vale ressaltar que, os grupos denominados maxacali – cujo significado é “*reunião de tribos ou grupos*”-, não constitui um grupo único, mas “*vários subgrupos aliados e aldeados conjuntamente*”. (Paraíso, 1988:283) Dentre eles, destacam-se os Maxacali, os Monoxó, os Malali, os Pataxó, os Kumanaxó⁶⁵, os Panhame e os Kopoxó. Além de apresentarem semelhanças linguísticas, sociais, políticas e religiosas, tinham como um de seus traços mais marcantes “*o ódio que todos devotavam aos Botocudos, que teriam atingido essa região (região do Peçanha) nos seus deslocamentos. Esse sentimento de oposição era estimulado pelos colonos como forma de garantir a participação das tribos aliadas como soldados contra os referidos botocudos.*” (ibidem:284)

Eram, predominantemente, caçadores e coletores, sendo a prática da agricultura decorrente do aldeamento compulsório e das relações de dominação que lhes foram impostas nos quartéis.

Os índios maxacali, tiveram uma história de resistência diferente dos outros povos indígenas da região. O fato de terem se aliado aos portugueses, aldeando-se nos quartéis militares, fez com que fossem descritos, até a metade do século XIX, “*como bastante ajustados às novas formas de organização social*” (1988:290) e, igualmente, considerados “*uma raça de índios mansos, ditos domésticos dessas regiões*”. (ibidem:286)

Segundo Paraíso, isso nada mais era do que uma estratégia política desses índios, cujo objetivo era o de preservar suas vidas. Para eles, o aldeamento nos quartéis, era uma questão de sobrevivência.

Esta autora, ao relatar a ocupação da zona do São Mateus (atualmente cidade de Barra no Espírito Santo), fala, pela primeira vez, no uso de canoas pelos maxacali. A época corresponde mais ou menos ao ano de 1816 e o trecho é o seguinte:

“Os conflitos entre os colonos e os índios – Pataxó, na margem esquerda, e por grupos arredios chamados de Botocudos, nas duas margens, porém predominantemente na direita – eram constantes, devido aos ataques às roças, onde os índios iam em busca de alimento. Os aldeados, aos quais AIRES DE CASAL (1976, p.218) chama de civilizados, costumavam pescar no rio São Mateus, usando canoas, o que indica que não eram Botocudos, mas Tupinikin ou Maxacali ou Kumanaxó. Esses índios estavam

⁶⁵ Os Kumanaxó também são conhecidos como Naknenuk (Paraíso, 1988:298), e estes, por sua vez, foram indicados, equivocadamente, por Denis (1980:225), como sendo um subgrupo dentre os Botocudos. (ibidem:265). Aliás, é comum ocorrerem confusões quanto às descrições e classificações/denominações dos grupos indígenas.

aldeados na fazenda do Ouvidor Cunha de Porto Seguro e, segundo o proprietário, formavam o núcleo inicial de uma Colônia Agrícola que pretendia fundar. (WIED-NEUWIED, 1989, p.172-3).” (ibidem: 298)

Os maxacali que se aldearam nos quartéis do Jequitinhonha, tornaram-se soldados-índios, chegando a compor a tropa de soldados do Capitão Bento Lourenço Vaz de Abreu Lima quando este pensou estar desbravando o São Mateus. Exploradores e viajantes geralmente confundiam os índios Maxacali e os Pataxó com os Botocudos.

Mais adiante, a autora cita novamente o uso de canoas pelos índios maxacali, demonstrando a interferência e a influência dos Quartéis Militares para o início da navegação e do comércio no rio Jequitinhonha.

Sem falar diretamente sobre o uso de canoas por esses índios, Paraíso contextualiza o período em que este se deu. Fica no entanto, a dúvida se esta é de fato uma herança indígena ou uma imposição da Coroa Portuguesa.

Segundo a autora, como a política da época estava voltada para a abertura de estradas que *“viabilizassem as comunicações e facilitassem o comércio entre as várias partes do país, o Príncipe Regente determinou, em 1811, que Julião Fernandes Leão se encarregasse de abrir o trecho mineiro até estabelecer a conexão com o baiano. Na mesma ocasião, foi-lhe também determinado que atraísse todos os grupos Botocudos que encontrasse ao longo da estrada.*

D. João ao saber que Leão havia dominado todos os grupos indígenas, “confiou-lhe a direção dos índios do Jequitinhonha e determinou que adotasse providências para facilitar a navegação e o comércio por aquele rio.” (ibidem:305)

Uma das primeiras medidas adotadas pelo novo Diretor foi instalar uma colônia junto ao Quartel de São Miguel, procurando atrair outros colonos para se instalarem ao longo do rio e ajudar no transporte das mercadorias na região das cachoeiras, juntamente com os vários grupos indígenas que foram sendo aldeados.

“Na verdade, o Alferes Julião Fernandes Leão havia iniciado o seu trabalho a partir do rio Piauí, tendo por base o Quartel de Miguel do Jequitinhonha e contando com o apoio dos índios Naknenuk, sempre identificados como sendo Botocudos, mas que eram,

na verdade, os Maxacali, Malali e Makoni que ele deslocara de Lorena dos Tocoios, Chapada e São Domingos, com o auxílio do padre Lidoro. (...)

Seu objetivo era o de usar esses índios como apoio para implantar a infra-estrutura necessária à conquista e colonização da região, o que incluía o combate aos índios que se opunham aos projetos dos conquistadores e a garantia de mão-de-obra gratuita aos que se instalassem no vale. Os índios trabalhavam na casa de Julião, em suas roças, nas dos Quartéis e, também, nas dos colonos, no transporte de pessoas e produtos pelo rio em canoas ou como fardos pelos rústicos caminhos. O pagamento vinha sob a forma de alimentos – milho e feijão, principalmente, além do tabaco, açúcar, aguardente, roupas e equipamentos de ferro.” (ibidem: 305)

Antes disso, já havia sido implantada uma linha de Quartéis no alto Jequitinhonha para impedir e evitar o contrabando de ouro e pedras preciosas. “*Esses Quartéis iam do Tijuco [Diamantina] até o rio Jequitinhonha, numa área de caatinga ainda não ocupada por fazendas.*” (ibidem: 306)

No entanto, a nova linha de Quartéis, destacando-se o de São Miguel (Jequitinhonha), no baixo Jequitinhonha, foi de grande importância para a conquista e ocupação dos vales Jequitinhonha e Mucuri.

Segundo uma entrevista feita com a historiadora e indigenista Geralda Soares⁶⁶, Guido Marliere, nomeado, em 1820, “diretor dos índios” do Jequitinhonha e do Rio Doce, contratou muitos índios maxacali para serem canoeiros no Jequitinhonha. Muitos índios eram contratados mas não tinham registro de contrato. Transportavam mercadorias e pessoas de Jequitinhonha até o Calhau – hoje Araçuaí – e de Jequitinhonha até Belmonte. Os escravos também eram levados e entregues em canoas na entrada do mar em Salvador e iam pelo Rio Jequitinhonha até Araçuaí, onde se formou um mercado de escravos por ser esta uma cidade central.

Há quem diga que essa atividade das canoas é um pouco anterior ao quartel de São Miguel, pois já havia um aldeamento em Lorena dos Tocoios, um pouco acima de Coronel Murta, e o colonizador dessa região já havia inaugurado a navegação no rio Jequitinhonha, de Coronel Murta até Belmonte.

⁶⁶ Entrevista realizada na cidade de Jequitinhonha, Festivale de 1996.

Esse fato pode ser comprovado através das palavras de Paraíso: “*Outro aldeamento próximo ao de São Miguel, era o de Farrancho (Guaranilândia). Para ali haviam sido deslocados índios Maxacali, trazidos de Lorena dos Tocoíós por Julião, e que não mais queriam permanecer em São Miguel. Os índios desse aldeamento, além de serem combatentes dos Botocudos, trabalhavam como canoeiros, transportando sal entre Calhau (Araçuaí) e Salto e produziam cerâmica utilitária que abastecia os moradores do Jequitinhonha (WIED-NEUWIED, 1989, P.251; OTTONI, 1858; POHL, 1976, P.353-4; PORTO, 1945, P.167).*”

(1988:309)

Na região do Médio São Francisco, não é comum o uso do termo canoa, usa-se mais o termo barca. O uso do termo canoa era mais comum no Baixo São Francisco. Aliás, a canoa a que se referem no Baixo São Francisco, não é a canoa indígena, nem se assemelha à utilizada no Jequitinhonha, que era feita de um único tronco, geralmente de ipê, possuía de 15 a 20 metros de comprimento e dava na cintura de uma pessoa.

Segundo Neves, as canoas indígenas eram inclusive utilizadas pelos portugueses para a perseguição, escravização e extermínio de índios cariris. Essas “*canoas apropriadas dos índios serviram como instrumento para o colonizador consolidar a unidade cultural da região, à medida que se estabelecia um intercâmbio entre missões, povoados, etc.*” (1998:34) A partir do século XVII, com a introdução dos *ajoujos*⁶⁷, as embarcações de carga mais antigas da região, a história da navegação no São Francisco toma novo rumo e começa a consolidar-se.

Vale ressaltar que apesar da dominação sociopolítica européia, que impôs certos padrões culturais à colônia (sociedade hierarquizada, a língua, etc), a arte de navegar, a habilidade e o conhecimento das condições de navegabilidade do rio foram herdadas dos índios “*pelo mestiço são-franciscano que se alugava nas barcas de figura e, posteriormente, nos vapores e barcas motorizadas.*” Conforme nos diz Neves: “*as barcas são de origem européia, mas as canoas são indígenas. Nelas gestou-se remotamente um saber e um saber-fazer transmitidos ao homem barranqueiro miscigenado: o conhecimento de acidentes fluviais, do canal navegável, etc.*”(p.36-37)

⁶⁷ O *ajoujo* é uma típica embarcação do São Francisco, constituída por duas ou três canoas ligadas entre si por paus roliços e amarradas a estes por meio de tiras de couro cru. O estrado de tábuas que ficava por cima das canoas ajoujadas, servia ao transporte de cargas e animais.

A colonização no São Francisco foi bastante estimulada pelo Estado Colonial, com objetivos econômicos bem precisos, ligados e articulados mais diretamente às cidades da Bahia e de Pernambuco. Essa inter-relação sócio-econômica e política – devido à presença do Estado – das três regiões, é um indício de que, a região do São Francisco não estava de fato tão isolada quanto acreditam alguns autores contemporâneos. Além disso, o uso das canoas e do transporte fluvial exerceu um papel fundamental nesse processo de inter-regionalização.

A idéia de um isolamento cultural e regional do Médio São Francisco, é contestada por Neves ao longo de todo o seu livro, atribuindo a integração-regional do Médio São Francisco, fundamentalmente, às relações econômicas, ao comércio, que se estabelecia, desde o século XVIII, entre as cidades da região e entre o Médio São Francisco e as regiões adjacentes. (*ibidem*:102-103)

Além disso, existiam componentes culturais comuns ao homem do Médio São Francisco e aos nordestinos de uma forma geral. Fato que, possivelmente, explique as migrações de “flagelados nordestinos tangidos pela seca” para essa região mineira do São Francisco.

As *barcas*, à medida que serviam como meio de transporte de passageiros e muitos deles, migrantes, também contribuíram para a integração cultural da região. E, conseqüentemente, os remeiros podem ser vistos como agentes da difusão cultural entre as populações ribeirinhas, “divulgando notícias de toda região em cada porto.” (Neves, 1998:103)

Neves cita a cidade de Pirapora (MG) como um bom exemplo das migrações internas ocorridas na região, já que uma parte significativa da população dessa cidade é constituída por migrantes baianos e seus descendentes. Esse fato é confirmado por ele através de alguns romances que foram escritos sobre o tema.

No caso do Vale do Jequitinhonha, mais precisamente na região do Baixo Jequitinhonha, onde as cidades estão mais próximas ao estado da Bahia, também é possível encontrar relatos semelhantes, como os que são narrados no livro: “Vultos sem História”, de J. Duarte, onde ele conta causos e narra histórias passadas, vividas ou ouvidas ao longo de suas viagens às margens do Rio Jequitinhonha.

Histórias de migrantes que, como ele, desceram da Bahia – também de outros estados do Nordeste, como o próprio J. Duarte, que veio de Sergipe – para o Vale do Jequitinhonha, num

tempo de conflitos, crimes, embates de jagunços, fazendeiros, valentia, “sabença”, “tempo de muitas balas e poucas letras.”⁶⁸ (Duarte, 1972:212)

O relato do antigo canoero e tropeiro Osvaldo, já citado anteriormente, também confirma um constante deslocamento regional e inter-regional – Bahia e Minas – corrente nessa região. Deslocamento, esse, justificado pela natureza de seu trabalho:

“Eu vim da Bahia, eu sou filho de Juciape. Toda família é da Bahia. Então, vim prá Qui, iniciando com movimento de tropa. (...) Então, a gente transportava mercadoria, tanto levava prá vender, como no caso, a gente trazia prá Qui a paina.

(...) Então, daqui, depois que a gente (andou) um monte aqui no estado de Minas, a gente descobriu um movimento de fazer carne de sol. Então, essa carne de sol, a gente transportava prá Itabuna, Ilhéus, prá região de Pedra Branca que hoje chama Itamarati, Belmonte, Canasvieiras. Então, o movimento que a gente levava, lá a gente tornava a fazer outro carregó (...). Carregó era completar as dez carga de dez animais.

(...)Nessa época, a primeira cidade da minha vinda da Bahia foi Rubim, depois de Rubim eu mudei prá Jacinto, com o mesmo movimento. Aí de Jacinto, eu já mudei prá Qui (Santo Antônio do Jacinto) e aí, o movimento já foi diferente, aqui já foi de feijão. Aqui era grande produtor de feijão.”

A referência jocosa que costumam fazer do mineiro do Médio São Francisco como “baiano cansado”, pode estender-se também aos mineiros do Baixo Jequitinhonha, já que no final do século XIX, muitos baianos (nordestinos de uma forma geral) e até mesmo mineiros do Alto Norte (Espinoso, Taiobeiras, Salinas), começaram a ocupar as matas do Baixo Jequitinhonha.

Faziam sua primeira parada em Comercinho do Bruno e lá escolhiam caminhos: das gerais⁶⁹, pela Itira; da mata, por Pedra Azul e Itaobim (antigas, Fortaleza e São Roque). Tomando o caminho da Itira, poderiam abrir posses nos capões do Alto Jequitinhonha. Seguindo por Fortaleza e São Roque, espalhavam-se para Vigia e São Miguel – Almenara e Jequitinhonha – e, atravessando o rio Jequitinhonha poderiam chegar à outras regiões como o Pampã.⁷⁰

⁶⁸ Como diz essa passagem do causo “*O Desertor de Condeúba*”: “Foi assim que surgiu em Minas, mais uma leva de criminosos baianos./ Dessas feras humanas, conheci três destacados elementos: Otaviano, Anjo Mau (...), Bentevi. (...)/ Só os três ficaram entre Vigia e Jacinto; de preferência no segundo desses arraiais, mais acolhedor de gente daquela laia. O crime, naquele povoado barulhento, podia ser considerado rotina, desde seu batismo com o sangue de Teodoro Peão e Capitão Cândido.” (Duarte, 1972:208-214)

⁶⁹ Este termo refere-se à terras de “ocupação livre” e corresponde juridicamente à terras devolutas.

⁷⁰ Ribeiro, Eduardo. “*Lembranças da Terra*.” Contagem: Cedefes, 1996, pp.17-20

As correntes migratórias, tanto regionais quanto inter-regionais, especialmente para a região Sudeste – SP – contribuíram para a formação do perfil cultural da região tanto do Médio São Francisco quanto do Vale do Jequitinhonha.

Nesta pesquisa sobre os canoeiros do Jequitinhonha enfrentei um problema semelhante ao de Neves, já que os interlocutores também não exercem mais o trabalho de outrora. No Médio São Francisco, esta categoria desapareceu nos anos 50, juntamente com as “*barcas de figura*”. Na mesma década, o movimento de canoas começou a diminuir no Vale do Jequitinhonha e muitos canoeiros deixaram o antigo ofício para começarem a trabalhar na construção de estradas de rodagem.

Mesmo assim, os canoeiros que viajavam ao longo do Rio Jequitinhonha não desapareceram totalmente do cenário da região, no entanto, passaram a exercer uma outra função social. Limitaram o seu espaço de atuação e hoje transportam, mais pessoas do que cargas, de uma margem à outra do rio.

Estou considerando os canoeiros como categoria social, no entanto, na região do Médio São Francisco, eles não poderiam ser considerados dessa forma, dado que não exerciam prioritariamente essa função, e sim como uma atividade complementar ao trabalho na roça.

“O trabalhador podia ser identificado pelo moço de barca como canoeiro, mas, na verdade, sua sobrevivência era garantida pela pesca e/ou pelo trabalho na roça: na agricultura de vazante especialmente. Não se pode considerar os canoeiros, neste caso, como categoria social. Já os roceiros (os camponeses ribeirinhos) – estes sim! – constituíam uma categoria social.

O roceiro podia utilizar-se da canoa como instrumento de trabalho para fazer a travessia de pessoas e cargas no São Francisco e em seus afluentes. Era eventualmente identificado como passador ou canoeiro. Auferia algum ganho com esse trabalho, mas a sua principal atividade era o trabalho na roça. Acontecia algo semelhante com o pescador, que, para obter algum ganho adicional, desempenhava a tarefa de passador.”

(Neves,1998:117)

Já no Vale do Jequitinhonha, é possível considerá-los como categoria social, visto que, a maioria, vivia, exclusivamente, do trabalho como canoeiros. Viajavam, geralmente, durante oito

dias no rio, transportando passageiros, intercambiando mercadorias e assim, iam estabelecendo uma integração sócio-econômica e cultural na região e nas regiões adjacentes.

Tanto os canoeiros do Jequitinhonha como os remeiros do Médio São Francisco estabeleciam relações sociais com outras categorias, como: camponeses ribeirinhos, comerciantes, tropeiros, vaqueiros, carreiros, ferroviários, etc. Barreto descreve esse fato ocorrido em Araçuaí num trecho de seu romance:

“_ Belos tempos aqueles das minhas viagens com tropa do Calhau por esses sertões afora – ajuntou Venâncio – onde não se falava senão nas chitas, nos colares, na ‘iáia de ouro’, nos grandes lenços estampados, nas rendas de bilros, da Bahia, no pano da Costa e em mil e outras cousas que nos traziam os canoeiros. Ao Calhau vinha tudo isso e dali carregava eu tudo isso por estes mundos...” (1946:13-14)

No caso dos remeiros do São Francisco, havia um envolvimento muito maior com os camponeses que, em meados dos anos 40, atingiam uma população de 85% do total.

Neves chama a atenção para a reprodução das relações de dependência entre coronéis e agregados, no interior das barcas. Pois, da mesma forma que a condição de agregado ou camarada no meio rural envolvia uma relação de dependência, “quando o trabalhador se alugava nas barcas, ocorria a reprodução dessas relações, substituindo-se o senhor da terra (o coronel, por exemplo) pelo senhor da barca (o barqueiro).” (1998:146) Reproduzindo também os “laços” de lealdade, sendo que aos barqueiros cabia a proteção aos trabalhadores das barcas (frente aos policiais, por exemplo) em troca de gratidão, fidelidade e uma jornada de até 14 horas de trabalho.

Ainda conforme Neves, “predominavam no meio rural as ‘relações de dependência pessoal, que caracterizavam o processo social no Médio São Francisco a exemplo de outras regiões brasileiras. As relações de dependência pessoal configuram uma matriz envolvendo a todos: categorias e grupos sociais. Mostram-se regulares, repetitivas e as mais significativas no conjunto das relações sociais. Constituídas originalmente no meio rural ao longo de toda a história do Médio São Francisco, reproduziam-se no âmbito de outros setores, inclusive urbanos. Mas, basicamente, envolviam proprietários rurais (fazendeiros e/ou “coronéis”), de um lado, e camponeses, de outro: agregados, camaradas, vaqueiros, arrendatários etc.” (ibidem:135)

Os camponeses submetiam-se aos coronéis – elite dominante da época – pelo o que Neves vai chamar, baseado em Décio Saes, de “*obrigação subjetiva de lealdade*”. A relação de dependência pessoal era consolidada pela concessão de uma porção de terra ao camponês, no interior de seus domínios. Em contrapartida, no plano político, predominava a “*fidelidade ao chefe local, ou seja, ao coronel.*”

As “*relações de dominação e de dependência pessoal*” constituíam, assim, o “*substrato das relações sociais no campo.*” (*ibidem*:135) Muitas vezes essas relações de dependência eram reforçadas por relações de parentesco ritual, como o compadrio.

Mas essa relação de dependência apresenta um fator intrínseco de grande importância, na verdade, um componente estrutural dessa matriz: “*a dominação pressupõe o conflito, a resistência. O sistema é, na verdade, uma unidade de contrários.*” (*ibidem*:136)

Aliás, “*a proteção dos barqueiros aos remeiros era um dos componentes fundamentais do sistema, especialmente porque a perseguição policial e a ideologia discriminatória da sociedade envolvente (muitas vezes os remeiros eram tratados por bandidos, escória, piau, porco d’água), com referência àquela categoria de trabalhadores, impunham-lhes uma situação social de tensão e conflitos.*” (Neves, 1998:149)

Vale ressaltar que muitas vezes os remeiros assumiam o papel de jagunços dos barqueiros dados os frequentes conflitos entre coronéis, chefes de jagunços, etc, na região conflagrada do Médio São Francisco⁷¹.

Contudo, é importante enfatizar a resistência presente nas relações de trabalho remeiro-barqueiro, contra a opressão e a superexploração da força de trabalho. Resistência que se fazia presente no discurso – através de versos, sátiras e canções – e nas atitudes dos trabalhadores.

No caso dos canoeiros do rio Jequitinhonha, na relação canoeiro-dono de canoa (que não era coronel, nem grande fazendeiro) não costuma transparecer de forma tão acentuada o conflito e a resistência presente na relação remeiro-barqueiro. Mesmo assim, alguns relatos costumam ressaltar a “malandragem” do canoeiro como um motivo de “desentendimento” com o dono da

⁷¹ No caso Jequitinhonha, J. Duarte conta a história de Aprijão, jagunço de um rico fazendeiro das margens do Jequitinhonha que fora condenado à morte por haver atentado contra a vida de um canoeiro. O interessante são as palavras finais de Duarte, que refletem, justamente, essa “dependência” e “lealdade” ao poder da época: “Hoje, depois de tantos anos, quando revejo na tela sempre luminosa da minha memória os quadros de minha mocidade distante, a vida trabalhosa, os sofrimentos que me fazem agora saudades, diviso às vezes a figura rude de Aprijão, ligando-a às minhas viagens aventurosas. Talvez sua lealdade naquela noite e a hospitalidade franca que me dispensou, já tão próximo da morte, façam com que eu veja nele apenas um mártir...” (1972:173)

canoa, enquanto outros procuram ressaltar a relação de proximidade e familiaridade com este, como é o caso de Mané Preto, canoeiro da cidade de Araçuaí:

“Os dono de canoa não era coronel, eles era proprietário, era dono. Tratava a gente muito bem. Tudo hoje a gente tem saudade, a gente alembra, alembra dos colega, porque era muito bom. Porque quando as pessoas trata a gente bem, a gente tem uma coisa com eles. Inclusive esse moço, o Pidrinho, o pai dele chamava Totonho, era ‘pixilero’ (fazedor de caneco, lampião, essas coisa), então, tinha aquele farturão. Ai, eu trabalhava pro pai dele e pro Pidrinho, mas tudo dentro de casa, aquela filharada... Mas não tinha aquele negócio, a gente entrava prá cozinha, entrava prá tudo canto, comia ali, bebia. Eles sabia que a gente gostava de uma pinga, então eles pegava, tinha lá dentro, na hora do almoço (...) pra gente bebê; ali mesmo a gente almoçava, tocava beira-mar e assim por diante. (...) E era toda satisfação assim, os dono era bom, maravilhoso, maravilhoso...”

Seu João Batista, sapateiro em Araçuaí e filho de um antigo dono de canoa, relata o outro lado da situação, a visão do dono de canoa sobre o canoeiro:



Foto 32

“Canoeiro aprontava muito, era difícil, era bravo, andava em bloco muito unido. E não era muito correto, não. Eles só viajava devendo, recebia antes, não viajava livre, não. ‘- Tem que viajar hoje, a canoa tá arrumada.’ No dia que tinha que viajar, eles vinha prá rua beber, mandava um ir buscar o outro e acabava ficando também. Enrolava tanto que ia viajar no dia seguinte. Os patrão sofreu muito com eles. Ele não ia, falava: ‘não vou’, e não ia mesmo. No dia que cismava que não ia na viagem, não ia mesmo. Já vi até proprietário chamar a polícia pra levar canoeiro porque eles enchia de cachaça e não queria viajar.”

Com relação aos coronéis, Mané Preto não fala em conflito nem lealdade, fala em *respeito*. E o interessante é que quando fala da autoridade do coronel, o faz à meia voz, como em segredo, para logo em seguida erguer o tom afirmando ser “tudo gente boa”. Fica implícito, na sua fala, o poder

coercitivo da época, a dominação intrínseca e iminente e dos coronéis. Mesmo sendo “tudo gente boa”, estava claro que quem mandava eram eles.⁷²

Ele narra uma situação que frequentemente ocorria quando tinham que passar pela Fazenda do Mateus, na cidade de Araçuaí, devido ao “respeito” que dedicavam ao coronel e sua família.⁷³

“Aqui nesse porto, na barra do Calhauzinho, tinha uma balsa que era do DER e tinha um fazendeiro muito forte aqui. Ainda tem dessa família, eles é que mandava em Araçuaí. (...) Então, tinha uma balsa aí na Barra do Calhauzinho e tinha outra aqui na fazenda do Mateus. Então, tinha esse povo aqui, ainda tem, foi morrendo os velho, mas ficou os filho e ficou do mesmo jeito”⁷⁴. São tudo gente boa, mas o que falavam, falavam. Era respeitado.

(...) Justamente como a gente tava conversando, às vezes tinha as pessoas que tinha aquelas roupa, aí eu alcancei uma parte, mas não alcancei a outra porque tinha um negócio de camisola (camisão). Então, no movimento que tinha, no trabalho, aquilo a gente abaixava e, quer dizer, não ficava composto, né. Aí, eu não alcancei mais. (Foi no começo). (...) Então, naquele porto ali era respeitado. Podia vim do jeito que viesse prá lá, mas naquele porto, diz que naquele tempo, ainda arcancei, naquele tempo tinha que vestir uma calça pra passar no porto, que às vezes passava, eles não mexia com a gente, passava, eles via. Mas aqui, quando chegava no Calhauzinho, eles mandava prender. (...) Porque, às vezes a gente vinha como aqui (...), já era calção, né. Nós passava peladinho com o maior respeito, com medo deles e chegava aqui, eles encanava a gente, encanava mesmo. Então, o respeito é isso aí que eu falo, era nesse porto aí, nos outro não, a gente passava, respeitava, mas não tinha esse negócio de ficar perseguindo a gente. Que os canoieiros também era muito malandro.”

⁷²Carvalho Franco faz uma análise interessante com respeito à relação entre *senhor* (fazendeiro/dono da terra) e *dependente* (escravo ou sitiante) que também pode ser associada à fala do canoeiro Mané Preto que, aparentemente, não associa o “respeito” a uma relação de dominação. Segundo a autora: “Essa dominação implantada através da lealdade, do respeito e da veneração estiola no dependente até mesmo a consciência de suas condições mais imediatas de existência social, visto que suas relações com o senhor apresentam-se como um consenso e uma complementaridade, onde a proteção natural do mais forte tem como retribuição honrosa o serviço, e resulta na aceitação voluntária de uma autoridade que, consensualmente, é exercida para o bem. Em suma, as relações entre senhor e dependente aparecem como inclinação de vontades no mesmo sentido, como harmonia, e não como imposição da vontade do mais forte sobre a do mais fraco, como luta. Em consequência, as tensões inerentes a essas relações estão profundamente ocultas, havendo escassas possibilidades de emergirem à consciência dos dominados.” (Franco, 1974:88)

⁷³ Como os canoieiros Dema e Mané Preto demonstraram uma certa preocupação ao citar os nomes e as situações que envolviam os coronéis da época, optei por não colocar os nomes dessas pessoas.

⁷⁴ Na música de Gonzaga Medeiros, “O Jequi Tem Onha”, existe um verso que faz referência ao “tempo dos coronéis”: “Conta, conta, cantor/Conta a história que eu pedi/Dizem que o jequi tem onha/Conta as onha do jequi// Este Vale fedeu biba/ No tempo dos coronéis/ Era uma vez “Vai Torano”/ “Fortaleza” e “Quartéis”/ Os dedos caíram todos/Mas inda vivem os anéis.”

Na conversa com Dema, Mané Preto retoma essa história, e pede ao amigo canoeiro que relembre e conte novamente, agora junto com ele, como era o “sistema do Mateus”. Mesmo porque, como ele não viveu esse tempo, conhece apenas por ouvir falar, é preciso que outros testemunhem a favor de sua história.

“Então, tem o cancelão do Mateus, chamava cancelão do Mateus, então eles corria prá lá, às vezes a polícia chegava, corria atrás deles, às vezes não alcançava, chegava lá, assunta pro cê vê o que é o respeito. Às vezes chegava lá, isso eu tô falando, eu num alembro desse tempo, mas foi acontecido. (Deixava?) a polícia corrê atrás deles, jogava o chapéu do lado de lá da cancela, caísse lá dentro e ficava do lado de fora, a polícia chegava e não prendia eles. Tá vendo o que é o respeito. Só aquele chapéu caía do lado de dentro da cancela, ele não mexia. Eles era, era não, inté hoje é respeitado. (...) E isso é muitos anos. Tá aí, tá veinho, mas é respeitado. (baixinho) E é um povo tudo bom (falou com voz mais forte e mais alta), precisô deles é na hora, mas era não, é respeitado. Canoeiro não sambava no porto lá, não (disse rindo).”

“M- E ela quer saber, eu contei ela aí, o sistema do Mateus como é que era, se alembra, né?! Vamo contá prá ela, no Mateus, no tempo de (fulano), aqueles jagunço que tinha.

D- Cê fala assim, é que na época era negócio dos coronéis, não é. Realmente era, sei lá, mas as pessoas viva muito assim, não tinha liberdade, certo, principalmente as pessoas que fosse empregado deles, né Mané, (M- não tinha liberdade nenhuma, fazia o que eles queria) tinha que ser aquilo que eles queria e depois, né. Mas, então, a gente fala assim, como se fosse na época da escravidão, né Mané, até hoje.

M- Inclusive, cê conheceu quando tinha aqueles jagunço, lá, aqueles que ainda tinha mourão, tinha não, ainda tem mourão, aquelas argolona que amarrava os escravo, ainda tem no Mateus, ainda tem.

D- Eles vinha, alguns dos empregados deles aí, às vezes vinha aqui prá rua, aprontava alguma coisa aí, às vezes a polícia corria atrás deles e eles corria, quando chegava distante assim [risos], não precisava nem gritá “oh, me acode aqui, Zé”, eles só tirava o chapéu, mas pra jogá pro lado de dentro da cancela, aí os cara voltava prá trás.

M- Não te falei?!.

D- Mas, Mané manda ela desligá esse negócio, senão vão mandá prendê nós.

M- Agora acabou. Agora, eles não faz mais isso aí, não.

D- A gente fala assim na brincadeira.

M- É justamente conforme o respeito que eu te falei.

D- Mandô aqui 19 ano, né Manel.

M- A cidade ficô mandada 19 ano, saía um, entrava outro da mesma família. Saía um, foi meu sobrinho, foi meu neto, foi meu bisneto e ficou a cidade assim. Agora, que foi que mudô.”

Seu Gizério, que viveu no tempo do camisão, também faz referência às regras da Fazenda do Mateus: *“Em Araçuaí, tinha um home que, no porto dele, não passava de calção, tinha que vestir a calça por baixo prá passá ali.”*

Nesse tempo, os canoieiros não costumavam usar calça nem calção, apenas um camisão sobre o corpo para, segundo seu Gisério, “não assar as pernas”, mas, chegando nessa Fazenda, tinham que se recompor, senão não passavam.

Apesar de se sentirem “perseguidos” algumas vezes pelos coronéis, eram muitas vezes também “protegidos” por eles, principalmente quando “arrumavam confusão” em outras cidades e acabavam por recorrer ao poder da época, como aconteceu num caso relatado por Mané Preto e Dema, no qual um soldado fora assassinado por canoieiros na cidade de Jequitinhonha.

Essa história foi contada pelos dois canoieiros separadamente e apresenta duas versões finais: uma, contada por Mané Preto, na qual existe a intervenção dos coronéis e outra, contada por Dema, em que isso não ocorre.

1ª versão:

“(...) Inclusive, os canoieiro daqui arrumô uma encrenca com um soldado em Jequitinhonha pro mó de jogo, né. (falou mais baixo). (...) o soldado lá, no fim o soldado foi embora e vortô armado, aí juntaram e prenderam ele assim: rodeou ele e matou ele. (...) Os canoieiro que matou. Os canoieiro matou o soldado em Jequitinhonha. O soldado chamava de Cota, tinha o apelido de Cota. Matou ele assim na beira do rio, no fundo de uma casa, o dono dessa casa chamava Mário Mourão, matou assim no fundo da casa dele.

Mas deu uma encrenca... Foi gente prá cadeia, prenderam os canoieiro tudo, só deixou dois dono de canoa, olhando as canoa, que os (outro) tava preso. Aí, de lá, eles soube, aí foi um dentista que tinha aqui, chamava Danilo, que foi lá soltá esses canoieiro, que Danilo é filho do dr. Geraldo, esse que eu tô dizendo. Tá vendo, saiu daqui, ele era dentista, finado Danilo foi lá e soltou, foi só chegar, mandou abrir as portas e canoieiro esparramou, que era muitos. Saía aí, 30, 50 canoieiro, um atrás do outro, fazendo bagunça, bebendo cachaça... (contou rindo...)”

2ª versão:

“M- Eu tava contando a ela a aposta do soldado com os canoieiros, né.

D- É, aconteceu esse caso, de vera.

M- Conta prá ela, Dema, que eu não recordo direitinho, né.

D- Os canoieiro que matou esse soldado chamava Genésio, Antônio Pau (?) e Zé Mutum.

M- Não foi o que eu falei?! Era colega nosso. (disse isso meio me chamando de lado prá confirmar as suas palavras).

D- E essa briga foi por causa de um colega da gente, que esse soldado tinha batido na cidade de Jequitinhonha e esse canoeiro tava indo prá Almenara e encontrou com esses canoeiros, que fez essa morte no lugar por nome Oratória (?) (...) Então, o menino contô o caso que tinha acontecido com ele e o soldado. Aí, ele desceu prá Almenara e eles vieram prá Jequitinhonha. E esses 3 canoeiros que fizeram esse caso com o soldado, eles gostava de baralho, de jogá e o soldado também jogava. (...) de lá começou um lance lá por causa do negócio do baralho lá e já deram ciência do que o soldado tinha feito com o colega deles. Aí, começou a confusão e assim mesmo não mataram ele assim, de uma vez, não. Eles deram umas pauladas nele e proveniente dessas pauladas, ele veio a falecer. Então, no outro dia de manhã, os canoeiros que tinha batido nesse soldado, não queria fugir, queria ficar lá, resistir, né.

Então, os donos das canoa, Clementino, seu Antônio, um bucado deles, pediram se podiam sair, né. A polícia veio, os soldados chegou com os fuzil, né, e falou que aproximasse e pediu os donos da canoa prá poder encaminhar os canoeiros lá, prá ir lá em direção a eles, inclusive mandô fazê fila. E eles não desceram lá na beira do rio, não. Ficaram lá no barranco, uma distância como daqui no hospital. Ele deu sinal prá eles podê vim. Lá tinha poucas canoas nesse dia, no Jequitinhonha, mas sabe quantos foi lá prá cadeia? Na base de uns 30. Prendeu todo mundo, depois chegou (? Mais dona Geni?): “Os canoeiros que estava na barraca não tem nada a ver prender, se estivesse aí, os que fizeram a confusão. Mas os que estavam lá nas suas canoa, lá na beira do rio, eles não viram como que aconteceu, eles souberam do que tinha acontecido com o colega deles, mas o principal da confusão, eles não sabem.” Então, dona Geni mais seu (Manel do Norte?) lá em Jequitinhonha, foi lá e soltaram eles.”

Mesmo sendo regiões muito semelhantes, os conflitos vividos na relação de trabalho entre remeiros-barqueiros no Médio São Francisco diferenciam-se daqueles vividos por canoeiros-donos de canoa no Médio Jequitinhonha, principalmente, por este não reproduzir nas canoas, ou reproduzir em menor escala, a relação de interdependência vivida no campo, como ocorre na região do São Francisco.

Na região do Médio São Francisco, é possível associar barqueiro e coronel assim como remeiro-camponês pois são relações de dominação e de interdependência equivalentes e que se sobrepõem sendo, por isso, também transportadas para dentro do rio.

No caso do Médio Jequitinhonha, essa associação entre coronel e dono de canoa é questionável, pois o papel e a influência, tanto econômica quanto política, que assumem nas relações de trabalho e na região como um todo não é a mesma. Sendo assim, não há uma

transposição desta relação para dentro do rio, o que não significa que conflitos e desentendimentos entre canoeiros e donos de canoa não fossem possíveis e até frequentes.

O poder de mando do coronel estendia-se a toda a área de sua influência, ele era o “dono do lugar”, mas este mando, a proteção, a lealdade e o respeito que recaiam e exigiam sobre os canoeiros, não eram tão impositivas e evidentes quanto as que recaiam sobre seus empregados, fato confirmado nas palavras do canoeiro Dema:

“... na época era negócio dos coronéis. (...) mas as pessoas vivia muito assim, não tinha liberdade, principalmente as pessoas que fosse empregado deles, (...) tinha que ser aquilo que eles queria. (...) como se fosse na época da escravidão, (...) até hoje.”

Percebe-se com isso, que a presença do coronelismo nessas regiões, Médio São Francisco e Médio Jequitinhonha, estabelece relações ambíguas que vão do respeito à submissão, da proteção à perseguição, da lealdade ao conflito. Presença, essa, que mesmo tendo “perdido” a sua força, não perdeu sua influência e ainda continua ditando os rumos em muitas cidades do sertão de Minas Gerais.

Através da comparação com o Vale do São Francisco, procurei situar o Vale do Jequitinhonha em relação a outras regiões, mostrando como em um contexto particular são recriadas, com especificidades próprias, situações encontradas em outros contextos regionais.

V – Foz: À Guisa de Conclusão

Conforme enunciado logo na introdução, a proposta deste trabalho era contar o Vale do Jequitinhonha através do olhar do canoeiro e de suas memórias, procurando entender qual o processo de rememoração e de reconstrução do passado por ele vivenciado. Um passado vivido em um cenário: o sertão mineiro e na realização de um ofício que lhe exigia não apenas força, mas *opinião*, expressa na honra, na coragem, na perseverança de seguir sendo.

Parti, então, do cenário onde suas rememorações se apoiaram, o rio e o sertão, descrevendo o evento da Romaria das Águas e da Terra ocorrido em Itira, comunidade de Araçuaí.

O leitor pode constatar que este evento não destacou, explicitamente, a presença e a importância dos canoeiros para o Vale do Jequitinhonha, mas apresentou vários elementos (bateia, jequi, cristal, remo, arco e flecha, artesanato, milho e mandioca) presentes na história/memória do Vale e que permitem e sugerem novas leituras dessa região. Leituras que se aliam e se complementam muitas vezes, principalmente por esses elementos representarem a vida, as práticas, fatos e personagens marcantes existentes na memória coletiva desse grupo.

Além disso, são símbolos que também representam o contraste sócio-econômico presente na história do Vale, aliás uma história que intercala períodos de apogeu e decadência econômica, de fartura e miséria, de desenvolvimento e estagnação. Alguns destes elementos, como o cristal e a bateia, referem-se a um período de expansão e, aparentemente, de enriquecimento da região do Vale do Jequitinhonha, ao mesmo tempo em que representam a contaminação e o assoreamento do rio, provocado, especialmente, pela extração predatória das grandes mineradoras.

Antes considerada uma das regiões mais ricas do país, o Vale do Jequitinhonha passa a ser visto como uma “área de pobreza absoluta e estagnação secular”, tornando-se, assim, para o poder público, “uma ferida de subdesenvolvimento em Minas Gerais” (Moura, 1988:1).

O trabalho com memória de canoeiros veio, justamente, no sentido de fazer conhecer uma outra face dessa história, não oficial, que revela, através das pessoas e dos cenários/sujeitos que falam, uma outra forma de ler o Vale e de questionar esses pressupostos que lhe atribuem conotações tão negativas.

Registrar memórias não significa apreender o todo de uma vida, mesmo porque isso seria uma tarefa impossível, nem apreender verdades absolutas sobre tal ou qual assunto. A memória é seletiva, nem tudo fica gravado, registrado, e nem tudo é lembrado. Existem muitos silêncios, muitos esquecimentos, muitos vazios.

O que se tem, então, são fragmentos de memória. Fragmentos, estes, que podem se repetir, se unir e se encaixar como peças, entre si e/ou com “peças” trazidas pelas lembranças de outras pessoas. Tal fato ocorreu no encontro dos canoieiros Mané Preto e Dema, onde esse “encaixe” e a repetição da mesma história conferiu à fala de Mané Preto uma veracidade – a confirmação de que sua história “realmente” ocorreu. Uma forma de confirmá-la e chamar a atenção do ouvinte, foi adverti-lo várias vezes com a frase e até com gestos que tivessem o mesmo significado: “*eu não falei?!*”.

Segundo Halbwachs, “*tudo se passa como se confrontássemos vários depoimentos. É porque concordam no essencial, apesar de algumas divergências, que podemos reconstruir um conjunto de lembranças de modo a reconhecê-lo.*”

Certamente, se nossa impressão pode apoiar-se não somente sobre nossa lembrança, mas também sobre a dos outros, nossa confiança na exatidão de nossa evocação será maior, como se uma mesma experiência fosse recomeçada, não somente pela mesma pessoa, mas por várias” (1990:25).

Isso ocorre justamente pelo fato de nossas lembranças serem sempre coletivas, mesmo que somente nós tenhamos participado do acontecimento. Somos um “eco” do pensamento coletivo e, quanto mais numerosas e entrecruzadas forem as influências sociais, mais complexas elas serão e mais difícil será percebê-las e distinguí-las. (Halbwachs, 1990)

Em muitos momentos, o que nos foi narrado ganha tanta veracidade e é tão incorporado à nossa história que já não sabemos se somos nós que recordamos ou são os outros que se recordam em nós, pois o que nos contaram foi apropriado pela nossa memória.

Quando os canoieiros Mané Preto e Gisério se reportam a um tempo não vivido mas lembrado e, por isso, acontecido – “*num alembro desse tempo, mas foi acontecido*”-, é a essa memória apropriada que estão se reportando. Fato semelhante ocorre nesta passagem do livro *Infância*, de Gracialino Ramos:

“A primeira coisa que guardei na memória foi um vaso de louça vidrada, cheio de pitombas, escondido atrás de uma porta. Ignoro onde o vi, quando o vi, e se uma parte do

caso remoto não desaguasse noutra posterior, julgá-lo-ia sonho. Talvez nem me recorde bem do vaso: é possível que a imagem, brilhante e esguia, permaneça por eu a ter comunicado a pessoas que a confirmaram. Assim, não conservo a lembrança de uma alfaia esquisita, mas a reprodução dela, corroborada por indivíduos que lhe fixaram o conteúdo e a forma. De qualquer modo a aparição deve ter sido real. Inculcaram-me nesse tempo a noção de pitombas – e as pitombas me serviram para designar todos os objetos esféricos. Depois me explicaram que a generalização era um erro, e isto me perturbou. (...) Que idade teria eu? Pelas contas de minha mãe, andava em dois ou três anos.” (1995:7)

O evento Romaria das Águas, o relato dos canoeiros, as fontes históricas são maneiras diversas de contar, recontar, construir e reconstruir a história ou as histórias do Vale do Jequitinhonha. São vários textos a serem interpretados e que, ao mesmo tempo, se complementam e se mesclam. São as várias vozes que tecem a trama da narrativa: “... como a teceitura, para produzir um véu, se compõe dos movimentos ao mesmo tempo complementares e opostos dos fios da trama e da urdidura, assim também se mesclam e se cruzam, na produção do texto, a atividade do lembrar e a atividade do esquecer.” (Gagnebin, 1994:06)

Ao traçarem sua trajetória no rio, num movimento de ir e vir – realizado tanto com a canoa quanto durante o processo de rememoração -, de lembrar e esquecer, os canoeiros urdiam, no próprio rio, o tecido de suas reminiscências.

E nesse movimento contínuo, sem começo nem fim, o movimento da canoa e do canoeiro no rio se intercalam e, até mesmo se confundem, com o seu processo de rememoração e de reconstrução do passado. Existe, nesse processo, um reviver, mas existe também um reconstruir que reflete uma releitura e uma ressignificação da própria vida, seja ela de sofrimento, de satisfação, de orgulho, de opinião.

Muitos dos elementos que aparecem nas narrativas se assemelham quanto ao seu conteúdo: a descrição e os nomes dados às pedras, poções e canais do rio, a feitura das canoas, a saída e chegada aos portos de “arribada”, o comércio ao longo do rio, a malandragem, o “sistema” da canoa – quantos canoeiros, a função de cada um, os beira-mar. Diferente é a forma de contar.

Fica na lembrança o que tem significado para cada um deles. Dessa forma, falar sobre os pontos do rio para seu Gisério é diferente da maneira como é narrada por seu Odilo, ou para Mané Preto e Dema ou até para seu Osvaldo que nem chega a enfatizá-los, mesmo porque o movimento de canoa foi complementar ao seu trabalho com a tropa.

O relato de seu Gisério, por exemplo, é mais descritivo e ele conta como quem vê. Em sua viagem, através da lembrança, o ouvinte tem a oportunidade de acompanhá-lo também através de sua imaginação.

Mané Preto percorre o rio narrando o movimento da canoa e dos canoeiros. Ele se incorpora à narrativa chamando a atenção do ouvinte/leitor de que, se tivesse visto o que ele está relatando – “*minha filha, que ocê precisava de vê*” -, poderia conferir que o que ele está contando realmente aconteceu. Além disso, conta quando vê: “*ali naquele porto ficavam as canoas...*” e acaba, dessa forma, descortinando as cenas do presente e encobrindo-as com imagens do passado.

Eles narram fatos semelhantes com a peculiaridade de cada um que os viveu e os interpretou, com o que extraíram de sua experiência – seja ela pessoal ou contada por outras pessoas -, sem pretender, com a narração, “transmitir o “em si” do acontecido, mas tecendo a narrativa até atingir uma forma boa”. (Bosi, 1987:46)

O trabalho com história oral costuma trazer fatos, acontecidos ou não, de forma subjetiva. É preciso estar atento às interpretações e apreensões pessoais que cada um faz de sua história. Para Thompson, “a mesma subjetividade que alguns vêem como fraqueza das fontes orais pode também fazê-la singularmente valiosa. Pois a ‘subjetividade’ é do interesse da história tanto quanto os ‘fatos’ mais visíveis. O que o informante acredita é, na verdade, um fato (isto é, o fato de que ele acredita nisso) tanto quanto o que ‘realmente aconteceu’” (1992:183). E o que torna o fato tão significativo, é o modo como ele atua na memória das pessoas.

Nesse ponto, a proposição de Pollak (1989) de que “a história está se transformando em *histórias*, histórias parciais e plurais, até mesmo sob o aspecto da cronologia”, torna-se relevante no estudo da própria História. Esse deslocamento em direção ao que é singular e ao que é universal, ao que é subjetivo e ao que é objetivo, ao que é individual e ao que é coletivo, são movimentos constantes num trabalho que envolve história oral.

Neste sentido, os canoeiros compartilham a mesma linguagem, o mesmo espaço e o mesmo tempo da canoa e do rio – mesmo não tendo trabalhado na mesma época (“tempo do camisa”, “tempo do calção”) -, eles compartilham a mesma memória coletiva.

Seus relatos privilegiam o tempo do rio quando este era “a” estrada. Mas, ao mesmo tempo, com o rio se entrecruzam outras estradas: o trilho, a terra, o asfalto e seus tempos. O fim do movimento de canoa veio acompanhando o “progresso” da região. Para seu Osvaldo, por

exemplo, “depois que as coisas veio evoluindo, veio o movimento de carro. (...) Aí, o ramo de tropa também foi caindo, veio o transporte, veio o caminhão, facilitou mais, a mercadoria chega mais perfeito”.

Por outro lado, os relatos também privilegiam o espaço ocupado pelo canoeiro, o rio, sendo muitas vezes descrito como um mapa, com seus acidentes geográficos: pedras, poções, canais, dando, assim, ao ouvinte, ou ao leitor, o traçado da sua viagem e do seu recordar. Nessa hora, é o espaço que marca o tempo. Como nas palavras de Pietrafesa de Godoi:

“São os espaços como pontos de marcação do tempo. (...) Vemos a memória se inscrever no solo do lugar e, à medida que seguimos a narração, os movimentos feitos não são apenas o percorrer um espaço, são antes a sua própria criação. Assim, o espaço serve para pensar o tempo. (...) Cada aspecto, cada detalhe dos lugares, possui um sentido inteligível somente para os membros do grupo, porque todas as partes do espaço por ele ocupadas passaram a se constituir em pontos de marcação de um tempo por ele vivido. (...) Para esses camponeses, ler uma paisagem é ler o tempo; a ordem dos lugares-de-memória não está relacionada somente com a sequência da narração, mas nos remete ao já referido sistema de imagens coletivas.

(...) a memória coletiva do Zabelê é constituída por imagens-movimentos e, ao invés de o pensamento ser treinado através de uma memória de coisas ou de palavras, ele o é por uma memória de ações.” (1999: 112-113 – grifos meus)

Com os canoeiros do Jequitinhonha, acontece um movimento semelhante aos camponeses do Zabelê, no sertão do Piauí. O espaço também demarca o tempo, os lugares-de-memória são evocados e estão lá: as pedras no rio, os poções, os canais, as marcas dos remos nas pedras.

Essas marcas são apontadas pelos canoeiros nas suas narrativas e nos levam a imaginar e a visualizar esses espaços. Também fui levada pelos canoeiros a estes “espaços-de-memória”, por ocasião das entrevistas em que faziam questão de me apresentar os locais por eles descritos.

No decorrer de suas narrativas, era comum ouvir comparações entre a habilidade do piloto no rio e a do motorista nas estradas, aliás, feitos realizados com muita *ciência* segundo as palavras do canoeiro Dema.

Da mesma forma que a palavra *opinião*, destacada e enfatizada no discurso de um dos canoeiros, seu Odilo Paulo, a palavra *ciência* adquire um significado especial no contexto estudado.

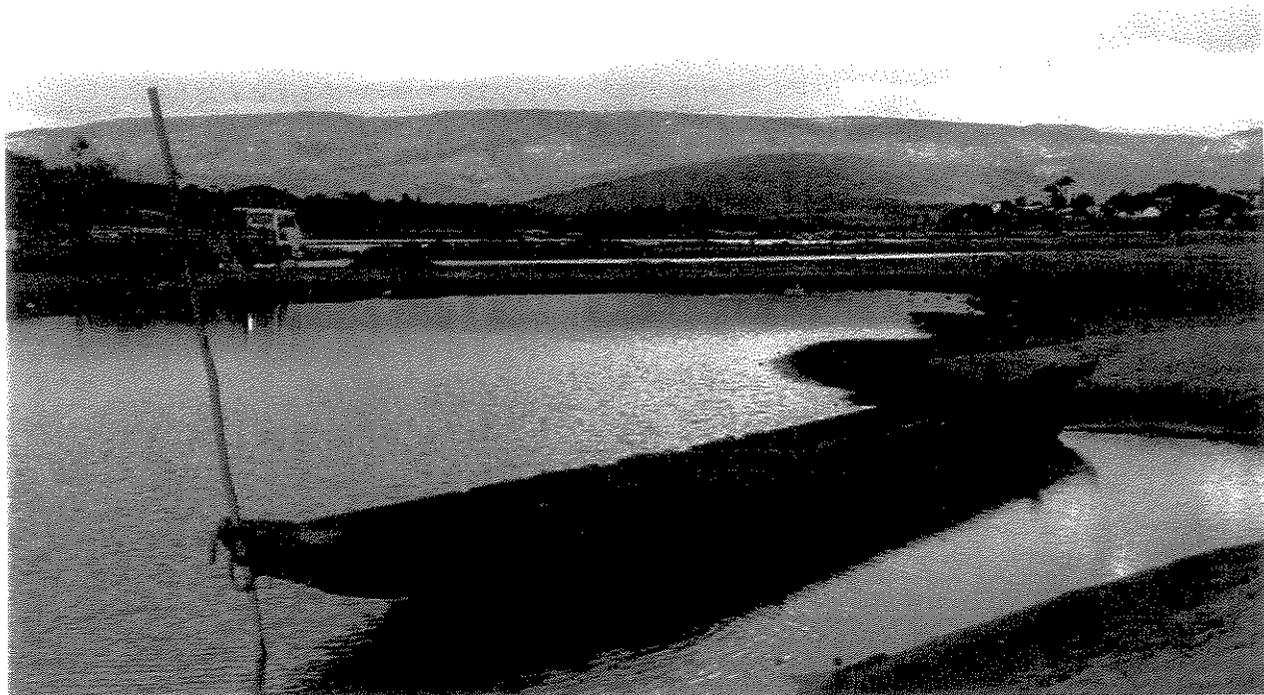
Opinião e *ciência* cruzam-se no momento em que dizem mais do que seus significados imediatos. Os termos empregados traduzem significados diferenciados e especiais neste contexto. São termos, como vimos, de significados múltiplos, profundos.

Embora polissêmicos, eles têm uma aplicabilidade muito precisa neste contexto. Não são termos sobre os quais se pense ou reflita, mas que servem como guia, como instrumentos de vida e de sobrevivência, no rio, nas estradas, no sertão.

No entanto, a *ciência* antes transmitida através dos mestres e professores do rio aos homens que aprendiam a navegar como se aprendessem a ler, já não encontra discípulos que dêem continuidade a este aprendizado. Sendo assim, a *ciência* dos canoeiros vira memória, vira lembrança de quem conta seus feitos e sua sabedoria, talvez não mais para o uso prático que se possa fazer dela, mas para que suas histórias e seu conhecimento permaneçam na memória do grupo.

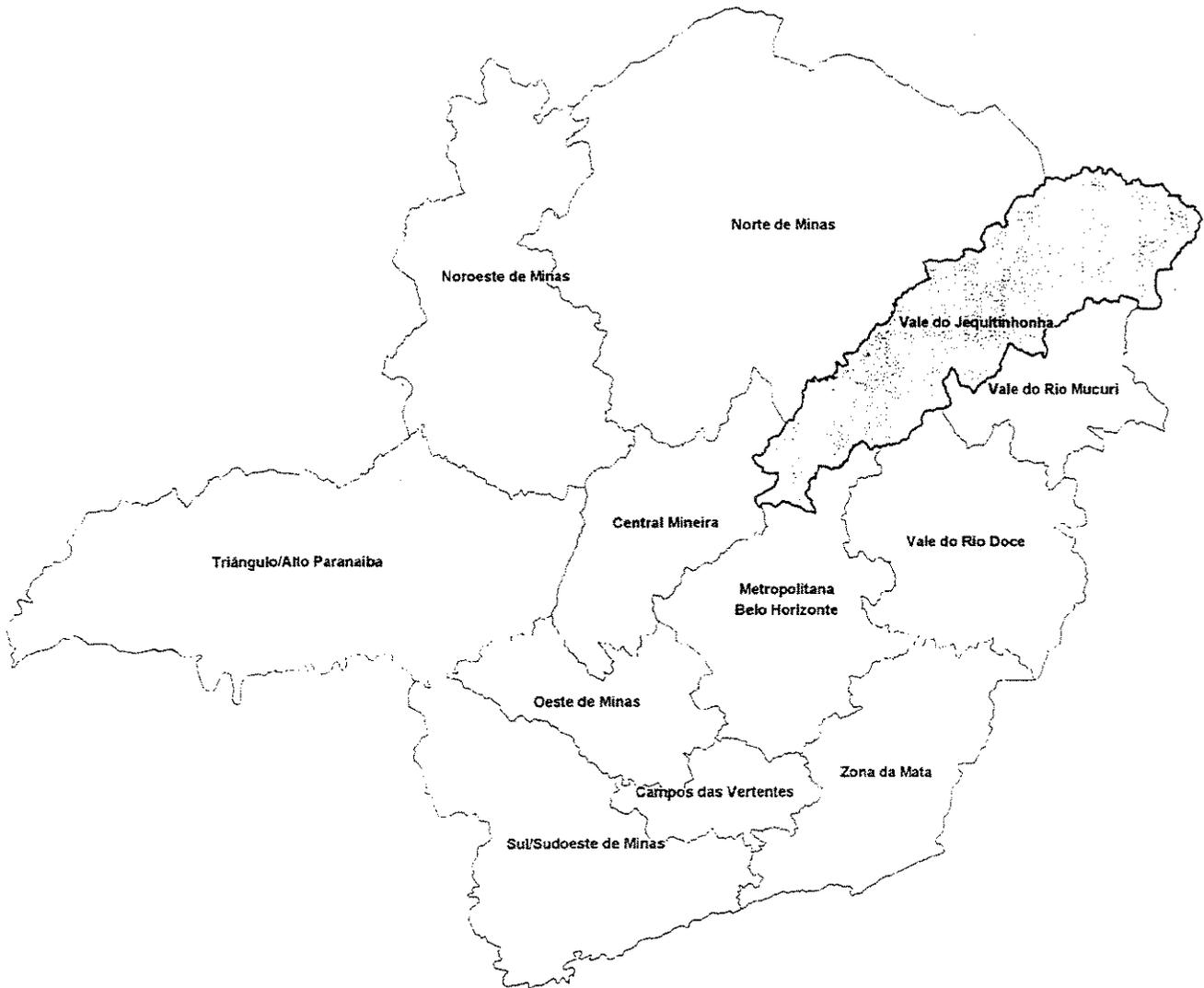
O tempo da estrada, e de suas pontes, ameaça a continuidade do canoeiro, ameaça a continuidade do seu ofício num rio que, agora, deixa descoberta as suas marcas e onde pouco se pode navegar. Mas será que a estrada acaba com o canoeiro?

Ela pode até acabar com esse ofício, mas não com os sujeitos do ofício. Eles continuam a atravessar o rio e a estrada, e a permanecer e resistir através das histórias que contam e das músicas que cantam. Histórias construídas ao longo do rio e do Vale. Com muita *opinião*.



Anexo 2.2

O Vale do Jequitinhonha no Estado de Minas Gerais

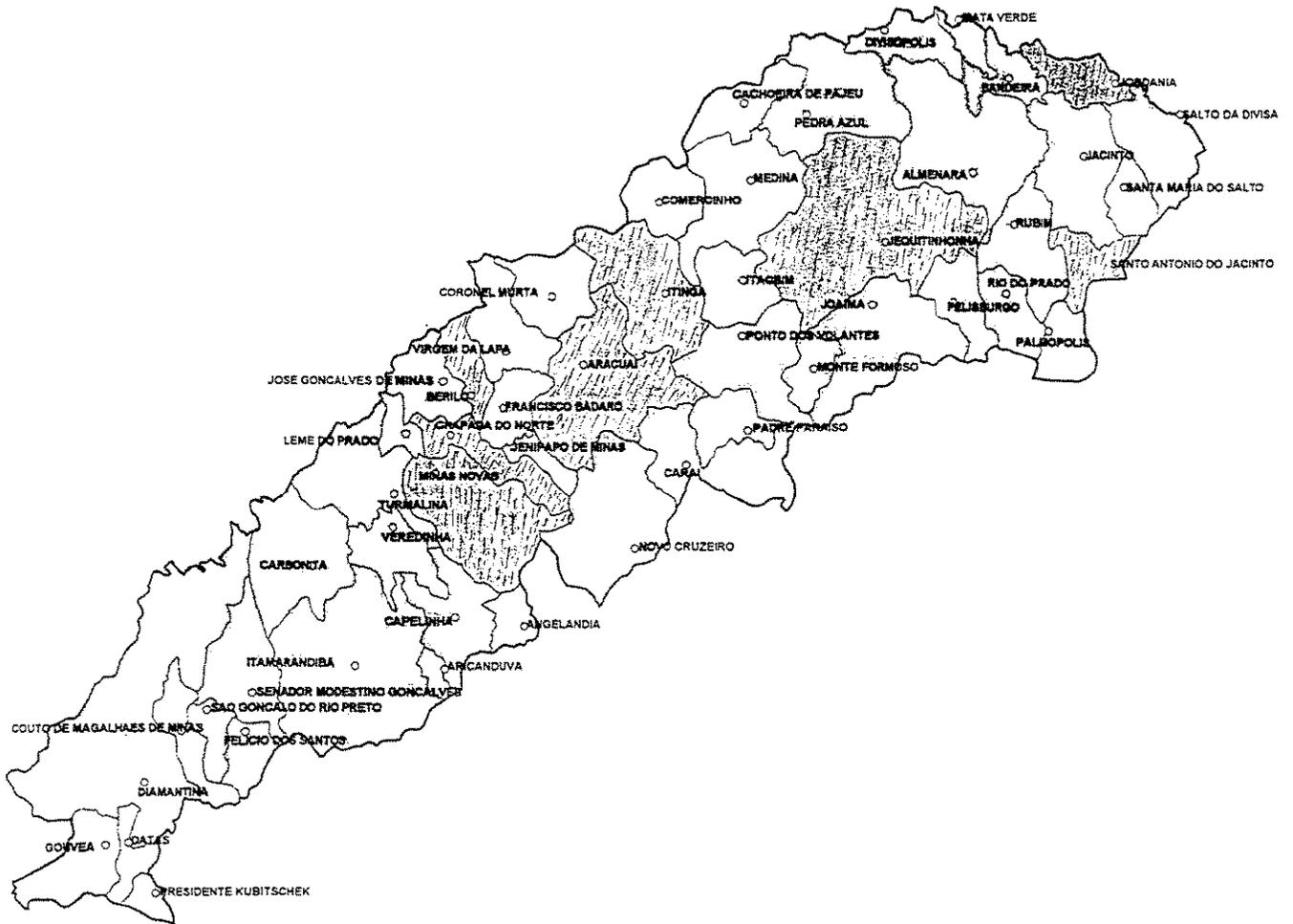


O Vale do Jequitinhonha situa-se no nordeste de Minas Gerais. A região é limitada ao norte com a bacia do Rio Pardo e com o estado da Bahia. Ao Sul, limita-se com as bacias dos rios Doce e Mucuri. A Leste, também limita-se com o estado da Bahia e a Oeste, com a bacia do rio São Francisco.

São 80 municípios espalhados numa área de 85.467,10 km², o que equivale a 14,5% do Estado de Minas Gerais. O Vale divide-se em Alto Jequitinhonha (região de Diamantina, próximo à nascente do rio) Médio (região de Araçuaí) e Baixo Jequitinhonha (região de Almenara, próximo à foz, no Sul da Bahia).

Anexo 2.3

Cidades do Vale do Jequitinhonha



Nota: As cidades hachuradas foram as que percorri durante a pesquisa

Anexo 3

Índice das Fotos

Foto 1: Encontro do rio Jequitinhonha com o Araçuaí: cenário da Romaria.

Foto 2: Casarão Antigo de Itira, que funcionou como bar por ocasião da Romaria das Águas.

Foto 3: Igreja Matriz de Itira sem as suas duas torres.

Foto 4: No meio do rio, um menino separa as águas do Jequitinhonha e do Araçuaí.

Fotos 5, 6, 7, 8: Sequência de fotos dos romeiros atravessando o Jequitinhonha para participarem da Missa na outra margem do rio.

Foto 9: Cena da Missa celebrada durante a Romaria das Águas. Padre e índios diante do altar e de alguns dos elementos que representam o Vale: a bateia e o jequi.

Foto 10: O canoeiro carrega os índios que levam o santo em direção ao altar.

Foto 11: No final da missa, alguns romeiros seguem em procissão em direção à Igreja Matriz.

Foto 12: Final da Romaria, canoeiro em sua canoa enfeitada, transporta romeiros de volta à margem esquerda do rio.

Foto 13: Romeiros atravessam o rio em direção à festa.

Foto 14: Canoas enfeitadas à beira do Jequitinhonha: fim da Romaria.

Foto 15: Canoa à beira do rio Jequitinhonha.

Foto 16: Seu Gizério, canoeiro da cidade de Jequitinhonha.

Foto 17: Rio Jequitinhonha: “riacho de areia”.

Foto 18: Rio Jequitinhonha, cidade de Jequitinhonha, julho de 1996.

Foto 19: Na Barra do Calhauzinho, antigo porto de arribada dos canoeiros em Araçuaí, Mané Preto relembra e conta suas histórias.

Foto 20: Nilton Curió e Mané Preto no porão da casa do canoeiro.

Foto 21: Dema e Mané preto, o encontro dos canoeiros.

Foto 22: Com esta casca de árvore, os canoeiros Mané Preto e Dema ilustraram a canoa utilizada na época em que navegavam no rio.

Foto 23: Antiga Praça do Mercado da cidade de Araçuaí. No “tempo das canoas”, este local costumava ser muito movimentado.

Foto 24: Casario na rua do Porto: cidade de Araçuaí.

Foto 25: Um dos becos de Araçuaí.

Foto 26: Na antiga rua do Porto, moravam os canoeiros e os donos de canoa. Hoje, quase não mora ninguém.

Foto 27: Sábado de manhã em Araçuaí: feira em frente ao Mercado.

Foto 28: Estátua do canoeiros na praça Matriz de Araçuaí.

Foto 29: Foto doada por Mané Preto. Dona Santa, uma moradora da cidade, representa Luciana Teixeira ao lado do canoeiro. A arara vermelha é o símbolo de Araçuaí.

Foto 30: Foto doada pelo canoeiro Mané Preto. No centenário da cidade, em setembro de 1971, canoeiros representam sua chegada em Araçuaí.

Foto 31: Rio Jequitinhonha em Itira.

Foto 32: Seu João Batista, sapateiro e filho de um antigo dono de canoa da cidade de araçuaí.

Foto 33: Uma antiga canoa resiste na beira do rio Jequitinhonha.

VI - Bibliografia

- ALMEIDA, Wesley Pioest. *Jequitinhonha: antologia poética*. Belo Horizonte, 1982.
- BARBOSA, Cibele e Galavoti, Glauce. *Itinerários marginais: O Brasil do Vale do Jequitinhonha*. Santo André: Edições Alpharrabios, 1997.
- BARRETO, Abílio. *A noiva do tropeiro*. Belo Horizonte: Livraria Belo Horizonte, 1946.
- BENJAMIM, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Obras Escolhidas, vol. 1. São Paulo: Brasiliense, 7ª ed., 1994.
- BISON, Wanderluce Pessoa. *A volta por cima – Mulheres migrantes entre o Vale do Jequitinhonha e São Paulo*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Geografia. Universidade de São Paulo, agosto de 1995.
- BITTENCOURT, Luciana. *Tecendo textos culturais: tecelagem, narrativas orais e gênero no Vale do Jequitinhonha*. Revista de Antropologia, vol.38, nº 2. SP, 1995
- BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Memória/Sertão*. São Paulo: Editorial Cone Sul e Editora UNIUBE, 1998.
- BRANDÃO, José G. Jardim. *O Vale do Jequitinhonha e sua riqueza mineral*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1974.
- BURTON, Richard. *Viagem de canoa de Sabará ao Oceano Atlântico*. Trad. David Jardim Junior. BH/Itatiaia; SP/ EDUSP, 1977.
- CARDOSO, Ciro Flamarion. *Narrativa, Sentido, História*. Campinas/SP: Papyrus, 1997.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *O Trabalho do Antropólogo*. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: UNESP, 1998
- CARVALHO, Francisco Gilmar C. de. *Madeira Matriz: Cultura e Memória*. Tese de Doutorado. PUC-SP, 1998, 266p.
- DENZIN, Norman K. *Interpretando as Vidas de Pessoas Comuns: Sartre, Heidegger e Faulkner*. Revista Dados, vol.27, nº 1, 1984, pp. 29-43.
- D'ORBIGNY, Alcide, *Viagem pitoresca através do Brasil*. Trad. David Jardim. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1976.

- DUARTE, J. *Vultos sem história*. Belo Horizonte/MG, 1972.
- DURKHEIM, Émile. *As Formas Elementares da Vida Religiosa*. São Paulo: Edições Paulinas, 1989.
- FELDMAN-BIANCO, Bela. *Antropologia das Sociedades Contemporâneas: Métodos*. São Paulo: Global, 1987
- FIGUEIREDO, Augusta. *A mulata Luciana no Vale do Jequitinhonha*. Belo Horizonte, 1995.
- FIGUEIREDO, Carlos. *Me ajude a levantar: depoimento de Maria Lira, uma mulher do Jequitinhonha*. Belo Horizonte. Edições Pedra Verde – vol. 1, 4ª edição, 1983.
- FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. *Homens livres na ordem escravocrata*. São Paulo: Ática, 1974.
- GAGNEBIN, Jean Marie. *História e Narração em Walter Benjamin*. (Coleção estudos: 142). São Paulo: Perspectiva; Campinas/SP: Ed. da UNICAMP, 1994.
- GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1989.
- HALBWACHS, M. *Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1990.
- KOFES, Suely. *Experiências Sociais, Interpretações Individuais: histórias de vida, suas possibilidades e limites*. Cadernos Pagu (3). Campinas, PAGU/UNICAMP, 1994.
- LEAL, Victor Nunes. *Coronelismo, Enxada e Voto: O município e o regime representativo no Brasil*. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1976.
- LE GOFF, Jacques. Memória. *História e Memória*. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 1996. pp. 423-483.
- _____. Passado/Presente. *História e Memória*. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 1996. pp. 203-231.
- MAIA, Eduardo Santos. *Impressões de viagem de Belmonte á Villa Jequitinhonha*. Bahia, 1917.
- MATOS, Sônia Missagia. *Artefatos de gênero na arte do barro*. Tese de Doutorado. Departamento de Antropologia. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas, setembro de 1998.
- MAWE, John. *Viagens pelo interior do Brasil*. Trad. Selena Benevides Viana. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1978.
- MONTEIRO, John Manuel. *Negros da Terra: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

- MOURA, José Pereira Freire de. *Exploração no Jequitinhonha*. Ouro Preto, Revista do Arquivo Público Mineiro, II, 1897.
- MOURA, Margarida Maria. *Os deserdados da terra*. Rio de Janeiro. Bertrand do Brasil, 1988.
- NEVES, Zanoní. *Navegantes da integração - Os remeiros do rio São Francisco*. Belo Horizonte. Editora UFMG, 1998.
- NIEMEYER, Ana Maria e GODOI, Emília Pietrafesa. O sistema do lugar: história, território e memória no sertão. *Além dos territórios*. Campinas. Mercado das Letras, 1998.
- OLIVEIRA, Edson Santos de. O Tear da Memória em Infância. *O Eixo e a Roda – Memorialismo e Autobiografia*. Revista de Literatura Brasileira da Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, vol. 6, julho/1988. pp. 105-120.
- PARAISO, Maria Hilda Baqueiro. As tribos reunidas: os Maxacali. *O tempo da dor e do trabalho - A conquista de territórios indígenas nos sertões do leste*, vol. 2. Tese de Doutorado em História Social. Departamento de Pós-Graduação em História Social. Faculdade de Filosofia, letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, abril de 1988. pp.283-330
- PAULINO, Otto. *O Estranho Mundo do Doutor Boaventura – Crônicas do Jequitinhonha*. In: Claver, Ronald. *Senhora do Mundo*. Belo Horizonte/UFMG: Imprensa Oficial, 1988. pp. 9-13
- PEREIRA, Leopoldo. *O município de Araçuaí*. Belo Horizonte. Imprensa Oficial, 1969.
- PEREIRA, Vera Lúcia Felício. *O artesão da memória no Vale do Jequitinhonha*. Belo Horizonte: Editora UFMG/Editora PUC-Minas, 1996.
- PIETRAFESA DE GODOI, Emília. *O Trabalho da Memória: cotidiano e história no sertão do Piauí*. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 1999.
- POEL, Frei Chico van der, O. F. M. *Bibliografia do Jequitinhonha e outras coisas de lá*. Belo Horizonte. Imprensa Oficial, 1986.
- _____. *Com Deus me deito, com Deus me levanto: orações da religiosidade popular católica*. Estudos da CNBB, 17. São Paulo: Edições Paulinas, 1979.
- POHL, Johann Emanuel. *Viagem no interior do Brasil*. Trad. Milton Amado e Eugênio Amado. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1976.
- POLLAK, Michael. *Memória e Identidade Social*. Estudos Históricos, vol.5, nº 10, 1992. Rio de Janeiro, FGV. pp. 200-212
- _____. *Memória, Esquecimento, Silêncio*. Estudos Históricos, vo. 2, nº 3, 1989. Rio de Janeiro, FGV. pp. 3-15

- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Experimentos com Histórias de Vida: Itália-Brasil*. Org. e introd.: Olga de Moraes von Simson. São Paulo: Vértice, Revista dos Tribunais, 1988.
- RAMOS, Graciliano. *Infância*. Col. Mestres da Literatura Contemporânea, n. 6. Rio de Janeiro: Record.
- RIBEIRO, Eduardo Magalhães. *Lembranças da terra. Histórias do Mucuri e Jequitinhonha*. Contagem. CEDEFES, 1996.
- RIBEIRO, Ricardo Ferreira. *Campesinato: Resistência e Mudança – O caso dos atingidos por barragens do vale do Jequitinhonha*. vol. 1. Belo Horizonte: UFMG, 1993. (Dissertação de Mestrado em Sociologia – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, 1993).
- RIOS-NETO, Eduardo e VIEIRA, Paula MRD. *Mulheres de migrantes sazonais no vale do Jequitinhonha*. GT: População e Sociedade no Brasil. XIII Encontro Anual da ANPOCS, 23 a 27 de outubro de 1989. Caxambu, Minas Gerais.
- ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- SAINT-HILAIRE, Auguste. *Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*. Trad. Vivaldi Moreira. Belo Horizonte: Itatiaia, São Paulo: EDUSP, 1975.
- SANCHIS, Pierre. *Arraial: Festa de um Povo: as romarias portuguesas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1983.
- SOARES, Geralda Chaves. *Os Borun do Watu – os índios do Rio Doce*. Contagem/MG: CEDEFES, 1992.
- SOUSA, João Valdir Alves de. Luzes e sombras sobre a história e a cultura do Vale do Jequitinhonha.” *Trabalho, Cultura e Sociedade no Norte/Nordeste de Minas: Considerações a partir das Ciências Sociais*. Gilmar Ribeiro dos Santos (org). Montes Claros/MG: Best Comunicação e Marketing, 1997.
- TETTEROO, Frei Samuel, O. F. M. *Memória Histórica e Geográfica do Município de Jequitinhonha*. Teófilo Otoni/MG: Tipografia São Francisco, 1919.
- THOMPSON, Paul. *A Voz do Passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- VELHO, Otávio. *O Cativo da Besta-Fera*. Besta-Fera: recriação do mundo: Ensaio Crítico de Antropologia. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SECÃO CIRCULANTE